

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

BRUNO JOSÉ DE MATTOS

**A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E
A PSICOLOGIA DO ESPORTE:
Vivências de um psicólogo com jogadores e a
comissão técnica de uma equipe durante os
períodos de preparação e disputa da Copa São
Paulo de Futebol Júnior.**

Campinas
2010

BRUNO JOSÉ DE MATTOS

**A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E
A PSICOLOGIA DO ESPORTE:**

**Vivências de um psicólogo com jogadores e a
comissão técnica de uma equipe durante os
períodos de preparação e disputa da Copa São
Paulo de Futebol Júnior.**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Pedro José Winterstein

Campinas
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

M436a	<p>Mattos, Bruno José de.</p> <p>A abordagem centrada na pessoa e a psicologia do esporte: vivências de um psicólogo com jogadores e a comissão técnica de uma equipe durante os períodos de preparação e disputa da Copa São Paulo de Futebol Júnior / Bruno José de Mattos. - Campinas, SP: [s.n.], 2010.</p> <p style="text-align: center;">Orientador: Pedro José Winterstein.</p> <p style="text-align: center;">Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.</p> <p style="text-align: center;">1. Psicologia do esporte. 2. Psicologia Fenomenológica. 3. Pesquisa qualitativa. 4. Futebol - Treinamento. 5. Atletas - Treinamento. 6. Abordagem Centrada na Pessoa. I. Winterstein, Pedro José. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">(asm/fef)</p>
-------	--

Título em inglês: The Person Centered Approach and Sport Psychology: Experiences of psychologist with players and coaching staff of a team during periods of preparation and the Copa São Paulo de Futebol Junior.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Centered Person Approach. Sport Psychology. Existential Phenomenological psychology. Qualitative research. Soccer training. Training of Young athletes.

Área de Concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Mestrado em Educação Física.

Banca Examinadora: Pedro José Winterstein. Mauro Martins AmatuZZi. Elaine Prodócimo.

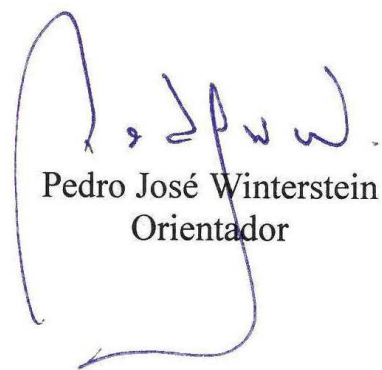
Data da defesa: 06/08/2010.

BRUNO JOSÉ DE MATTOS

**A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E A
PSICOLOGIA DO ESPORTE:**

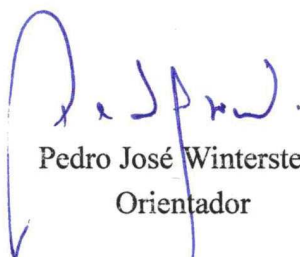
**Vivências de um psicólogo com jogadores e a comissão
técnica de uma equipe durante os períodos de preparação e
disputa da Copa São Paulo de Futebol Júnior.**

Este exemplar corresponde a redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Bruno José de Mattos e aprovada pela Comissão julgadora em: 06/08/2010.



Pedro José Winterstein
Orientador

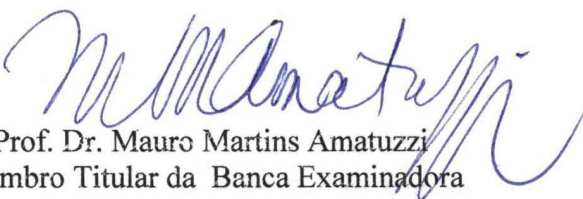
Campinas
2010

COMISSÃO JULGADORA

Pedro José Winterstein
Orientador



Prof(a). Dra. Elaine Prodócimo
Membro Titular da Banca Examinadora



Prof. Dr. Mauro Martins Amatzuzi
Membro Titular da Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Bernardinho (in memoriam), meu melhor amigo, irmão, companheiro fiel, cachorro da raça São Bernardo, com o coração repleto de paz e amor, que me acompanhou desde o primeiro ano de graduação até os momentos finais do meu Mestrado na Unicamp, junho de 2010. Não foi fácil terminar este trabalho devido ao processo de luto que estou vivendo. Tenho a certeza de que numa outra dimensão ele está em paz e continua me acompanhando. Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e ao nosso Senhor Jesus Cristo por sempre iluminarem os meus caminhos e abençoarem a minha vida e a da minha família.

Aos meus familiares (pai, mãe, irmã, tia Magda, as duas avós e ao Bernardinho) pelo carinho, amor, ensinamentos, incentivos, acolhimento, proteção, formação e valores que continuam me dando.

Aos meus amigos da FEF Unicamp, da Psicologia da PUC Campinas, do Clube Araraquarense, do Grupo de Supervisão do Mauro, das baladas, da internet, dos passeios com os nossos cachorros, vizinhos de kitnet em Campinas, do futebol, de terapias e as antigas namoradas. Não vou citar nomes, pois tenho o receio de esquecer alguém e isto seria uma enorme injustiça.

Ao meu orientador, Pedro José Winterstein, pelos seus ensinamentos, dedicação, carinho, amizade, conselhos e confiança que me deu desde o início deste trabalho.

Aos sábios, humanistas, Mauro Martins AmatuZZi e Hermes Ferreira Balbino, pela amizade que mantemos, pelos ensinamentos e exemplos de vida que me passam.

A Professa Elaine Prodócimo, pelos ensinamentos, dedicação e boa vontade que teve ao me ajudar a realizar este trabalho.

A CAPES e ao CNPQ pelo apoio financeiro e estrutural que deram a minha pesquisa científica.

MATTOS, Bruno José de. **A Abordagem Centrada na Pessoa e a Psicologia do Esporte:** Vivências de um psicólogo com jogadores e a comissão técnica de uma equipe durante os períodos de preparação e disputa da Copa São Paulo de Futebol Júnior. 2010. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

Os objetivos desta pesquisa foram compreender e refletir sobre o serviço de atenção psicológica prestado por um psicólogo, que se orientou pelos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa, numa equipe de futebol durante os períodos de preparação e disputa da Copa São Paulo de Futebol Júnior. O referencial teórico utilizado foi o da Psicologia Humanista de Carl Ransom Rogers, a Abordagem Centrada na Pessoa. O presente estudo aplicou-se num Clube de Futebol do Estado de São Paulo, que disputou uma das edições da Copa São Paulo de Futebol Júnior. Participaram da pesquisa os jogadores e a comissão técnica da equipe. A pesquisa é de natureza qualitativa e o seu caminhar metodológico se deu pela abordagem fenomenológica. Utilizou-se a técnica da Narrativa para relatar as vivências psicológicas dos participantes. O proponente inseriu-se na condição de Observador Participante, uma vez que foi o psicólogo do time de futebol e também pesquisador. Justifica-se a importância deste estudo pela possibilidade que os leitores terão de conhecer o que é vivenciado dentro de um ambiente esportivo de alto rendimento, tão fechado e peculiar; dessa forma poderão discutir com mais propriedade sobre o papel da atenção psicológica no Esporte. Nos resultados foram apresentados os relatos dos atendimentos psicológicos prestados, a compreensão e reflexão do pesquisador por cada um deles, as suas percepções e os seus sentimentos diante dos fenômenos que surgiam. Foi salutar refletir na discussão dos resultados que o encontro da Abordagem Centrada na Pessoa e o Esporte exigem um novo paradigma ao olhar o atleta. A pessoa atleta não é um ser acabado; determinado pelo meio; ou passível de rótulo, fruto de perfis psicológicos. A melhor forma de ajudar a pessoa atleta é promover o seu desenvolvimento global. A pessoa atleta é autodeterminada, tem potencial para se autocompreender, é consciente e livre. Sua opinião deve ser valorizada na periodização da equipe.

Palavras-Chaves: Abordagem Centrada na Pessoa; Psicologia do Esporte; Pesquisa Qualitativa; Psicologia Fenomenológica; Treinamento de Jovens Atletas; Treinamento em Futebol.

MATTOS, Bruno José de. **The Person Centered Approach and Sport Psychology:** Experiences of psychologist with players and coaching staff of a team during periods of preparation and the Copa São Paulo de Futebol Junior. 2010. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

The objectives of this research were to understand and reflect on the psychological care service provided by a psychologist, who was guided by the assumptions of the Person Centered Approach, a soccer team during the periods of preparation and the Copa São Paulo de Futebol Júnior. This theoretical framework was the humanistic psychology of Carl Ransom Rogers, the Person Centered Approach. This study applied a Football Club of São Paulo, who played one of the editions of the Copa São Paulo de Futebol Júnior. Study participants included the players and technical team. The research is a qualitative methodology and its walk was because of the phenomenological approach. We used the technique of narrative to relate the psychological experiences of the participants. The bidder was part of the status of observer participant, since the psychologist was on the football team and also a researcher. Justifies the importance of studying the possibility that readers need to know what is experienced within a sports environment for high yield, so close and peculiar, so they can discuss in more property on the role of psychological attention in Sports. Results were presented in the reports of psychological care provided, the researcher's understanding and reflection by each of them, their perceptions and their feelings about the phenomena that arose. It was salutary to reflect the discussion results of the meeting of the Person Centered Approach and Sport require a new paradigm to look at the athlete. The person being an athlete is not finished; determined by using, or likely to label the result of psychological profiles. The best way to help the individual athlete is promoting its global development. The athlete is self-determined person, has the potential to they understand themselves, is conscious and free. His opinion should be valued in the strategic planning of the team.

Keywords: Person-Centered Approach; Sport Psychology; Qualitative Research; Phenomenological Psychology; Training for Young Athletes; Training in Soccer.

SUMÁRIO

Apresentação	19
I - A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E O ESPORTE	25
1.1 O meu caminhar para a Abordagem Centrada na Pessoa no Esporte	25
1.2 O Humanismo e a Psicologia	27
1.3 Carl Ranson Rogers e o nascimento da ACP	29
1.4 A chave da abordagem	31
1.5 A relação de ajuda com a pessoa atleta	37
II - RECURSOS METODOLÓGICOS	47
2.1 O contexto	47
2.2 Os participantes da pesquisa	49
2.3 A classificação da pesquisa	51
2.4 Procedimentos	53
2.5 A escolha de um método	55
2.6 A Figura Esquemática do Método	61
2.7 Os cuidados éticos	67
III - RESULTADOS	69
3.1 Primeiro Dia	69
3.2 Segundo Dia	73
3.3 Terceiro Dia	78
3.4 Quarto Dia	81
3.5 Quinto Dia	84
3.6 Sexto Dia	85
3.7 Sétimo Dia	86
3.8 Oitavo Dia	92
3.9 Nono Dia	98
3.10 Décimo Dia	104
3.11 Décimo Primeiro Dia	106
3.12 Décimo Segundo Dia	108
3.13 Décimo Terceiro Dia	109
3.14 Décimo Quarto Dia	111
3.15 Décimo Quinto Dia	111
3.16 Décimo Sexto Dia	113
3.17 Décimo Sétimo Dia	114
3.18 Décimo Oitavo Dia	115

3.19 Décimo Nono Dia	116
3.20 Vigésimo Dia	119
3.21 Vigésimo Primeiro Dia	121
3.22 vigésimo Segundo Dia	122
3.23 Vigésimo Terceiro Dia	124
3.24 Vigésimo Quarto Dia	127
3.25 Vigésimo Quinto Dia	129
3.26 Vigésimo Sexto Dia	133
3.27 Vigésimo Sétimo dia	133
3.28 Vigésimo Oitavo Dia	133
3.29 Vigésimo Nono Dia	134
3.30 Trigésimo Dia	136
3.31 Trigésimo Primeiro Dia	137
3.32 Trigésimo Segundo Dia	137
3.33 Trigésimo Terceiro Dia	137
3.34 Trigésimo Quarto Dia	139
IV - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	141
V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	153

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de pesquisa é a oportunidade de realização de um sonho, iniciado logo nos primeiros anos da Faculdade. Sempre fui um esportista e amante do futebol. Resolvi fazer desta paixão a minha profissão e por isso ingressei na Faculdade de Educação Física da Unicamp. Mas esta não foi uma decisão tão simples quanto possa parecer. Tive muitas dúvidas antes da sua escolha. Frequentei alguns anos de cursos pré-vestibulares e prestei processos seletivos para as mais diversas profissões. Havia muitas dúvidas em minha mente, a maioria delas compreendia perguntas existenciais: seria melhor eu fazer um curso tradicional, supostamente rentável e que conseqüentemente me daria respaldo financeiro no futuro? Ou eu deveria escolher uma profissão que estivesse em destaque, que fosse novidade no mercado de trabalho, aproveitando o vazio do mercado? Até que ponto meus gostos, valores, repulsas, afinidades deveriam ser levados em conta na escolha do meu futuro profissional? Quais seriam esses predicados, tendências que eu possuía? Nesses anos passados o que mais me ajudou na escolha de carreira e realização foi o trabalho de orientação profissional que os cursos pré-vestibulares me forneceram. Neles, tive o primeiro contato com a figura do psicólogo. Os atendimentos que frequentei foram significativos para o meu autoconhecimento. Este caminho processual encorajou-me para arriscar a fazer algo que realmente pertencesse a minha identidade e me trouxesse felicidade. Hoje, reflito que esta época de decisões não é uma fase fácil para um jovem, pois logo cedo, numa sociedade capitalista, já necessitamos escolher um futuro profissional que possivelmente nos acompanhará na maior parte das nossas vidas e representará boa parte de nossa identidade.

Muito feliz em conseguir ingressar na Universidade eu já havia planejado, num futuro não muito distante, trabalhar com preparação física no Esporte de Alto Rendimento. Ledo engano. No primeiro semestre tive contato com vários textos, na disciplina de Estudos Filosóficos do Esporte, que debatiam a dicotomia entre mente e corpo, todos eles propunham uma visão holística do ser humano. Eu estava entusiasmado pelo tema e fui atrás de mais referências, e aí encontrei a Psicologia do Esporte. Bastante motivado ingressei no ano seguinte no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Acabei encontrando mais uma paixão. cursava Educação Física no período noturno e Psicologia no período integral.

Concluí a formação de Bacharelado em Treinamento em Esportes, na Faculdade de Educação Física da Unicamp e; também a Formação de Psicólogo e a Formação em Bacharel Pesquisador em Psicologia (modalidade optativa) pela PUC de Campinas.

No decorrer dos cinco anos pude vivenciar, diariamente, o esporte e a psicologia. Esta experiência me fez dialogar com estes dois campos do conhecimento, de modo que sempre fazia associações frente aos conceitos aprendidos nas aulas de ambos os cursos. Os estágios obrigatórios, nestes dois cursos, me deram uma bagagem prática muito importante: escuta psicológica, atendimento individual, lidar com grupos, observar sistematicamente os fenômenos, propor pedagogias adequadas à individualidade das pessoas, compromisso ético com o indivíduo e às instituições, além das sadias discussões das minhas intervenções com os meus pares e supervisores. Optei pela concentração de estágio no curso de Psicologia, na área da Psicologia Clínica, com o referencial da Abordagem Centrada na Pessoa (a qual me orienta até os dias de hoje). Já os estágios supervisionados do curso de Educação Física foram feitos em Clubes de Futebol Profissional. Essas práticas me propiciaram muita confiança para realizar o trabalho de campo desta pesquisa. Conhecia bem o contexto no qual eu estava inserido e também tinha um treinamento que facilitava a compreensão dos sentimentos dos sujeitos deste estudo.

Destas minhas formações e paixões retomo o primeiro parágrafo quando falava que a realização deste trabalho de pesquisa é a consagração de um sonho. Pois foi no Mestrado que pude unir e dialogar, de forma sistemática, com as duas ciências evidenciadas. Não obstante, procurei construir um estudo que fosse teórico e prático (ida a campo). A parte prática foi o trabalho de intervenção psicológica e de observador participante que realizei num time de Futebol, que disputou a Copa São Paulo de Futebol Júnior. Acompanhei a equipe, com seus jogadores e comissão técnica nos períodos de preparação e disputa deste torneio. Os dados (relatos em forma de narrativas) trazidos a este estudo são frutos das minhas intervenções como psicólogo da equipe e pesquisador.

Minhas inquietações, minhas dúvidas, construindo as hipóteses

No final do refrão da música “É uma partida de futebol”, cantada pela banda Skank, composta por Samuel Rosa e Nando Reis, há uma pergunta: “... Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?...”.

Tenho vivenciado a cultura do futebol brasileiro de perto e conhecendo a realidade do Brasil, dos brasileiros e do futebol mundial reflito que a pergunta inserida na letra desta música vai muito além da inocente fantasia de um menino. Passa a ser um projeto de vida, real e planejado, não só do garoto, mas principalmente dos seus pais e bem parasitado pelos empresários. A Federação Internacional de Futebol (FIFA), órgão máximo que controla esta modalidade no mundo, têm mais países filiados do que a Organização das Nações Unidas (ONU). Isto revela a força do futebol como fenômeno social mundial. A final da Copa de 2006 teve como estimativa cerca de 1 bilhão de telespectadores, sendo transmitida para mais de 200 países (Folha Online, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u105559.shtml>). Observando esses dados e a realidade do futebol brasileiro e mundial posso concluir que o futebol também pode ser encarado como um negócio altamente lucrativo e de extrema influência política. Acompanhando esta lógica o futebol passa a ser uma importante oportunidade de mobilidade social da população brasileira, que é de baixa renda.

A categoria de juniores do futebol é a última etapa antes do jogador atingir o nível profissional. A Copa São Paulo de Futebol Junior é o maior e mais importante torneio das categorias de base do futebol brasileiro. Ela é considerada uma vitrine de jogadores para os Clubes. Os jovens atletas que são destaques neste torneio terão grandes chances de serem jogadores profissionais de futebol. Da noite para o dia viram estrelas, ídolos, jovens milionários. A ponte para os melhores times do Brasil e do Mundo é feita pelos empresários (agenciadores de jogadores). São eles que realizam a intermediação dos contratos entre os Clubes e os jogadores. Eles lotam as arquibancadas da Copa São Paulo de Futebol Junior, como se fossem garimpeiros a procura de uma pedra preciosa. Estão sempre em busca de um novo craque para agenciá-lo. Lucram com as comissões de vendas e percentuais de salários dos jogadores dos quais passam a ser “donos”.

Em sua maioria os Clubes brasileiros de futebol são pobres, não têm recursos

financeiros e estruturas físicas adequadas para manter por mais de algumas temporadas os atletas que ainda não se destacaram. Por isso, ao término da competição eles são dispensados do Clube. Para os jovens jogadores que não tiveram êxito na competição o sonho está acabado, dificilmente haverá outras oportunidades. Nos anos seguintes novos milhares de jovens jogadores virão em busca da mesma chance.

Há uma hipótese inicial, que junto do fim de um sonho também estaria à perda da identidade desses atletas. Passaram a infância e a adolescência trabalhando firme em busca de um sonho, dedicaram-se exclusivamente a ele, abdicaram de muitos outros valores e oportunidades (estudo, outros círculos de amizade, qualificação profissional) para a sua concretização. Quando isso tem um fim reverso ao sonho de todos, naturalmente virão algumas perguntas à mente destes jovens: - o que vou fazer agora? Quem sou eu? Irei fracassar em outros momentos da minha vida? Estou perdido! Os sentimentos de desvalia, inutilidade, impotência podem imperar no desenvolvimento de suas vidas.

Eu estava convicto que os medos relacionados à perda da identidade estivessem alarmando constantemente a vida dessa juventude. E, num momento de preparação, em que a hora da decisão (não a do campeonato, mas a da vida) se aproxima, muitos deles precisam de um cuidado especial, psicológico; porque há muita pressão emocional, cobrança de todos, expectativa depositada e sentimentos de incertezas. Podem estar num estresse emocional profundo e, apesar deste estado angustiante, eles precisam render o máximo dentro de campo. Uma triste, difícil e paradoxal realidade.

Frente a estas dificuldades surgiu-me uma dúvida sobre o que faz o psicólogo de um time num momento desses: trabalhar os aspectos emocionais específicos à melhoria do desempenho esportivo e, com isso, fechar os olhos aos problemas existenciais dos jogadores e ignorando este contexto; ou trabalhar com a demanda que cada um me trouxesse independentemente ao rendimento esportivo (resultados individuais e da equipe)? Em outras palavras, eu “ajudaria” os atletas com técnicas psicológicas (alienantes e mecânicas, na minha visão) que dessem conta de adaptá-los àquela difícil realidade, importando apenas os resultados finais nas partidas (individuais ou coletivos); ou eu os ajudaria propondo o autoconhecimento e a busca da autonomia (sem a preocupação com os resultados). Esta dúvida me acompanhou ao longo das minhas intervenções no Clube, pois comecei a refletir sobre o que seria ajuda psicológica no esporte. Pela orientação da linha de pensamento da Abordagem Centrada na

Pessoa, a qual partilho seus valores, escolhi pela ética trabalhar com o sentimento que eles me trouxeram. A proposta era de que as minhas atitudes facilitadoras obrigariam os jogadores a pensar o jogo e a vida a partir das suas vivências. Ao olharem para o significado delas, entrariam em autoconhecimento e diante deste processo teriam força mental, consciente, para poder traçar suas metas e se desenvolverem.

Na organização do trabalho científico, dividi esta Dissertação em quatro capítulos, além da Apresentação, Considerações Finais e Referências. No Capítulo I faço uma apresentação dos principais pontos que sustentam a Abordagem Centrada na Pessoa, a qual me orientou na realização do trabalho de intervenção em Campo. O Capítulo II ressalta os recursos metodológicos. Neste há os detalhes de como esta pesquisa foi esquematizada e justifica-se em congruência aos objetivos e pressupostos teóricos. O Capítulo III traz os resultados da pesquisa em forma de Narrativas (técnica de pesquisa fenomenológica). Acontece o relato detalhado das minhas vivências, do que foi percebido, do que veio à minha consciência e do que senti. Também acrescento reflexões sobre cada dia narrado. A Discussão dos Resultados compõe o Capítulo IV, nele faço o distanciamento das minhas vivências psicológicas com os jogadores e reflito, em diálogo com a teoria que sustenta esta pesquisa, sobre o significado das experiências que foram relatadas. Nas Considerações Finais faço um fechamento do que foi significativo para mim neste estudo e sua importância para a sociedade e a comunidade científica.

Objetivos e Justificativa

Sabe-se que a maioria dos estudos sobre Psicologia do Esporte compreende a linha de pensamento da Análise do Comportamento Humano. Pode-se dizer que há uma escassez de trabalhos de Psicologia do Esporte que adotam outras correntes psicológicas. Será que há uma abordagem específica e mais condizente para o Esporte de Alto Rendimento? Também são poucos os trabalhos etnográficos, de pesquisa participante, pesquisa ação, pesquisa intervenção. O universo do Esporte de Alto Rendimento é restrito aos profissionais da área e assim paira a curiosidade de como as relações se estabelecem naquele contexto. Ter acesso aos detalhes de como se desenvolveram os atendimentos psicológicos no ambiente esportivo ajuda a comunidade

científica a refletir sobre a Psicologia do Esporte e o papel do psicólogo esportivo.

Através das narrativas apresentadas neste trabalho as pessoas tomarão conhecimento de como se deu o trabalho de atenção psicológica no Esporte, pautado pela orientação da Psicologia Humanista de Carl Rogers. Dessa forma entende-se que o pesquisador é indissociável da pesquisa, pois é um ser em relação.

Portanto, os objetivos desta pesquisa foram: compreender e refletir sobre o serviço de atenção psicológica prestado por um psicólogo, que se orientou pelos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa, numa equipe de futebol, durante os períodos de preparação e disputa da Copa São Paulo de Futebol Júnior.

I – A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E O ESPORTE

1.1 O meu caminhar para a Abordagem Centrada na Pessoa no Esporte

O meu primeiro contato com a Abordagem Centrada na Pessoa foi durante as aulas da disciplina de Teorias da Personalidade. Nelas comecei a razoar sobre algumas questões que me foram apresentadas: em que medida nossas crenças, emoções e ações são livres e em quais aspectos elas são determinadas por uma causa fora de nosso controle? Somos basicamente bons, neutros ou maus? Fixos ou modificáveis? Ativos ou passivos no controle de nossos destinos? O que constitui saúde psicológica?

A partir destas perguntas tomei conhecimento de muitas linhas de pensamento que sugeriam respostas a elas. Uma reação notória que constatei na maioria dos meus colegas, inclusive comigo, foi à aceitação imediata de uma teoria em contraproposta às demais. Havia a necessidade de encontrarmos rapidamente uma teoria para segui-la e fecharmos os olhos para as demais. Esta ansiedade era justificada por dois motivos interdependentes: a nossa imaturidade e o medo de nunca atinarmos para uma teoria que fosse perfeita para nós, ou seja, que nos contemplasse com todas as respostas para a subjetividade humana. Um pouco parecido com dogmas religiosos, procurávamos conceitos que fossem incontestáveis para nós. Porém, em notório afluxo, acontecia de não gostarmos mais daquela teoria inicialmente escolhida ou de não concordarmos com alguns dos seus pressupostos. Bastante colidente à situação, porque perdíamos novamente a direção de como “olhar” o indivíduo. Repetidamente buscávamos novas linhas de pensamento, sustentadoras de todas as respostas da alma humana; mas os resultados das nossas insatisfações eram os mesmos. Com essa apropriação e desapropriação de pressupostos teóricos fomos aprendendo a olhar a teorias criticamente. Com este aumento de percepção tivemos mais confiança para escolhermos a que mais se identificava com as nossas subjetividades.

Foram várias as vezes que comentei com meus colegas de profissão sobre o meu trabalho de Psicologia (referencial da ACP) e Esporte (futebol de alto rendimento). Existia uma pergunta comum a todos, que eu era obrigado a responder: é possível a intervenção da ACP

no Esporte? Este questionamento tem implícito algumas tendências que são recorrentes nos trabalhos de intervenção psicológica no esporte. A primeira é o fato da corrente behaviorista abranger a maior parte destes; porventura isto se deve às exigências do Esporte de Alto Rendimento, que obriga resultados expressivos dos atletas e das equipes num curto espaço de tempo. Neste íterim está a segunda tendência, ou estereótipo, ao qual se atribui valores de eficácia à determinada linha de pensamento em detrimento às demais, considerando a variável tempo. A ajuda psicológica behaviorista no Esporte, basicamente consiste em identificar os comportamentos ou variáveis (externas) que são favoráveis ou prejudiciais ao rendimento dos atletas e das equipes. Depois as reforça, pune ou as extingue. Focam o resultado esportivo através da análise do comportamento humano. O psicólogo assume uma postura de perito para a análise destas evidências e, portanto, sabe qual é a melhor estratégia para o indivíduo seguir. Depreendo que o psicólogo, nesta ótica, atende muito mais aos anseios da instituição esportiva, ou dos torcedores do que indivíduos que são os protagonistas do Esporte.

O problema acontece quando os anseios da pessoa vão na contramão dos anseios da instituição, ou quando há diferentes verdades para a mesma situação. Caberia ao psicólogo o poder de julgar qual lado estaria mais adequado? Quando isto acontece não basta olhar apenas o comportamento das pessoas e as variáveis que nele interferem, é preciso buscar a compreensão do sentido que elas tiveram das suas vivências. O psicólogo deixaria de ocupar uma posição de perito, superioridade. Equipar-se-ia ao mesmo nível dos clientes, numa relação pessoa-pessoa. Desta relação o cliente (atleta) entraria em processo de autocompreensão e ele próprio saberia delinear as suas metas. Com esta outra perspectiva, a “carga” do resultado e do tempo destinado a sua concretização fica inerente a cada pessoa ou grupo, tornam-se subjetivos, podendo variar de algumas horas ou anos. Sendo assim, não se pode afirmar que uma linha de pensamento é mais eficaz do que a outra no Esporte. Estão sujeitas às vontades e oportunidades das pessoas (clientes). Eu defendo a incorporação da Abordagem Centrada da Pessoa no Esporte e a justifico não pela sua eficácia no desempenho dos atletas, mas sim pela sua postura ética.

Em síntese, tenho o discernimento de que a ACP favorece a liberdade de escolha da pessoa. Consciente e autônoma ela terá coragem para aceitar quem realmente é, a partir desta aceitação, irá percorrer trilhas traçadas por si, estas levarão ao seu crescimento. Para isto acontecer é valioso o exercício de confiança nas potencialidades de cada ser humano. A pessoa amplia sua consciência quando passa a escutar a si própria, quando percebe e compreende

os seus próprios sentimentos. É um exercício de autonomia que a Psicologia Humanista da ACP propõe, pautado na qualidade de aceitação, compreensão e honestidade da relação entre psicólogo e cliente.

Imagine um atleta que se submeta a preparação esportiva de alto rendimento. Em quase toda carreira ele estará sujeito a “obedecer” comandos: da torcida, dos pais, da comissão técnica, dos empresários, patrocinadores e etc. Mas onde estaria a sua criatividade? Seria ele um robô-motriz de sentimentos e pensamentos dos outros, daqueles que o observam de fora? Penso que não, apesar de perceber este fenômeno com elevada constância no esporte. Há conseqüências sintomáticas. As principais angústias e sofrimentos dos atletas são oriundos desta impossibilidade de agir conforme almejaram. Por conseguinte vem o arrependimento, o estado de desvalia, a lamentação de não terem feito o que realmente queriam. Impossibilidade esta acentuada pela ditadura dos outros; pela falta de oportunidades, de assumir o interior dos seus sentimentos e transformá-los em ações. Em casos piores há o desconhecimento do próprio “eu”. Não sabem do que são capazes, não escolhem caminhos, não planejam jogadas; esperam algo a ser dito.

Neste quadro, o trabalho com a ACP no Esporte não é muito difundido e sugere novos procedimentos na Ciência do Treinamento Esportivo. Dificilmente os atletas de alto rendimento, em seu ambiente de trabalho, contam com pessoas dispostas a escutá-los, compreendê-los sem que haja repulsa ou punição a partir dos conteúdos das suas falas e isto também é fundamental para a qualidade dos resultados destes atletas.

1.2 O Humanismo e a Psicologia

Aprendemos na história que o Humanismo compreendeu uma época de transição entre a Idade Média e o Renascimento. Na Idade Média havia o predomínio do pensamento religioso como sendo a melhor condição para a explicação dos fenômenos da experiência humana, da realidade; tudo era atrelado ao plano do divino. Foi à época em que o pensamento teocêntrico teve maior força na história da humanidade e a Igreja exercia significativo papel social.

Com o fim da Idade Média e o início do Renascimento houve uma ruptura neste modo de atribuir o sentido das coisas à perspectiva teocêntrica. Muitos pensadores, intelectuais, artistas da época começaram a manifestar em seus trabalhos outro paradigma: a valorização do potencial humano. Atribuía-se o Homem como o senhor de seu próprio destino. A razão de todo o conhecimento era fruto da natureza humana e não mais do sagrado. Grandes revoluções aconteceram neste período nos mais diversos patamares: político, científico, religioso, artístico, entre outros (VICENTINO, 1997).

O Humanismo Clássico defendia, portanto, a individualidade, o singular, a busca de novas descobertas e a liberdade de expressão do ser humano. AmatuZZi (2001) interliga a época do Humanismo Clássico com os propósitos iniciais da Psicologia Humanista.

Mas é talvez daí que o termo tenha se generalizado, podendo ser aplicado a qualquer filosofia que coloque o homem no centro de suas preocupações, ou como um adjetivo aplicável a outros movimentos, como é o caso da “psicologia humanista” (ou do humanismo na psicologia). (AMATUZZI 2001, p.15)

A Psicologia Humanista é tida como a Terceira Revolução da Psicologia, depois do Behaviorismo e da Psicanálise. Ela se originou no ambiente acadêmico, nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial. Teve como precursores os psicólogos: Abraham Maslow, Anthony Sutich, Kurt Goldstein, Rollo May, Lewis Mumford, Erich From, Andras Angyal e Clark Moustakas; estes compuseram o primeiro conselho editorial da Associação Americana de Psicologia Humanista. (De Carvalho 1990, apud Castañon 2007). Radicalmente contra o método experimental do behaviorismo eles não concordavam que o homem seria um conjunto de estímulos e respostas, ou seja, um organismo puramente reativo.

A psicologia humanista se opõe ao que considera como o triste pessimismo e desespero inerentes à visão psicanalítica do ser humano, por um lado, e à concepção de robô do ser humano retratada no comportamentalismo, por outro. A psicologia humanista é mais esperançosa e otimista em relação ao ser humano. Ela acredita que a pessoa, qualquer pessoa, contém dentro de si o potencial para um desenvolvimento sadio e criativo. (HALL, LINDZEY, CAMPBELL 2000, p. 363).

É difícil apontar um fundador da psicologia humanista, mas há um consenso na literatura de que o psicólogo norte-americano, Abraham Maslow, desenvolveu vultoso papel neste surgimento. Ele fez duras críticas de como foi construída a psicanálise, fundamentada no

estudo das patologias das pessoas, mas não nas suas potencialidades e saúde. “o estudo de espécimes aleijados, enfezados, imaturos e patológicos só pode produzir uma psicologia mutilada e uma filosofia frustrada” (MASLOW 1963, p. 234).

Quando o humanismo afeta a psicologia, então, resulta daí não uma teoria específica, nem mesmo uma escola, mas sim um lugar comum onde se encontram (ainda que com pensamentos diferentes) todos aqueles psicólogos insatisfeitos com a visão de homem implícita nas psicologias oficiais disponíveis. O rótulo específico de psicologia humanista é apenas um episódio, diria momentâneo, de algo que tem um sentido maior: a presença de uma atitude humanista no interior da psicologia. (AMATUZZI 2001, p. 19)

A minha identidade com a Psicologia Humanista não se deu ao acaso. Após ter apreendido os principais conceitos das três revoluções da psicologia, concluí que sou mais útil, como psicólogo e ser humano, quando estou livre de técnicas para aceitar e compreender o outro. Consecutivamente, coloco-me numa posição de afinidade com a pessoa que procura a minha ajuda. Essa franca relação também me dá forças para eu expressar os meus sentimentos nas conversas. Aconteceu de eu atender uma paciente e imaginar inúmeras saídas para a solução de seus conflitos, guardei-as para mim. Com o caminhar do processo terapêutico ela encontrou uma solução que eu jamais havia imaginado e estava feliz. Esta confiança que depusitei na cliente está evidente nos alicerces dos pressupostos teóricos da Psicologia Humanista; totalmente desprovida de determinismos, sejam eles externos ou internos.

1.3 Carl Ranson Rogers e o nascimento da ACP

Carl Ranson Rogers foi o psicólogo que fundou a Abordagem Centrada na Pessoa. Nasceu nos Estados Unidos da América, em 08 de janeiro no ano de 1902, na cidade de Oak Park, vizinha a Chicago. Esta linha de pensamento foi originalmente concebida como forma de ajuda no campo da psicoterapia. Com a sua difusão no mundo passou a abranger novas áreas das relações humanas, como os grupos e a educação. Neste trabalho estamos desenvolvendo-a no campo do Esporte.

Para compreender a obra e o contributo de Carl Rogers no desenvolvimento do conhecimento da pessoa em geral e no aprofundamento da psicologia e da psicoterapia em particular, é importante inseri-lo na sua história, no seu trajecto pessoal que o determina, quer ele o admita ou não, tendo em consideração a sua oposição aos conceitos de determinismo, enraizando-se no ponto de vista filosófico da corrente existencialista e da sua atitude de confiança na capacidade do Humano em se tornar livre e decidir sobre o seu próprio futuro. (HIPÓLITO 1999).

A família de Rogers era bastante conservadora, tinha formação universitária, de vocação religiosa e protetora dos filhos. Implicava valores de estudo e atividades físicas em detrimento ao lazer. Quando tinha 12 anos de idade Rogers mudou com seus pais para uma fazenda, onde passou toda a sua adolescência. Influenciado pelas atividades do pai começou a se interessar pela prática da agricultura científica, desenvolveu-a de maneira autodidata. “Não havia ninguém para me dizer que a obra de Morison, Feeds and Feeding, não era um livro para um adolescente de catorze anos e, por isso, mergulhei nas suas centenas de páginas” (ROGERS 2009, p. 7).

Segundo palavras do próprio Rogers foram nestas práticas que ele aprendeu o método científico, viu como era difícil verificar hipóteses, comparar grupos controle com experimentais e variar processos. Observa-se a sua curiosidade para pesquisa científica e o ambiente acadêmico.

Iniciou sua graduação em 1919, no curso de Agronomia, na Universidade de Wisconsin. Após os dois primeiros anos da faculdade decide abandonar o curso. A motivação encontrada era oriunda das reuniões estudantis religiosas que freqüentava naquele período. Sentia-se mais completo estudando e trabalhando com questões mais próximas a sua formação familiar. Transferiu-se para o curso de História, julgando ser o mais adequado às suas vocações. No primeiro ano do novo curso é convidado a viajar à China, para um Congresso Internacional da Federação Mundial dos Estudantes Cristãos. Nesta viagem Rogers tem contato com a cultura oriental e budista, que reforçam sua inclinação religiosa.

Em 1924, após se formar em História, ingressa no seminário de Teologia de Nova Iorque (Union Theological Seminary). Durante os dois anos que lá passara Rogers se interessa pelos cursos e conferências sobre psicologia e psiquiatria que estavam se desenvolvendo no Teacher's College da Universidade de Columbia. Não se arrepende de ter freqüentado o seminário, mas o abandona e transfere-se para o curso de Psicologia da Universidade de Columbia. Conclui seu mestrado e doutorado na mesma instituição.

No ano de 1928 começa a trabalhar como psicólogo no “Child Study Departament”, da Associação para a Proteção à Infância em Rochester, Nova Iorque. Passou doze anos de sua carreira neste instituto. Seus atendimentos concentravam-se em crianças e adolescentes que apresentavam problemas de conduta, delinqüentes e marginais. Sua orientação terapêutica inicial era a psicanalítica. No decorrer de suas práticas, buscando a eficácia de suas intervenções, começa a re-significar suas condutas terapêuticas. Foi desenvolvendo uma psicoterapia distinta, sem a utilização de técnicas e desprovida de determinismos.

Na instituição entra em contacto com Otto Rank que o marca mais pela sua prática terapêutica do que pelas suas teorias. Maior impacto terá, sem dúvida, Jessie Taft que publica em 1933 o livro "The Dynamics of Therapy in a Controlled Relationship" que Carl Rogers considerará como uma obra prima, quer ao nível da forma quer do conteúdo literário. Progressivamente, Rogers abandona uma orientação directiva ou interpretativa, optando por uma perspectiva mais pragmática de escuta dos clientes, numa posição precursora do que mais tarde estruturará como Orientação Não Directiva em terapia. (HIPÓLITO 1999).

O nascimento da Terapia Centrada no Cliente aconteceu no ano de 1940, quando Rogers ministrou a palestra “Os mais recentes conceitos em psicoterapia”, na Universidade de Minnesota. “Pode parecer absurdo alguém poder nomear o dia em que a Terapia Centrada no Cliente nasceu. Contudo, eu sinto que é possível nomeá-lo como sendo o dia 11 de Dezembro de 1940.”

Este dia foi marcante para Rogers, pois sentiu que a explanação de suas idéias, tão claras e fecundas em sua mente, representou ameaça para muitas pessoas que a assistiam. Algumas características eram fundamentais em sua proposta terapêutica: 1- a total confiança na tendência do indivíduo para o crescimento, saúde e maturidade. A terapia fazia o papel de facilitadora para o cliente encontrar seu crescimento e desenvolvimento normal. 2- priorizar os sentimentos do cliente à sua compreensão intelectual. 3- focar-se no presente, no imediato ao invés de olhar o passado da pessoa. 4- a ênfase na relação terapêutica em si mesma como uma maneira de crescimento (Tambara & Freire, 1999).

Penso que é possível agora ver claramente por que razão não existe filosofia, crença ou princípios que eu possa encorajar ou persuadir os outros a terem ou a alcançarem. Não posso fazer mais do que tentar viver segundo a minha própria interpretação da presente significação da minha experiência, e tentar dar aos outros a permissão e a liberdade interior para que possam atingir uma interpretação significativa da sua própria experiência. (ROGERS 2009, p.32).

Esta citação passará a ser o ponto chave da teoria de Rogers, pois descobre uma força inerente ao ser humano de crescimento e maturidade. A partir deste ponto Carl Rogers começa a expandir suas idéias nas formas de artigos científicos, livros, conferências, entrevistas e representações políticas. Escreveu cerca de trezentos artigos científicos e dezenas de livros. Foi Presidente da Associação Americana de Psicologia Aplicada (1944) e da Associação Americana de Psicologia (1946). Faleceu aos 85 anos de idade, em La Jolla, Califórnia, no dia 4 de Fevereiro de 1987. No mesmo ano, antes de sua morte, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz.

Ressalta-se neste sub-capítulo a trajetória de Carl Ransom Rogers até a fase em que o visionário chega ao ponto disparador para a emancipação da Abordagem Centrada na Pessoa. A justificativa da escolha deste trecho de sua biografia e que me chama atenção foi a congruência da história de vida de Rogers com as fundamentações da ACP. Olhando o contexto de sua criação e os valores que lhe foram pregados poderíamos acreditar num determinismo externo: Rogers tenderia a ser um cidadão de dotes religiosos, introspectivo, de pouco convívio social e conservador. Paradoxalmente, suas vivências no mundo (principalmente as suas relações interpessoais) geraram percepções, compreensões e a conscientização da escolha para onde ele gostaria de seguir; ele se determinou e promoveu o seu crescimento, potencialidade presente em todo o ser humano.

1.4 A chave da abordagem

Quando estudo a proposta humanista de Carl Rogers para uma Abordagem Centrada na Pessoa e a comparo com as outras linhas de pensamento da psicologia sempre me desperta o questionamento: a ACP pode ser considerada uma corrente teórica ou ela é um procedimento terapêutico? Percebo que as outras linhas da psicologia sugerem modelos, estruturas e conceituações deterministas para estudar a mente humana. Há uma tendência nessas teorias ao olhar o ser humano pelos pressupostos relacionais de causas e efeitos e de tendências de comportamentos, a pessoa é tida como um ser reagente de fenômenos internos e externos. Esta reação não é passível de escolha, liberdade e autocompreensão pelo ser humano. Mas onde estaria à capacidade de mudança vinda do próprio ser humano? Ela existe?

No Capítulo 6 do livro “Psicoterapia de Consulta Psicológica (2005)” Rogers nos fornece outra saída para ajudar o indivíduo no atendimento psicológico.

O melhor guia é o cliente. O caminho mais seguro para as questões importantes, para os conflitos dolorosos, para as zonas que a consulta psicológica pode tratar de forma construtiva, é seguir a estrutura dos sentimentos do cliente tal como ele os exprime livremente. Quando uma pessoa fala de si e dos seus problemas, especialmente na relação de consulta psicológica em que não há necessidade de se defender, os verdadeiros problemas tornam-se cada vez mais evidentes para um interlocutor atento. É de certa maneira verdade que os mesmos problemas podem ser revelados através de um questionário paciente em todas as zonas em que o cliente se sente preocupado. (ROGERS 2005 p. 131-132).

Nesta citação torna-se evidente a asserção de Rogers de estimular a liberdade da pessoa na consulta psicológica. Para ter esta postura clínica, de valorizar a liberdade do cliente e procurar compreender os sentidos que as suas experiências tiveram é preciso acreditar em algo que fundamenta esta premissa: o potencial de crescimento da pessoa. É de ordem consciente ou potencialmente consciente, inerente a todos os seres humanos, que os movem na direção da auto-realização e espontaneidade, quando se encontram numa atmosfera de liberdade.

No livro “Um Jeito de Ser” (2007) Rogers discorre que atribuiu diferentes nomeações a sua prática psicológica: aconselhamento não-diretivo, terapia centrada no cliente, ensino centrado no aluno, liderança centrada no grupo. Justificado pelo crescente campo de aplicação da sua proposta interventiva ele entendeu que o melhor nome para que ela englobasse todas as áreas de atuação seria “Abordagem Centrada na Pessoa”.

Congruente com esta concepção eu deduzo que não há uma concepção teórica da Abordagem Centrada na Pessoa, não é uma teoria. Para compreendermos e valorizarmos os sentidos psicológicos que as experiências têm para os clientes; sem fazermos interpretações intelectualizadas destes fatos, sem desconfiarmos de suas verdades, sem projetarmos estratégias a serem seguidas pelos nossos clientes, mas sim lhes dando liberdade de serem agentes de suas próprias mudanças psicológicas urge acreditarmos numa ética que fundamenta o potencial criativo e de crescimento da pessoa. A Tendência Atualizante ou Atualizadora cumpre este papel dentro da ACP. Ela fundamenta os procedimentos (atitudes facilitadoras) do terapeuta com o cliente na busca da autonomia deste último.

A hipótese central da abordagem centrada na pessoa pode ser brevemente especificada. Quer dizer que o indivíduo possui dentro de si mesmo, vastos recursos para a auto-compreensão, para alterar seus conceitos sobre si mesmo, suas atitudes e seus comportamentos autodirigidos – e que esses recursos poderão ser liberados somente se um clima definido de atitudes psicológicas facilitativas puder ser provido. (ROGERS, 2004, p.85-86).

Neste instante pode-se afirmar que a ACP também é um valor que o terapeuta dá ao cliente, pois entende que ele tem a capacidade e o poder de distinguir, sem ser guiado, os passos que o conduzirão a um relacionamento mais maduro e mais confortável com a realidade (Wood, 2008). A atmosfera psicológica que se forma na relação entre terapeuta e cliente é a única condição necessária para que ocorra a liberação das forças de crescimento da pessoa.

O terapeuta centrado no cliente situa-se num pólo oposto, tanto teórica quanto praticamente. Ele aprendeu que as forças construtivas do indivíduo podem ser confiáveis e, quanto mais profundamente se apóia nelas, mais profundamente elas são liberadas. Ele construiu seu procedimento a partir dessas hipóteses, que rapidamente estão se estabelecendo com os fatos: que o cliente sabe quais são as áreas de preocupação que está pronto para explorar; que o cliente é o melhor juiz para saber qual a frequência mais desejável para as entrevistas; que o cliente pode dirigir o percurso mais eficientemente que o terapeuta para os problemas mais profundos; [...] que o cliente pode conseguir insights bem mais verdadeiros, sensíveis e acurados do que aqueles que possivelmente lhe fossem dados; que o cliente é capaz de traduzir esses insights para um comportamento construtivo em que avalia realisticamente suas próprias necessidades e desejos para confrontá-los com a demanda da sociedade; que o cliente sabe quando a terapia se completa e quando está pronto para enfrentar a vida de modo independente. (ROGERS 1997, p. 27).

Ao entendermos a tendência atualizadora como sendo um impulso da natureza humana, que busca o desenvolvimento das suas potencialidades, o favorecimento do seu crescimento e o direciona para sua realização, devemos pensar como a relação humana pode favorecer este processo. Para isso é indispensável compreender a subjetividade do cliente, voltar-se aos seus sentimentos. A não-diretividade não pode ser confundida com ausência de direção. Ela é um exercício de centrar-se na pessoa, no cliente, a direção é para a compreensão dos sentimentos da pessoa.

Rogers (2005) estabelece uma comparação entre o método diretivo (presente em outras abordagens psicológicas) com o método não-diretivo (sustentado na sua visão ética de ser humano). Enfatiza que a não diretividade não significa a ausência de direção numa relação entre terapeuta e cliente. A direção é no próprio cliente, na confiança dele ser psicologicamente independente e de manter a sua integridade psíquica. Esta proposta é o reverso da visão

terapêutica diretiva. Na visão diretiva de um terapeuta está implícito um alto valor ao conformismo social e ao direito da pessoa melhor preparada conduzir a que esteja numa situação de inferioridade.

Esta diferença nos juízos de valor tem como conseqüência que o grupo diretivo mostra a tendência para centrar os seus esforços no problema que o cliente apresenta. Se o problema for resolvido de uma maneira que possa ser aprovada pelo psicólogo, se os sintomas desaparecerem, considera-se que a consulta psicológica teve êxito. O grupo não diretivo coloca a ênfase sobretudo no próprio cliente, não no problema. Se o cliente conseguir, através da experiência terapêutica, uma compreensão suficiente para esclarecer a sua relação com a situação real, poderá então escolher o método de se adaptar à realidade que tiver maior valor para ele. Estará nesse momento capacitado a enfrentar os problemas que surjam no futuro, devido à sua maior experiência na solução independente dos seus problemas. (ROGERS 2005, p. 127-128).

Para esta nova proposta de relação de ajuda, valorizando a não-diretividade e assumindo o impulso da tendência atualizante, Rogers discerne o que caracteriza êxito numa relação de ajuda. Ele se propõe a pensar quais seriam as mudanças psicológicas que os indivíduos teriam se fossem submetidos ao clima de total liberdade para expressar todos os seus sentimentos.

O cliente é capaz de vivenciar livremente os sentimentos em toda a sua intensidade, como uma “pura cultura”, sem inibições ou precauções intelectuais, sem ficar preso pelo conhecimento de sentimentos contraditórios; e eu sou capaz de vivenciar com igual liberdade minha compreensão deste sentimento, sem pensar nele conscientemente, sem qualquer apreensão ou preocupação de saber onde é que isso levará, sem qualquer espécie de diagnóstico ou análise, sem quaisquer barreiras, emocional ou cognitiva, para uma entrada total na compreensão. (ROGERS 2009, p. 230).

Através de sua experiência clínica, em processo de intervenção psicológica, começou a descrever e analisar os resultados psicoterápicos da terapia centrada no cliente (Rogers, 2009). Foi possível identificar como resultados algumas alterações significativas e gerais na vida de todos os seus clientes: *1- abertura à experiência*, ou seja, maior disponibilidade e capacidade de acessar, enxergar, aceitar e compreender os próprios sentimentos, sendo capaz de afastarem-se de suas defesas, vivenciando livremente suas emoções; *2- confiança no próprio organismo*, a descoberta por parte da pessoa que ela é capaz de descobrir o comportamento mais satisfatório em cada situação imediata, tendo uma visão mais realista de si e da realidade. Ela sente menos medo das reações emocionais que tem, há um crescimento gradual de confiança; *3- um foco interno de avaliação*, a pessoa passa a perceber cada vez mais que esse foco de avaliação

se encontra dentro de si mesmo, tem menor rigidez e maior flexibilidade para enxergar e lidar com a realidade. Cada vez menos olha para os outros em busca de aprovação ou desaprovação, de padrões a seguir, de decisões e escolhas. A pessoa vive da maneira que percebe como a mais satisfatória para si; 4- *desejo de ser um processo*, a pessoa se vê como um processo, em construção, não como algo acabado, como um produto. Tem maior autodireção, autonomia e responsabilidade por si mesmo. A pessoa é um processo fluído e não uma identidade fixa e estática: “A sensação é a de viajar em uma corrente complexa de experiência, com a possibilidade fascinante de tentar compreender a sua complexidade constantemente mutável” (ROGERS 2009 p. 139).

Se por um lado a ACP tem como princípios nas relações de ajuda, uma postura não-diretiva e a sua perspectiva de mudança psicológica não é pautada apenas nas hipóteses diagnósticas delimitada apenas pelo terapeuta, observo que a Psicologia do Esporte não tem essa visão. Nos principais livros de Psicologia do Esporte (Psicologia do Esporte Aplicada, Rúbio, 2003; Coleção Psicologia do esporte e do exercício, Brandão e Machado, 2007; Psicologia do Esporte, Salmulski, 2002; Psicologia do Esporte e do Exercício, Weinberg e Gould, 2001) encontramos os seguintes temas: regulação da ativação, desenvolvimento de caráter e do espírito esportivo, diretrizes para desenvolver a motivação, determinantes e funções da ação humana, teorias das metas para o rendimento, modelo multidimensional de liderança no esporte e etc. Percebe-se nestes temas que há uma oferta de conhecimento que já vem pronta para ser aplicada a qualquer população.

Incorporar a ACP no esporte pode causar o sentimento de ambigüidade para um perito de psicologia que não está acostumado a valorizar o sentido da experiência humana nas suas práticas. Entendo que para estas pessoas não seja possível o atleta assumir suas metas, pensá-las, ter a consciência de discuti-las com a sua comissão técnica e ainda assim obter bons resultados no esporte de alto rendimento. Para eles quando tratamos da questão do aperfeiçoamento da condição humana estaríamos considerando apenas o comportamento do atleta frente aos seus resultados na competição. A ACP é uma aposta ética no ser humano, vai além da especificidade, olha para o processo, para o global. O aperfeiçoamento da condição humana para a ACP parte do princípio da autocompreensão e autodeterminação do indivíduo. Não posso entender um atleta feliz, saudável, congruente nas suas ações sem que seus sentimentos e pensamentos estejam de acordo com a situação vivenciada. Então, cabe uma pergunta a ser feita

no contexto esportivo de alto rendimento: é possível “humanizar” o treinamento esportivo de alto rendimento sem perder a qualidade dos resultados? Lê-se humanizar a concordância com a ética da ACP.

Eu me manifesto numa posição favorável à intervenção psicológica humanista no esporte de alto de rendimento, mas também considero não ser uma tarefa fácil. O trabalho do psicólogo ao ser congruente com a humanização do atleta conduz à sua limitação se os demais integrantes da comissão técnica (treinadores, preparadores físicos, supervisores) têm uma postura rígida, ortodoxa em suas metodologias e olham os atletas numa postura de superioridade. Quando isto acontece o psicólogo fica numa posição de linha de fogo entre os dois lados: a compreensão dos sentidos psicológicos que os atletas vivenciam nas suas experiências versus as diretrizes imutáveis dos protocolos de treinos das comissões técnicas. De um lado os jogadores que trazem suas queixas para os atendimentos, geralmente estão num estado emocional bastante angustiante, acompanhado de choros de desespero. Por outro lado, a comissão técnica que vê o psicólogo como uma ferramenta para potencializar suas ideologias, métodos e desejos. É diferente trabalhar o problema de um atleta visando o seu rendimento esportivo dentro de campo, de trabalhá-lo como pessoa.

É provável que, se a comissão técnica de um time começar a se preocupar com os sentidos psicológicos que os atletas têm dos seus treinamentos, das suas partidas e das suas vidas, isto se refletirá tanto no desenvolvimento deles enquanto pessoa, quanto nos seus resultados esportivos. As metodologias de treino passariam a se adaptar às necessidades dos atletas, aumentaria a identidade destes com a prática esportiva e suas aprendizagens seriam significativas.

1.5 A relação de ajuda com a pessoa atleta

Quando incorporo e confio na inferência da tendência atualizadora sendo ela a capacidade fundamental da vida do ser humano, julgo necessário, na condição de terapeuta, o raciocínio de como facilitar a vida das pessoas que não estão tendo a oportunidade de crescimento. O primeiro passo que devo considerar é a constatação de quando a pessoa não está

crescendo. Este valor atribuído ao crescimento humano deve ser delimitado por mim ou pela própria pessoa? Na minha visão eu posso achar que ela não está se desenvolvendo, encontra-se amarrada em suas defesas e com medo de expandir seus horizontes. Mas ela pode considerar o contrário, sentir-se feliz e realizada com os sentidos que vêm encontrando para a sua vida.

Posso imaginar um atleta que aceita, sem restrições, todo o planejamento que a comissão técnica de sua equipe definiu para si e para o grupo. Não importa o conteúdo das estratégias que lhe foram traçadas, ele estará feliz e disposto a cumpri-las integralmente nos treinamentos. Ele também não quer pensar na hipótese de participar das definições de suas próprias metas, quer apenas agir. Não toma a iniciativa de procurar o psicólogo da equipe para falar das suas vivências, inquietudes ou abrir o seu coração; mas atende prontamente os conselhos que lhe são dados e responde as avaliações ou questionários que lhe são pedidos. Para este atleta o ideal seria que a comissão técnica do Clube identificasse seu perfil para depois balizar os traços a serem melhorados através dos treinos. Há algumas leituras passíveis de investigação que podem ser feitas diante dos comportamentos deste atleta: uma pessoa alienada, que não tem vontade própria, não sabe identificar seus desejos; uma pessoa presa nas suas defesas, que tem um medo grandioso de tentar expor o que realmente quer para si e por isso a sua única saída seria aceitar a delegação dos outros; uma pessoa egoísta e acomodada, o importante é sempre ter gente pensando em algo para ele; ou uma pessoa esperta demasiadamente, que se faz de alienada, deixa a comissão técnica planejando todas as suas ações, mas no final ele apenas “filtra” as informações que considerou importante e age da sua própria maneira, tem o seu próprio planejamento, desconsidera o valor do grupo.

As comissões técnicas passam anos preparando-o psicologicamente, para os mais variados torneios, mas sem nunca saber quem realmente ele é. Então, que ajuda psicológica é esta no esporte, na qual há o desconhecimento dos sentimentos e dos sentidos que o atleta dá para a sua vida, mas que ao mesmo tempo o condiciona para as competições?

Esta dualidade pode nos sugerir outra intervenção mais investigativa. Como exemplo: após o atleta ter sido submetido a um teste de perfil psicológico, o terapeuta começa a esmiuçar as suas respostas e debatê-las consigo. De forma análoga a um ato cirúrgico, em que há a perfuração dos tecidos até chegar ao cerne da inflamação, o terapeuta vai esquadrinhando a vida do paciente-atleta até chegar ao núcleo que impede o seu crescimento (- fale mais deste relacionamento com seus pais; - acho que você está se contradizendo com estas respostas, será

que você não é agressivo realmente?). Vejamos que a atitude do terapeuta é a de buscar alguma pista, intuitiva, para algo mais profundo, preso no passado, a ser vasculhado no interior do atleta. Supostamente, neste paradigma de pensamento, trabalhar este núcleo pré-identificado através de muito diálogo, promoveria o desenvolvimento da saúde mental do paciente. Mas o jogador não ficaria inibido, ressabiado, com medo de reviver o seu passado ou de alguém descobri-lo? Se for esta a posição do paciente-atleta, como respeitá-la? As consequências destas atitudes psicológicas na vida do jogador seriam prejudiciais ou benéficas? Como isto refletiria dentro de campo de jogo?

No primeiro exemplo de atitude psicológica temos uma prática ilusória e artificial. Trabalha com uma situação de jogo e um componente emocional específico para aquela realidade, mas o sentido desta experiência para o atleta pode ser outro bastante distinto. Não há pontos significativos para a vida da pessoa-atleta. Já o segundo exemplo trabalha com a valorização da intuição do terapeuta. O paciente é passivo das hipóteses diagnósticas do terapeuta, que são fundamentadas em conhecimentos clínicos. Propõem-se sistemáticas processuais até atingir a mudança esperada e pré-estabelecida pelo próprio terapeuta; este tem uma rica leitura da subjetividade do paciente. Neste ângulo psicoterápico o conteúdo da fala do paciente-atleta tem duas divisões: a verdade e a falsidade. É interessante esta preparação intuitiva do terapeuta, para ler aquilo que existe e aquilo que não existe; mas onde estaria o direito da pessoa-atleta de ser psicologicamente independente?

Após estas ilustrações voltamos à pergunta inicial do primeiro parágrafo deste sub-capítulo, que relativiza e discute o processo de mudança e de crescimento da pessoa. Parece-me mais coerente que esta problemática seja elaborada em conjunto, entre o cliente e o terapeuta.

Esta relação interpessoal pautada pelo clima de liberdade e franqueza é terapêutica e facilitadora para aflorar a tendência atualizadora das pessoas. Diferencia-se das outras atitudes psicoterápicas citadas nos exemplos acima. Baseando em sua própria experiência clínica Rogers (1957, p. 95-103) escreveu um artigo chamado de *“The Necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality Change”*, para o periódico *“Journal of Consulting Psychology”*, elencou seis condições necessárias para que ocorra uma mudança construtiva na personalidade da pessoa: 1. Que duas pessoas estejam em contato psicológico; 2. Que a primeira, a quem chamaremos cliente, esteja num estado de incongruência, estando vulnerável ou ansiosa; 3. Que a segunda pessoa, a quem chamaremos de terapeuta, esteja congruente ou integrada na

relação; 4. Que o terapeuta experiencie consideração positiva incondicional pelo cliente; 5. Que o terapeuta experiencie uma compreensão empática do esquema de referência interno do cliente e se esforce por comunicar esta experiência ao cliente; 6. Que a comunicação ao cliente da compreensão empática do terapeuta e da consideração positiva incondicional seja efetivada, pelo menos num grau mínimo. “Nenhuma outra condição é necessária. Se estas seis condições existirem e persistirem por um período de tempo, isto é o suficiente. O processo de mudança construtiva na personalidade ocorrerá” (ROGERS 2008, p.145).

É importante elucidar o conceito de incongruência da teoria de Rogers. “[...] é a discrepância entre a experiência real do organismo e a imagem do self do indivíduo, até o ponto em que esta representa aquela experiência” (ROGERS 2008, p.146). Eu entendo por incongruência o estado em que a pessoa se encontra ao qual ela não tem a oportunidade de agir de acordo com seus pensamentos e sentimentos. O ponto básico para pessoa estar em congruência é perceber as suas potencialidades, aceitar quem realmente é enquanto pessoa, viver sem máscaras, ter a coragem de expor o que está sentindo, independente se o outro irá condená-la por isso. Quando o nosso auto-conceito (self) assemelha-se a um conto de fadas (algo distante das nossas reais circunstâncias) estamos nos protegendo de alguma ameaça que nos cerca. Aceitar quem realmente nós somos envolve a atitude de encarar a angústia e muitas vezes a pessoa não está preparada para isso, naquele momento torna-se mais fácil criar rotas alternativas para desviar do problema.

Um outro exemplo (de incongruência) seria o da mãe que desenvolve doenças estranhas, toda vez que seu único filho faz planos para sair de casa. O desejo real é apegar-se à sua única fonte de satisfação. Perceber isto conscientemente seria inconsistente com a imagem que ela tem de si mesma como uma boa mãe. A doença, no entanto, é consistente com seu auto-conceito, e a experiência é distorcidamente simbolizada desta maneira. Assim, novamente há uma incongruência básica entre o self da forma como é percebido (neste caso como uma mãe doente necessitando de atenção) e a experiência real (neste caso o desejo de apegar-se a seu filho). (ROGERS 2008, p. 147).

O título de um livro escrito por Rogers, Santos e Bowen (2004) é uma fotografia do que é significativo nas relações humanas na promoção do crescimento pessoal, chama-se “Quando Fala O Coração”.

Falar com o coração envolve o compromisso com a sinceridade, é ter a liberdade de expressar os sentimentos mais autênticos presentes em nossas vidas. Não é uma fala

racional, bem planejada e que se prevêem atingir objetivos das conseqüências do diálogo. É o encontrar-se na nossa própria compreensão e na do outro. Há três atitudes psicológicas facilitadoras para o resgate desta fala do coração, da autonomia, do ser consciente: a autenticidade, aceitação positiva incondicional e a empatia.

Existem três condições que constituem o clima que promove o crescimento, quer estejamos falando da relação entre terapeuta e cliente, ou pais e filhos, líder e liderado, administrador e equipe. As condições se aplicam, de fato, a qualquer situação na qual o desenvolvimento da pessoa seja uma meta. (ROGERS 2004, p. 86)

Autenticidade: o terapeuta é um espelho, não um vidro!

O primeiro elemento tem relação com ser genuíno, real ou congruente. Quanto mais o terapeuta é ele mesmo na relação, sem colocar nenhuma capa profissional ou fachada pessoal, maior será a probabilidade que o cliente tem de crescer e mudar de uma maneira construtiva. Isto significa que o terapeuta está abertamente “sendo” os sentimentos e as atitudes que estão fluindo de dentro dele naquele momento. Existe uma grande aproximação ou uma congruência entre o que está sendo vivenciado num nível visceral o que está presente na consciência e o que está sendo expresso para o cliente. (ROGERS 2004, p. 86)

A autenticidade ou também chamada de congruência do terapeuta é a atitude psicológica facilitadora que exige do terapeuta a expressão do seu “eu”. Não é uma atitude fácil de ser colocada em prática, requer a consciência do terapeuta diante do seu próprio auto-conhecimento. Esta atitude é a que mais difere a Abordagem Centrada na Pessoa das demais linhas de pensamento. Ela sugere que o terapeuta se coloque na postura de pessoa, não de instituição ou perito técnico, para ajudar o cliente. Quando o terapeuta começa a explicitar os seus sentimentos diante das falas do cliente, este último percebe a relação de proximidade estabelecida. O terapeuta passa a ser um espelho, mas não um vidro; ou seja, há reações humanas (exposição de valores) partidas dele próprio quando o cliente se expressa. Se o terapeuta fosse um vidro não haveria reação, o cliente não conheceria o impacto de suas falas. Esta relação de compromisso com a verdade gera um vínculo muito forte na relação entre terapeuta e cliente.

No modelo de clínica tradicional vemos que o psicólogo é uma pessoa reservada, contida em seus sentimentos e, quando o cliente pergunta o que ele percebe daquela fala, geralmente o terapeuta devolve esta inquietude sob a forma de pergunta. Na ACP é diferente, o terapeuta tem a liberdade de olhar para dentro de si e falar como está sentindo o

cliente. Tomando o exemplo do atleta imaginado deste sub-capítulo poderemos pensar numa intervenção terapêutica que fosse autêntica com as leituras sobre o seu modo de ser. Por que não falarmos a ele como o percebemos? Procurarmos o jogador e expormos os nossos sentimentos sobre ele, falar como estamos sentindo e compreendendo suas atitudes. Isto é ser autêntico.

No esporte, na relação entre um treinador e o atleta, observamos alguns casos de escalção do time titular que ocorre a falta de autenticidade. O treinador deixa de fora da partida um jogador que vinha sendo considerado o titular da equipe. Este jogador fica chateado, bravo e com raiva. O treinador não o procura para explicar os motivos que o fizeram ter esta postura. Este caso é bastante encontrado na cultura esportiva do futebol brasileiro. Procurar o jogador para dar explicações de sua atitude requereria o exercício de entrar em contato com o sentimento. Isto para os treinadores pode ser encarado como um sinal de fragilidade, estaria ele se rebaixando, perdendo o pulso, o controle do time. O que de fato não é verdade, pelos pressupostos ACP. O treinador deixa de se aproximar do atleta, de ter uma relação mais franca, madura, de confiança por motivos de medo ou desconhecimento do que está sentindo, de mostrar-se enquanto pessoa. Se ele se propusesse a esta atitude sua liderança passaria do foco de controle e punição para a valorização da pessoa-atleta.

A sala do psicólogo não é a sala da diretoria de uma escola ou o confessionário de uma igreja!

A segunda atitude de importância, ao criar um clima para mudança, é a aceitação, o cuidado ou a estima – consideração positiva incondicional. Isso significa que, quando o terapeuta é vivenciado como uma pessoa positiva, não crítica e com uma atitude de aceitação com relação a qualquer coisa que o cliente “é” naquele momento, haverá mais condições de ocorrer movimento ou mudança na terapia. Isso envolve o desejo do terapeuta, para que o cliente vivencie qualquer sentimento, medo, raiva, coragem, amor ou estima. É um cuidado não possessivo. Quando o terapeuta estima o cliente, de uma maneira total, em vez de uma maneira condicional, então o movimento para a frente pode ocorrer. (ROGERS 2004, p. 86)

O ser humano tem como capacidades inatas a espontaneidade e a criatividade. Ao longo da sua vida ele vai perdendo a coragem de colocá-las em prática. A sociedade, os amigos, a família, as culturas vão impondo a ele um padrão de ser. Não obstante, em muitas ocasiões isto gera um conflito muito grande. Ele queria agir de acordo com sua espontaneidade e criatividade, mas fica inibido e age de forma incongruente a elas, seguindo uma norma esperada pelo contexto ao qual está inserido. O ambiente terapêutico é o lugar em que essas normas de

conduta, da não aceitação do que vivo no interior das pessoas é deixada de lado. Ambiente não está relacionado ao plano físico do lugar, mas ao clima que o terapeuta propicia ao cliente para que ele possa ser livre e falar o que quiser. Não há censura, condenação, punição ou repúdio. Não é a sala da diretoria de uma escola em que o aluno que fez algo errado ao contar para a diretora sofrerá sanções. Também não é o confessionário de uma igreja ao qual o padre, depois de ouvir os pecados do cristão, estabelece uma penitência. O cliente quando sente a liberdade de expressar-se da forma mais livre possível, começa a resgatar a sua criatividade e espontaneidade. Começa a compreender-se enquanto pessoa. Ao narrar suas histórias, livres de barreiras sociais, organiza suas idéias, compreende seus sentimentos, passa a se autodeterminar. Isto só é possível numa relação desprovida de ameaças.

No esporte também acontece esta ditadura de normas sociais, valores, comportamentos esperados e limitação do que é ser espontâneo. Basta constataremos os métodos pedagógicos de treinamento desportivo. Quando a comissão técnica de um Clube começa a pensar na estratégia de jogo, sistema de jogo e tática de jogo para o grupo de jogadores prevê direções a serem respeitadas. A leitura do jogo é em prosa, cotidiana, trivial. Deveria ser em poesia, encantamento, beleza, enlevo, graça; deveria aceitar incondicionalmente a pessoa-atleta. Até que ponto as metodologias aplicadas no treinamento contemplam a capacidade de criação do atleta? Nota-se comumente que o jogo é mecânico, robótico e sem espaços para a manifestação do subjetivo. Espera-se que o atleta seja algo previsível, porque assim é mais fácil controlá-lo.

Para o treinamento dos jogos desportivos coletivos duas correntes metodológicas são evidentes na literatura: os Exercícios Situacionais e os Exercícios Analíticos (Dietrich et al 1984 apud Greco 1998). Os primeiros estão apoiados na corrente da psicologia da Gestalt, enquanto que os Analíticos se apóiam na corrente Behaviorista. Os Exercícios Situacionais são caracterizados por pequenos jogos, menos complexos, em que será possível o praticante vivenciar situações muito parecidas com as que acontecerão durante o decorrer de uma partida. Isso facilita o sucesso frente às situações de imprevisibilidade, que acontecem a todo o momento durante um jogo. A parte técnica e a tática são trabalhadas de forma concomitante. Já os Exercícios Analíticos se caracterizam pela repetição de tarefas motoras, com o intuito de que haja uma automatização de uma ação ou comportamento por parte de um praticante. Quando isto acontece são colocadas novas tarefas mais complexas para que o praticante aprimore suas habilidades. É realizado em partes e a divisão do movimento ocorre em fases funcionais. A

escolha do método de treinamento pedagógico, por quem está gerenciando o treinamento, é uma das questões mais significativas para o desenvolvimento de quem os praticam (GRECO, 1998). Entendemos que independentemente do método a ser utilizado, importa a transcendência para o procedimento. As condutas do professor ou treinador de compreender e acompanhar o que o atleta entende como desafio para o crescimento.

Eu me vejo no lugar do outro e procuro sentir o que ele está sentindo, mas sei que eu não sou este outro!

O terceiro aspecto facilitador da relação é a compreensão empática. Isso quer dizer que o terapeuta sente precisamente os sentimentos e os significados pessoais que estão sendo vivenciados pelo cliente e comunica essa atitude de aceitação e entendimento ao mesmo. Quando está se manifestando da melhor maneira, o terapeuta penetra tanto dentro do mundo privado do outro, que ele pode esclarecer não somente os significados dos quais o cliente está consciente, mas também aqueles que estão imediatamente abaixo do nível de consciência. Escutar, com esse tipo muito especial e ativo, é uma das mais potentes forças para mudança que eu conheço. (ROGERS 2004, p. 87)

A empatia é uma atitude facilitadora que pode provocar confusão quando a compreendemos. A proposta de nos colocarmos no lugar do outro demanda uma ação compreensiva totalmente voltada para a pessoa, também há o desprendimento momentâneo dos nossos valores. Na tentativa de acharmos o sentido que a experiência narrada está tendo para o cliente, procuramos compreender e sentir a vivência do cliente. Necessitamos de envolvimento pessoal, mergulhamos no mundo subjetivo dele. Após este processo devemos cumprir outra etapa da compreensão empática, que é devolver ao cliente como o compreendemos. A forma mais simples seria falarmos como identificamos os sentimentos percebidos, exemplo: - eu sinto você muito triste. Mas tem outra forma de devolvermos ao cliente a compreensão empática, que é o desafio ao crescimento. Toma-se o sentimento real da pessoa e coloca-se a nossa reflexão: - você está inconformada com esta questão em sua vida e procura um novo jeito de ser.

O principal cuidado que devemos ter com a compreensão empática é quando a experiência do cliente seja parecida com uma que já vivenciamos em nossas vidas. A compreensão empática não pára em “me colocar no lugar do outro e procurar sentir o que ele está sentindo”. Vai além, devo saber que não sou este outro, que não sou o cliente. Se houver esta confusão teremos um prejuízo na relação entre o terapeuta e o cliente. Caracterizaria identificação. Neste caso, tendenciosamente, o terapeuta teria dificuldades para compreender o

cliente, pois estaria preso em seus próprios valores e não perceberia o outro completamente.

Há vantagens e desvantagens de já termos vivenciado uma experiência que o cliente já vivenciou. No esporte de alto rendimento, tradicionalmente os ex-jogadores tornam-se técnicos. É um importante recurso de aculturação. Todavia, se um ex-jogador e agora técnico compreender os seus comandados pelos sentimentos que já vivenciou dentro de campo, cometerá um erro de percepção grave. Um dos seus jogadores pode ter características de jogo muito parecidas com as do treinador, quando ele era jogador. Isto acarretaria predileção do treinador pelo referido atleta. Mas esse atleta talvez atribua um valor para a vitória diferente daquele que o treinador sentia quando ganhava. O vencer para este jogador não tem a mesma dimensão que para o treinador. Este conflito na compreensão empática pode fazer com que o atleta perca sua identidade enquanto pessoa, única, e passe a ser a saudades do treinador da época em que era jogador.

Eu devo me sentir muito bem ao conseguir colocar em prática estas atitudes facilitadoras para ajudar uma pessoa. Alguns teóricos poderão afirmar que estas atitudes são técnicas terapêuticas, o que é um grande equívoco. Só é possível ter este tipo de relação com o cliente quando estou totalmente voltado a ele, quando todas as minhas forças estão direcionadas ao acolher e compreender seus sentimentos. Também tenho que me sentir a vontade para olhar o meu interior e expressá-lo ao cliente.

Existe um conjunto firme e enorme de evidências, por meio de pesquisas, que sustenta a visão de que, quando essas condições facilitadoras estão presentes, mudanças de personalidade e comportamento realmente ocorrem (ROGERS, 2004, p.87).

Fui para a prática de campo com este direcionamento. Acreditando totalmente no potencial de crescimento das pessoas. Confiando em suas verdades as valorizei e fui íntegro com as atitudes facilitadoras da ACP. Vivenciei experiências profundas: tristes, alegres, que me fizeram a re-significar a vida e o contexto no qual esta pesquisa se inseriu. Constatei nas minhas intervenções muito do que apreendi nos livros.

II- RECURSOS METODOLÓGICOS

Encontrei hoje em ruas, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. Cada um me contou a narrativa de porque se haviam zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou as suas razões. Ambos tinham razão. Ambos tinham toda a razão. Não era que um via uma coisa e o outro outra, ou que um via um lado das coisas e outro um lado diferente. Não: cada um via as coisas exatamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico ao do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão. Fiquei confuso desta dupla existência da verdade. (Livro do desassossego, BERNARDO SOARES / FERNANDO PESSOA, p. 147).

2.1 O contexto

É fascinante a maneira com que o poeta consegue exaltar a experiência do viver das pessoas. O fragmento acima, de Bernardo Soares, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, pode ser entendido como uma paráfrase dos recursos metodológicos desta pesquisa. Cada sujeito desta pesquisa teve a sua verdade, a sua visão dos fatos, a sua razão. A tarefa não foi o de julgá-las e tampouco compará-las com os resultados que tiveram, fossem eles individuais ou coletivos, mas sim o de compreender o sentido para cada verdade que me fora contada.

O trabalho realizou-se num Clube de Futebol do Estado de São Paulo. Apesar de ele ser considerado de pequeno porte, também é tido como tradicional e representativo no cenário esportivo brasileiro. A estrutura física do Clube compreende: uma sede administrativa; uma casa que serve de alojamento e refeitório para todos os atletas das categorias de base; e outra casa que também serve de alojamento e refeitório para a maioria dos atletas profissionais. Os campos de treino de futebol, o estádio, a sala de fisioterapia e o departamento médico são concedidos ao Clube de forma voluntária, pelo serviço público municipal; a academia de musculação e hidroginástica é alugada de uma empresa privada, da cidade em que o Clube está enraizado.

O presente estudo efetivou-se na categoria de Juniores deste Clube, nos períodos de novembro de 2008 a janeiro de 2009. O Clube estava iniciando a sua fase preparatória para a disputa da Copa São Paulo de Futebol Junior (Copa SP). Acompanhei o time

com os seus jogadores e a sua comissão técnica durante os treinamentos (preparação) e competição (jogos oficiais). O trabalho foi finalizado logo após o término do referido torneio.

A Copa São Paulo de Futebol Junior é considerada a maior e mais importante competição interclubes da categoria de Juniores do futebol brasileiro. Ela é a maior vitrine para revelações do nosso futebol. Foi criada em 1969, por iniciativa da prefeitura de São Paulo. A idéia era estimular os jovens a jogar futebol, praticar esportes. O torneio faria parte das comemorações do aniversário da cidade, no dia 25 de janeiro. Até os dias de hoje a final é disputada nessa data. São 36 anos de história. A denominação "juniores", para jovens atletas de até 20 anos, só foi criada em 1981. Até então, o torneio era conhecido como Taça São Paulo de Futebol Juvenil. Outra mudança é que, no primeiro ano da competição, apenas quatro times a disputaram. Na última edição esse número chegou a 80. Os maiores campeões são Corinthians e Fluminense, com cinco títulos cada, seguidos pelo Internacional, com quatro, e o Atlético Mineiro, com três. A maioria dos times pequenos que disputa a "Copinha" - como o torneio foi carinhosamente apelidado - sofre com goleadas, mas alguns conseguem surpreender. O jogador Kaká, atual craque da Seleção Brasileira, disputou a edição do torneio no ano de 2001. Ele foi apenas mais um das centenas de jovens atletas que a Copa São Paulo impulsionou para o futebol profissional

A partir de 1988 passou a ser organizado pela Federação Paulista e ter seus jogos em cidades do interior do Estado. Nos últimos anos o torneio deixou de ser apenas uma vitrine para o torcedor e passou a ser uma grande feira, com empresários e olheiros do mundo inteiro querendo levar os garotos bons de bola antes que passem a valer milhões de dólares. Isso faz com que as equipes se preparem cada vez mais para disputar a competição. (disponível em: http://www.bolanaarea.com/gal_copa_sp_juniores.htm)

Esta Copa também é a última etapa que os jovens atletas percorrem antes de se tornarem jogadores de Futebol Profissional, isto é, quando eles conseguem atingir este nível. Entendo que este torneio seja considerado um “vestibular de uma chance só” em suas vidas, talvez a única e última chance para consolidar um sonho que foi sendo construído desde a primeira infância desses jovens. É uma difícil realidade, pois a maioria deles interrompeu os estudos, dedicou-se exclusivamente aos treinamentos, veio de longe, mudou de suas cidades natais, ausentou-se das suas famílias e estava disposta a pagar qualquer preço em busca dessa realização. Quando se computa a última edição (quadragésima) da Copa SP identificam-se oitenta

clubes (80) participantes. Se cada qual tiver, em média, vinte e três (23) jogadores notam-se cerca de mil oitocentos e quarenta (1840) atletas, todos eles com as suas verdades, cheias de significados.

Esta pesquisa não tem a pretensão de mensurar ou comparar os comportamentos destes milhares de jogadores, para depois assumir padrões estatísticos e cruzá-los com os resultados (individuais ou coletivos) das equipes ou dos atletas. Não menos importante é salutar que um olhar minucioso, rico em detalhes e atento às subjetividades dos sujeitos de um determinado e pequeno grupo desta população poderá trazer novos horizontes para a compreensão desta realidade. Contribui como argumento a fala de Lévi-Strauss (1985), o sociólogo faz uma crítica ao modelo quantitativo de investigação e sugere uma contraproposta.

Ou bem estudar numerosos casos, de uma maneira sempre superficial e sem grande resultado; ou bem se limitar resolutamente à análise aprofundada de um pequeno número de casos, e provar assim que, no fim das contas, uma experiência bem-feita vale por uma demonstração. (LÉVI-STRAUSS 1985, p. 15).

Neste ínterim é sagaz dizer que esta pesquisa não procurará tecer generalizações a partir de uma pequena amostra. A sua perspectiva é na valorização do que foi vivenciado pelos seus participantes, isto trará profundidade e riqueza na compreensão da experiência humana em um determinado contexto, mas que podem ser fenômenos comuns na realidade das demais equipes.

2.2 Os participantes da pesquisa

Chizzotti (1991) considera que todas as pessoas participantes da pesquisa qualitativa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Reflito e concordo com essa visão do autor, porque ela enaltece a participação dos sujeitos na pesquisa e os coloca como pessoas ativas dentro de uma concepção de vida. Ainda para este autor a tarefa do pesquisador é enaltecer o conhecimento desses sujeitos, elevá-los para uma reflexão coletiva e ao conhecimento crítico.

Para Turato (2003) a amostra, numa pesquisa científica com seres humanos,

significa uma parcela selecionada, segundo uma determinada conveniência e extraída de uma população de sujeitos, consistindo assim num subconjunto do universo.

Outros autores também acompanham esta linha de raciocínio, como Morse e Field (1995). Eles afirmam que a amostra deve ser composta por sujeitos adequados para informar a respeito do assunto sob investigação.

Pope e Mays (1995) definem que a amostra pode ser proposital, deliberada ou intencional quando a escolha dos participantes da pesquisa é feita por livre escolha do pesquisador.

Ao atender a demanda trazida pelos objetivos do trabalho escolhi a qualidade do estudo de um pequeno grupo da Copa São Paulo de Futebol Junior, uma parte que compõe o todo, jogadores e comissão técnica de uma das equipes que disputaria este campeonato. Participaram da amostra desta pesquisa vinte e três (23) jogadores da categoria de Juniores do Clube, todos do sexo masculino e com até 18 anos de idade; um (1) treinador; um (1) treinador de goleiros; um (1) preparador físico; um (1) supervisor e um (1) psicólogo-pesquisador (eu como proponente desta pesquisa e psicólogo do time). Conforme as definições conceituais elaboradas pelos autores citados acima, tive a oportunidade de escolher a amostra da pesquisa, justificada pela minha proximidade, familiaridade e conseqüente facilidade de comunicação com o Clube. A ênfase do estudo foi o trabalho de intervenção psicológica e observação em pesquisa com os jogadores; no decorrer das minhas vivências no Clube fez-se necessário incluir os outros sujeitos já apresentados. Assim, o critério de inclusão dos participantes da pesquisa foi caracterizado pela avaliação de interesse do proponente desta pesquisa. Todavia é importante dizer que somente os sujeitos que aceitaram de livre e espontânea vontade participar deste estudo e, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tiveram suas vivências destacadas.

Atento à compreensão dos significados psicológicos dos sujeitos pesquisados, bem como o conhecimento das suas vivências é possível abalizar que os resultados deste trabalho poderão servir de referência para o debate de uma nova prática interventiva no esporte, a Abordagem Centrada na Pessoa. Quiçá as reflexões destes debates tragam novas possibilidades de procedimentos no Esporte, não apenas atentas à análise dos comportamentos observados, mas que contemplam e valorizam o sentimento dos atletas.

Cassorla (2003) faz várias considerações a respeito da formação de um pesquisador qualitativo. O autor ratifica a importância da formação do pesquisador nas ciências

sociais, seja ele um psicólogo, psiquiatra, sociólogo ou filósofo. Enfatiza a capacidade intuitiva desses profissionais, principalmente pelo treinamento que tiveram na Academia.

A capacidade do pesquisador de perceber ruído, detalhes, minúcias, indícios, pistas, é extremamente importante. Ele se preocupa muito mais com as diferenças, as pequenas diferenças, imperceptíveis pelo senso comum, mas que obtêm estatuto científico se se usarem métodos qualitativos. Métodos similares aos da semiologia médica. Esta estuda os sinais e sintomas das doenças, as minúcias, perceptíveis pelo bom clínico, aquele que tem olho clínico, que faz diagnóstico e prognóstico, a partir de pequenos fatos que passam despercebidos pelo não treinado. (CASSORLA 2003, p. 28)

Julgo interessante essa consideração do autor, pois assume a subjetividade do pesquisador no objeto de estudo da pesquisa. As atitudes clínicas e existenciais do pesquisador são poderosas ferramentas para compreender o que a experiência significa para o indivíduo, e este estudo só pode ser feito de forma qualitativa.

2.3 A classificação da pesquisa

Minayo (1993) faz um contraponto interessante entre a classificação de uma pesquisa qualitativa e uma quantitativa.

A abordagem positivista limita-se a observar os fenômenos e fixar ligações de regularidade que possam existir entre eles, renunciando a descobrir causas e contentando-se em estabelecer as leis que os regem. A lógica que preside esta atividade é de caráter comparativo e exterior aos sujeitos. O positivismo não nega os significados, mas recusa-se a trabalhar com eles, tratando-os como uma realidade incapaz de se abordar cientificamente. (MINAYO 1993, p. 244)

Esta pesquisa percorre a contramão da corrente positivista e se insere na classificação qualitativa. Ao olhar para o processo do vivido acrescento outro raciocínio interessante da autora. Ela considera que a abordagem dialética, sob a ótica qualitativa, trabalha com os significados da experiência humana. Chama a atenção que é dever do pesquisador social definir o nível de simbolismo dos significados e da intencionalidade humana, além de constituir um campo de investigação, atribuindo sistematicidade pelo desenvolvimento de métodos e técnicas.

Mayring (2002) apud Günther (2006) também disserta sobre as diferenças entre a classificação das pesquisas qualitativa e quantitativa, principalmente quanto ao objeto de estudo.

A ênfase na totalidade do indivíduo como objeto de estudo é essencial para a pesquisa qualitativa, i.é, o princípio da Gestalt. Além do mais, a concepção do objeto de estudo qualitativo sempre é visto na sua historicidade, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento do indivíduo e no contexto dentro do qual o indivíduo se formou. (MAYRING 2002 apud GÜNTHER 2006, p.202)

Turato (2005) comenta que o significado tem um papel organizador e estruturante na vida dos seres humanos. De acordo com os fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, idéias, sentimentos e assuntos as pessoas organizam as suas vidas. Necessita dizer que o estudo qualitativo não irá focar diretamente o estudo do fenômeno em si, mas sim no significado que eles têm aos sujeitos da pesquisa, de acordo com as vivências que tiveram.

Com base em Chizzotti (1991) a pesquisa qualitativa se fundamenta quando há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, há uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo que não separa o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Bogdan e Biklen (1994) estipulam cinco características para a investigação qualitativa. 1- Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; 2- A investigação qualitativa é descritiva; 3- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; 4- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; 5- O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Martins e Bicudo (1996) apresentam duas qualidades fundamentais para que seja conduzida uma pesquisa qualitativa. Entendem que a pesquisa qualitativa deve compreender, de forma concomitante, uma natureza teórica e prática.

Aquilo que nas teorias o pesquisador aprende sobre observações empíricas e as experiências por ele vividas devem constituir o seu ponto de partida. Essas duas aprendizagens fornecem a instrumentação para observar e analisar a realidade de modo teórico desde o início. Fornecem recursos para ver os objetos da percepção na sua origem social, histórica e de funcionamento, na sua interdependência e determinação do seu desenvolvimento. (MARTINS, BICUDO 1996, p.25)

Souza, Branco e Oliveira (2008) apresentam mais argumentos a respeito sobre a interdependência na produção empírica e teórica na pesquisa qualitativa. A construção do trabalho científico deve ser integrada e corresponder à lógica sistemática de tratamento das informações.

A metodologia caracteriza-se como um ciclo de fases inter-relacionadas e indissociáveis da teoria, ao longo do processo de construção de conhecimento. O desenho do ciclo metodológico considera: a visão de mundo dos pesquisadores; a teoria; o fenômeno a ser estudado; a unidade dialética entre os métodos empregados e os dados construídos; e finalmente, aponta o papel da experiência intuitiva do pesquisador quando este atua nos diferentes níveis ou momentos do ciclo metodológico que caracterizam determinada pesquisa. (SOUZA, BRANCO E OLIVEIRA 2008, p.5)

Esta pesquisa é qualitativa porque considera o significado que a experiência do vivido teve para a pessoa e o grupo, além dos outros aspectos levantados. Para firmar esta consideração foi congruente ter uma teoria (A Abordagem Centrada na Pessoa) que contribuísse para a compreensão destes fenômenos e que auxiliasse o pesquisador nas suas percepções dos fatos.

2.4 Procedimentos

O Clube em que a pesquisa se realizou possuía uma estrutura física capaz de dar boas condições de trabalho aos jogadores e a comissão técnica. Até aquele instante não havia sido planejado pelo Clube ter uma estrutura adequada para abrigar um trabalho psicológico com os atletas. Foi a primeira vez que esta prática interventiva aconteceu na Instituição. Não havia uma sala disponível e exclusiva para que eu pudesse fazer o atendimento psicológico com os jogadores. O imprevisto e a criatividade para arrumar um “setting” adequado eram colocados a prova em todos os dias de trabalho de campo. Considero esta questão uma especificidade para quem trabalha a interdisciplinaridade da Psicologia e o Esporte (uma vez que são precárias as estruturas dos Clubes Esportivos brasileiros). As reuniões coletivas com os jogadores aconteceram no próprio vestiário do estádio. Lá, todos os dias, os jogadores se trocavam para ir treinar. Os atendimentos individuais ocorreram em diversos locais: na beira de um campo de

treino; embaixo de uma árvore do campo de futebol; nas cadeiras e mesas de concreto que compunham a arquitetura da Praça da Igreja, esta situada ao lado do alojamento dos atletas; no refeitório do alojamento, quando este não estava sendo usado para a alimentação dos jogadores; no banco de reservas e na sala de ginástica da academia, quando esta não estava sendo usada. O critério utilizado para a seleção destes novos “settings” de escuta psicológica foi garantir totalmente o sigilo das falas dos sujeitos, de maneira que eles se sentissem libertos e confiantes para expor os seus sentimentos mais profundos. Escolhíamos o local dos nossos diálogos em comum acordo. Em relação ao trabalho de atendimento psicológico criou-se um clima de muito respeito por parte do grupo de jogadores, o que me deu uma satisfação muito grande em trabalhar com aquelas pessoas. Isto garantiu muita liberdade para os nossos diálogos.

Os atendimentos individuais eram agendados pelos próprios jogadores. Eles vinham até mim e falavam que precisavam conversar. Não havia um tempo determinado para as nossas conversas, tanto as individuais quanto as em grupo, íamos encaixando-as em função do nosso tempo disponível, sem atrapalhar a programação diária da equipe. Algumas duravam 20 minutos, outras 2 horas e meia. Os demais membros da comissão técnica (treinador, treinador de goleiros e preparador físico) pediam-me para que eu tivesse conversas específicas com alguns jogadores, queriam entender as causas da queda do rendimento de alguns jogadores. Quando isto acontecia, eu procurava o jogador e explicava o motivo da nossa conversa.

Antes de percorrer este trabalho escutei muitos “conselhos”, principalmente da comunidade acadêmica, quando alguns colegas faziam projeções: a de jogadores não gostarem e não saberem conversar com o psicólogo; de eles terem medo da figura do psicólogo; a da realidade deles ser bem diferente das pessoas do mundo acadêmico e isto seria um empecilho ao diálogo (a cultura dos jogadores é a motricidade e a do psicólogo é a fala) e sendo assim muitos deles não saberiam conversar, dando apenas respostas estereotipadas. Fui com este medo para o campo de trabalho. Como estratégia, procurei criar um clima de muita liberdade com os sujeitos, com conversas amistosas, sem parecer o início de uma terapia ou outro tipo de intervenção psicológica, para que todos sentissem confiança de uma aproximação. Logo na primeira semana de trabalho constatei que muito do que me foi dito não passaram de preconceitos, realizei muitos atendimentos, tivemos conversas significativas e que serão detalhadas nos resultados desta pesquisa.

2.5 A escolha de um método

A minha visão de mundo- homem- sociedade vai ao encontro dos referenciais teóricos da Psicologia Humanista, especificamente da Abordagem Centrada na Pessoa, idealizada por Carl Ranson Rogers. Esta linha de pensamento, que valoriza a capacidade de escolha do ser humano; ao dialogar com o Esporte, colaborou para a ancoragem desta pesquisa e foi a partir dela que pude sustentar os objetivos deste trabalho.

A palavra método vem do grego, *methodos*, composta de meta: através de, por meio, e de *hodos*: via, ou caminho (Webster Online Dictionary, disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/method>). Nesta lógica, a minha motivação passou a ser achar um caminho que me levasse ao cumprimento dos objetivos deste estudo e que, ao mesmo tempo, fosse congruente com os pressupostos teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa. Considerei o método fenomenológico como sendo o ideal neste caminhar e utilizei como técnicas para a sua viabilização a observação participante e a construção de narrativas.

Das revisões bibliográficas que consultei sobre métodos de pesquisas observei a forte ligação da Abordagem Centrada na Pessoa e da Psicologia Existencial Fenomenológica com o Método Fenomenológico. Atribuo esse vínculo a três conceitos fundamentais sobre fenomenologia: a consciência, a intencionalidade e a intersubjetividade. Na fase inicial das minhas leituras encontrei em algumas metodologias qualitativas que também incorporavam a fenomenologia, mas elas não eram classificadas como abordagem fenomenológica. Isto me confundiu bastante. Lendo mais, aprendi que essas metodologias se baseiam na fenomenologia como concepção filosófica de relação com o objeto de estudo, mas não como um caminho de pesquisa. Agora, reflito que esta confusão me aconteceu porque a concepção de fenomenologia pode ser empregada duplamente: como uma escola filosófica e como uma abordagem metodológica; sendo esta última adotada por esta pesquisa.

Edmund Husserl é tido como o fundador da Fenomenologia, sendo ela uma abordagem adequada para estudar os significados da experiência humana (Husserl, 1996). O fenômeno para Husserl compreende tudo o que podemos captar no mundo, aquilo que é consciente para nós. Assim, o objeto de estudo da fenomenologia para Husserl são os significados que as pessoas dão para as suas vivências no mundo.

Minayo (1993, p.55) afirma que é na filosofia de Husserl que a Fenomenologia busca seu nome e fundamentação metodológica “O argumento de Husserl é o mesmo de Dilthey e de Weber, isto é, os outros setores do universo abarcados pelas ciências naturais: o SIGNIFICADO”.

Moreira (2004) ao discorrer sobre em quais tipos de situações se usa o método fenomenológico define que o método fenomenológico enfoca fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida.

Nesta mesma trilha, Amatuzzi (2001) entende a pesquisa fenomenológica como a que compreende o significado do que foi vivido pela pessoa. Mas esse vivido não abrange uma concepção fisiológica ou cinética da pessoa, é a reação psicológica, espiritual anterior a qualquer elaboração posterior de raciocínios.

Dizer que o vivido é sempre acompanhado de alguma significação significa dizer que não temos acesso direto a ele. Qualquer acesso já é uma forma de significá-lo, tanto por parte do próprio sujeito que o vive, como por parte do pesquisador (ou do sujeito que reflete sobre ele). Por isso devemos dizer que o vivido “se diz” dentro de nós, ele se expressa, e assim assume significado. E é nesse ato de se dizer que ele se constitui como vivido pleno, pois é a partir de sua inscrição mínima na consciência que ele se torna vivido propriamente, e não apenas um evento físico. (AMATUZZI 2001, p. 55)

Assim, por ser o estudo das essências, a fenomenologia propõe a descrever o fenômeno, de forma a vivenciar as coisas da maneira que elas se manifestam em nossa consciência (Japiassu, Marcondes, 1996).

Não é possível falar de consciência de forma isolada. Pensando na forma em que a essência se torna consciente, a palavra consciência sempre remete a uma intencionalidade, a algo a ser vivenciado pela pessoa. De acordo com Goto (2007) é desta intencionalidade da consciência que os costumes, ações, experiências das pessoas apresentam um significado.

Assim, se toda consciência é um visar algo, o ato de visar não se restringe em ser apenas um ato psíquico, mas completa-se em ser “vivências intencionais” ou um fluxo de “vivências intencionais”. A intencionalidade, concluiu Husserl (1989), consiste na referência a um conteúdo, uma orientação até a coisa, definindo-se assim como traço constitutivo da consciência, ou melhor, o ser da própria consciência. (GOTO 2007, p. 59)

Quando se analisa a etimologia da palavra fenômeno, identifica-se que ela vem do grego “phainómenon” (mostrar) e “logos” (pensamento). Bello (2006) faz a reflexão que o

fenômeno é aquilo que se mostra, ou seja, que se torna visível e, portanto a fenomenologia abrange o estudo das coisas como elas realmente são por si mesmas.

Na parte prática desta pesquisa, enquanto psicólogo e pesquisador, minha congruência apontava para uma atitude fenomenológica. Não me era cabível fazer atendimentos, intervenções psicológicas que testassem hipóteses já concebidas em meus pensamentos. Para que eu pudesse vivenciar os fenômenos que vieram a minha luz, tive a conduta de acompanhar o processo do vivido de cada sujeito da pesquisa, sem julgamentos, enquadramentos de definições psicológicas ou utilização de técnicas. A interiorização dos marcos teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa me fortaleceu para esta congruência. Foi uma experiência de fluidez o centrar-se nas pessoas e acolher os significados que elas atribuíam as suas vivências. Busquei relatar nos resultados desta pesquisa tudo aquilo que veio à minha consciência logo após eu tê-la vivenciado. A partir do relato das experiências dos sujeitos eu procurava compreender os significados daquela realidade, tanto para eles quanto para mim.

Forguieri (2001) discute a atitude do pesquisador fenomenológico a partir das idéias de Husserl. Ao se aproximar dos sujeitos da pesquisa, vivenciar os fenômenos juntamente com eles e relatar o que foi significativo desta experiência, o pesquisador remete a um exercício de envolvimento existencial. A autora ainda insere que o trabalho do pesquisador vai em frente e, posteriormente a esta etapa, ele deve se afastar desta relação e pensar, refletir sobre o que foi mostrado, dito, vivido, procurando os significados daquela experiência (é distanciamento reflexivo).

Desta atitude psicológica, aonde se capta as partes da descrição que foram consideradas essenciais e também aquelas que não foram, propomos um pensamento reflexivo sobre elas, compreendemos os seus significados para a população em questão e no referido contexto. Nesta atitude estamos utilizando o que Husserl chamou de redução fenomenológica, pois o significado do que foi vivido na experiência retorna à consciência. Os fenômenos são os fatos que o pesquisador relatou quando estava em campo de pesquisa. Tudo o que o pesquisador considerou importante ele relatou detalhadamente. Narrou vivências, sentimentos, contexto situacional. No instante em que ele se dedica a reflexionar o que foi narrado há o retorno do vivido à consciência e isto gera a produção de um conhecimento filosófico.

Numa das críticas de Rogers (2004), sobre o freqüente uso de técnicas em psicoterapia, ele apresenta a proposta de uma relação franca, igual, desprovida de defesas entre cliente e terapeuta.

O que é importante é a nossa habilidade como terapeutas, para nos deixarmos entrar no mundo da outra pessoa e vivenciar esse momento espiritual quando os limites entre Eu e Você desaparecem. Isso é o que Buber descreve como uma relação Eu - Tu (I - Thou) em que a ênfase não é no “Eu” ou no “Tu”, mas no traço de união que transforma dois mundos diferentes em um só. É esse momento de comunicação entre dois ser interiores, ambos partilhando da Energia do Universo. É um momento altamente intuitivo. (ROGERS 2004, p.149).

Apresentei esta referência para elucidar outro conceito importante do método fenomenológico, que é a intersubjetividade. Ela se faz nas relações humanas em contato com a realidade. A relação do pesquisador fenomenológico com os sujeitos da pesquisa engloba uma visão de mundo que não é objetiva. Quando o pesquisador se propõe a compreender os significados psicológicos dos sujeitos, ele precisa estar numa relação muito franca com eles para compreender os sentimentos presentes nesta interação, formará uma unidade; somente assim ele poderá sentir o que o outro está sentindo.

Para viabilizar a proposta metodológica desta pesquisa (intervenção e prática) foi imprescindível a utilização de duas técnicas em pesquisa qualitativa (podendo ser fenomenológica ou não): a observação participante e a composição de narrativas.

Diante dos critérios de classificação das técnicas de observação em pesquisa, Gil (1991) propõe que na observação participante o observador seja ativo. Ele apresenta uma participação real na situação em foco, assumindo sua presença como membro do grupo. O pesquisador procura conhecimento sobre um determinado grupo a partir do seu interior.

Schmidt (2006) fortalece esta classificação quando enaltece que o vínculo do pesquisador se constitui no campo de estudo.

O termo participante sugere a controversa inserção de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida social e cultural de um outro, próximo ou distante, que, por sua vez, é convocado a participar da investigação na qualidade de informante, colaborador ou investigador. Desde as primeiras experiências etnográficas, pesquisador e pesquisado foram, para todos os efeitos, sujeitos e objetos do conhecimento e a natureza destas complexas relações estiveram, e estão, no centro das reflexões que modelam e matizam as diferenças teórico-metodológicas. (SCHMIDT 2006, p.4)

A mesma autora argumenta sobre os cuidados éticos de uma pesquisa participante e explicita os compromissos que o pesquisador precisa ter. A pesquisa do observador-participante não termina quando este sai do campo de investigação. Há outros trabalhos fora, o pesquisador começa a pensar o que foi vivido e deste pensar surgem novas intervenções: práticas e teóricas.

Na situação “de gabinete”, o pesquisador retoma não apenas os registros de campo – anotações de observações e impressões, gravações ou transcrições de relatos orais, fotografias, filmes, documentos – , mas a cena em que uma relação de confiança se estabeleceu e na qual lhe foram confiados modos de pensar, sentir e viver. Nesta cena, atualizam-se compromissos éticos e políticos assumidos, implícita ou explicitamente, com o interlocutor, de tal forma que o planejamento de próximas etapas da pesquisa ou do trabalho de escrita realizam-se sob o impacto desses compromissos. (SCHMIDT 2006, p. 18).

Valladares (2007) faz uma resenha do livro de William Foote Whyte, cujo título é “Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada”. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 páginas. Em seu estudo crítico, Valladares adiciona que além do interesse temático o livro é um verdadeiro guia da observação participante em sociedades complexas. Contanto, estipula dez mandamentos para quem pretende trabalhar com esta técnica. Ao lê-los comecei a repensar as minhas intervenções, desde o primeiro contato com o Clube e com os jogadores até a minha despedida. Senti-me compreendido pela autora, pois vivenciei todos eles e são perfeitamente identificáveis nos resultados desta pesquisa.

1) “A observação participante, implica, necessariamente, um processo longo”. 2) “O pesquisador não sabe de antemão onde está “aterrissando”, caindo geralmente de “pára-quedas” no território a ser pesquisado”. 3) A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. 4) Por isso mesmo o pesquisador deve mostrar-se diferente do grupo pesquisado. 5) Uma observação participante não se faz sem um “Doc”, intermediário que “abre as portas” e dissipa as dúvidas junto às pessoas da localidade. 6) O pesquisador quase sempre desconhece sua própria imagem junto ao grupo pesquisado. 7) A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. 8) Desenvolver uma rotina de trabalho é fundamental. 9) O pesquisador aprende com os erros que comete durante o trabalho de campo e deve tirar proveito deles, na medida em que os passos em falso fazem parte do aprendizado da pesquisa. 10) O pesquisador é, em geral, “cobrado”, sendo esperada uma “devolução” dos resultados do seu trabalho. (VALLADARES 2007, p. 2-3)

Pelo que estudei sobre Abordagem Centrada na Pessoa e Fenomenologia e pelo que vivenciei no campo da pesquisa, na condição de observador participante, fica difícil imaginar a técnica da observação participante não sendo uma atitude fenomenológica. Porque para que eu possa viver os sentimentos do outro eu preciso ter uma postura ética, que proponha uma relação de liberdade e de disposição na compreensão das vivências das pessoas. Pensando no grupo de jogadores, eu me sentia totalmente pertencente àquele sistema. Havia um clima de identidade muito forte, todos se preparavam para uma grande batalha, talvez até aquele momento a mais importante de suas vidas.

Aliada ao estudo fenomenológico e interdependente da técnica da observação participante, a composição das narrativas vincula-se a esta pesquisa principalmente pelo fato dela ser a facilitadora para a dimensão existencial humana. É narrando que as pessoas organizam os seus pensamentos e dão sentido para as suas experiências mundanas. O pesquisador participante, ou o psicólogo, agindo nesta direção, de facilitar a orquestração dos pensamentos das pessoas, através da sua escuta psicológica, terá um importante material para reflexão crítica. Falando, com a liberdade de expressar todos os seus sentimentos, a pessoa busca a autocompreensão e se determina.

Walter Benjamin foi um filósofo alemão que tinha como centro da sua teoria filosófica a valorização da experiência humana e considerava que o caminho para isso acontecer era a narrativa. Ele trazia uma problemática ao dizer que a era da informação, presente no mundo contemporâneo, fez com que as pessoas deixassem de narrar suas experiências, o que caracterizou uma pobreza de sentido para a vida delas. Tudo é pronto, dado, posto, sem nada ser vivenciado. Dialogando esta proposição de Benjamin com outro autor, Amatuzzi (2001); este último sugere que é preciso resgatar a fala autêntica do ser humano, a fala que vem do coração, que está conectada com o real sentido da experiência vivenciada pela pessoa. O comum das pessoas na era da informação é a utilização da fala secundária, uma palavra sem sentido para a vida. Isso vai ao encontro com as idéias de Benjamin, que numa visão da realidade, averiguava que as pessoas não se expressavam expondo os seus reais sentimentos, apenas utilizavam de frases que já estavam consagradas, como sendo um conhecimento de todos, como se as mesmas coisas tivessem os mesmos significados para todos.

A partir da filosofia de Benjamin, Dutra (2002) disserta sobre o tema da experiência como sendo uma dimensão existencial do vivido, e a narrativa como forma de expressão.

A narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida. A consonância com tal modo de pensar a experiência e a narrativa como a sua expressão, levam-nos a eleger a narrativa como uma técnica metodológica apropriada aos estudos que se fundamentam nas idéias fenomenológicas e existenciais. Através das narrativas, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador. A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida naquele momento para o pesquisador. O narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude, tal como acontece na narrativa. (DUTRA 2002, p.4)

A utilização das narrativas forneceu a este trabalho uma riqueza incomensurável, pois esta técnica, dentro do estudo fenomenológico, foi o fio condutor para a realização dos objetivos desta pesquisa. A vivência no campo de estudo, enquanto psicólogo e pesquisador, foi caracterizada pela postura de observador participante. Mas para por em prática o conhecimento do relato dessas vivências (minhas e dos demais sujeitos) e a compreensão das representações psicológicas deles só foi possível narrando, contando, expressando os fenômenos que chegaram a minha consciência e a consciência dos sujeitos.

Voltando ao texto inicial deste capítulo, o fragmento de Bernardo Soares, a classificação qualitativa deste estudo, método fenomenológico, e o uso das técnicas adequadas para a sua investigação prática forneceu-me recursos satisfatórios para compreender as multifacetadas existências das verdades que me foram narradas, vividas e repletas de significados psicológicos.

2.6 A Figura Esquemática do Método: concatenando a fenomenologia, narrativas, observação participante e a Abordagem Centrada na Pessoa.

Diversos autores que contribuem para o desenvolvimento da fenomenologia utilizam em seus trabalhos o conceito chamado “descrição ingênua”. Este se refere ao momento em que o pesquisador relata e descreve tudo o que ele conseguiu captar, os fenômenos que chegaram a sua consciência. Passa para seus registros tudo o que percebeu no ambiente ao qual se vinculou. Depois o pesquisador percorre uma nova etapa, que é selecionar naqueles relatos as vivências, os temas e acontecimentos que avalia ser interessante para um debate aprofundado. Para Martins (1988) o pesquisador deve ter o cuidado de não deixar ser conduzido pelas informações que já possui sobre o tema que irá investigar em campo. As suas hipóteses não podem ser determinadas pelos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa. É necessária a atitude desprovida de condições de valores na hora de se relacionar com os participantes e com o ambiente da pesquisa, e também nos momentos de construção dos seus relatos iniciais.

A proposição do autor me faz concluir que ir a campo sem a intenção de testar hipóteses, ser acolhedor, aceitar incondicionalmente o ambiente e as pessoas e procurar vivenciar aquela realidade de forma natural vai ao encontro aos pressupostos da Psicologia Humanista.

Considero esta a melhor forma para o psicólogo-pesquisador compreender e perceber os fenômenos que se mostram a ele.

O que foi vivido nestas relações precisa ser registrado num documento, para que o psicólogo consiga fazer suas análises e tecer reflexões sobre estes fenômenos. Eu fiz isto através da construção de narrativas. Em todas as vezes que estive em campo de pesquisa, assistindo aos treinamentos, os jogos amistosos, oficiais, atendendo os atletas individualmente e coletivamente e dialogando com a comissão técnica; sempre trazia comigo um pequeno caderno. Nele eu anotava algumas frases que ouvia e conversas que me eram contadas, rabiscava alguns desenhos, escrevia algumas palavras-chaves para lembrar os momentos que eu tinha vivido. Em seguida, quando eu voltava para casa e sentava em frente ao meu computador, abria este caderno de anotações e pensava em tudo o que fora vivido por mim e pelos participantes da pesquisa. A partir disso eu começava a narrar, através de um texto corrido, o que havia acontecido naquele dia e que era de valor para a minha pesquisa. Fiz isso diariamente. Inseri nestes meus relatos diários algumas reflexões, pois eu dependia destas para desenvolver e dar seqüência ao meu trabalho de psicólogo esportivo. No decorrer de toda a minha temporada junto ao Clube este material foi crescendo e no final compôs os resultados desta pesquisa participante.

Indispensável dizer que estes relatos não foram descrições frias, assépticas e sem interações entre pesquisador e participante. Ilustrando de forma análoga não foi como se eu observasse de longe um animal numa savana, narrasse o seu comportamento, as suas reações e com a certeza de que ele não estava sentindo a minha presença. Justamente ocorreu o oposto na minha proposta de trabalho. Estas descrições vieram carregadas de sentimentos, de energias e de expressões de significados; características de uma relação dialética entre o psicólogo e os sujeitos da pesquisa. Nelas, procurei mostrar os sentidos das experiências que tivemos durante a temporada em que permanecemos juntos. Apesar de ter anotado todos os exercícios físicos, técnicos e táticos que os jogadores prestaram naquela temporada, fiz uma discriminação necessária neste material. Destaquei apenas as minhas vivências psicológicas com os participantes. Portanto, posso entender que para muitos estudiosos da fenomenologia as descrições que realizei talvez não sejam consideradas como ingênuas, pois elas já trazem em si compreensões necessárias para a seqüência de meu trabalho como psicólogo. Mas peço a empatia do leitor para entender de que esta é a minha visão de fenomenologia. No ambiente e pela situação em que eu estava não me era possível construir a descrição ingênua de outro modo.

Como exemplo, não me preocupei em descrever com detalhes o volume e a intensidade das cargas dos treinamentos físicos, mas sim o que aquela experiência de treinamento físico pudesse significar emocionalmente para o atleta. Foram estas específicas experiências de vida que consolidaram o material para análise neste trabalho. Os subtítulos dos resultados desta pesquisa correspondem aos dias de atendimentos e percepções que destaquei.

Estávamos num caminho processual e que carecia de resultados imediatos devido às exigências do esporte de alto rendimento. Portanto, nos tempos em que eu estava elaborando as narrativas, ainda acrescentava os meus sentimentos, decorrentes das minhas primeiras reflexões psicológicas sobre as vivências emocionais dos participantes e das minhas atitudes psicológicas vividas naquele dia de trabalho. Em curto prazo, pela demanda que eles me traziam, eu sentia que precisava promover mudanças psicológicas capazes de ajudar a melhoria de vida de todos nós. Fiz isso sob o referencial da Abordagem Centrada na Pessoa. Interessa dizer que não pretendo impor uma verdade absoluta ou regra geral nestes resultados, de como um psicólogo humanista, sob o referencial da Abordagem Centrada na Pessoa, deve agir ou conduzir um trabalho de atenção psicológica no Esporte de Alto Rendimento. Este foi um processo subjetivo ao qual expus as minhas verdades à comunidade científica, o que consegui fazer, perceber, compreender e analisar naquela realidade. A análise crítica deste documento científico pelos meus pares poderá ajudar a desenvolver, definir, orientar e até mesmo corrigir os procedimentos de um psicólogo do esporte.

Para a análise dos resultados de uma pesquisa a fenomenologia também possui fundamentos específicos, chamados de análise nomotética e análise ideográfica (Martins e Bicudo, 1996). Após eu ter feito a descrição ingênua e selecionar o que seria importante (redução fenomenológica) para o meu trabalho, comecei o exercício de elaborar uma compreensão psicológica do que eu havia destacado, ou seja, os fenômenos da pesquisa. Para esta ação precisei me distanciar daquele contexto que compreendia o ambiente da pesquisa. Em casa, no laboratório e na biblioteca da Universidade eu pensava naquelas vivências e as dialogava sob a luz da teoria a qual me oriento; o intuito era compreender a totalidade e gerar conhecimentos.

Há duas maneiras para construir estas análises. Se eu escolher analisar e refletir psicologicamente todo o processo que vivi, considerando a universalidade das minhas relações e das vivências emocionais dos participantes da pesquisa, estarei fazendo a análise nomotética. Caso eu defina analisar situações individualizadas, de cada sujeito da pesquisa ou de cada dia de

trabalho, numa conjunção ímpar, estarei realizando a análise ideográfica.

Ressalvo que avalio o processo de criação das narrativas da pesquisa não somente como forma de registros sistemáticos de um estudo, mas também como meio de análise. Porque quando eu estava escrevendo-as, concomitantemente eu: organizava os meus pensamentos; refletia as minhas vivências; fazia projeções de como poderia ser o dia seguinte de trabalho; questionava-me sobre a minha prática psicológica, de como ajudar mais e melhor os jogadores. Estas questões são análises ideográficas presentes já nos resultados da pesquisa e eram expressas pelos meus sentimentos registrados nas próprias narrativas.

Na discussão dos resultados optei por fazer a análise nomotética, ou seja, refletir universalmente sobre: o meu papel, enquanto psicológico humanista esportivo; sobre a própria teoria em diálogo com o Esporte; o Esporte de alto rendimento e as vivências emocionais dos jogadores de um modo geral. Com este propósito espero atingir os objetivos deste estudo.

Porém, sabido de todos esses dados algumas curiosidades fundamentais talvez não tenham ficado clarificadas até este instante da dissertação, não pela dificuldade de me expressar, mas sim pelo contexto ao qual eu estava inserido, como exemplo: quem era eu lá dentro do Clube? Fui lá para fazer qual tipo de trabalho? É preciso detalhar estas informações.

As explicações para elas são complexas, pois eu, enquanto pesquisador, Professor de Educação Física e Psicólogo só pude tomar consciência do enfoque desta pesquisa com o decorrer do meu trabalho de campo. A minha dedicação de aculturar-me (fazer parte daquela realidade, viver a sua rotina e interagir com os sujeitos) foi ampliando os meus horizontes. Comecei a perceber elementos que jamais havia imaginado na minha situação de gabinete, fiquei assustado, vi que estava diante de um sistema bem mais complexo. O esforço de estar aberto aos fenômenos que viessem a se mostrar para mim, tendo o mínimo de idéias pré-concebidas para aquela natureza foi decisivo para a guinada da pesquisa. Para explicitar esta questão inicialmente justifica falar como foi o meu contato com a equipe de futebol e quais eram os meus propósitos iniciais.

Ingressei no curso de Mestrado da Faculdade de Educação Física com um pré-projeto de pesquisa aprovado. Este se tratava da Abordagem Centrada na Pessoa e a relação treinador-atleta no Esporte de Alto Rendimento, especificamente no futebol profissional. Eu estava iniciando o curso e ainda não tinha ido a campo, dedicava-me as leituras aprofundadas do tema e instrução em salas de aula. No final do segundo semestre, em férias de verão, tive a idéia

de realizar uma pesquisa adjunta, que até então considerava simples para a sua execução. Justamente nesta época de férias todas as atividades de equipes de futebol profissional estavam paradas. Por conta dos calendários das competições o único torneio em atividade era a Copa São Paulo de Futebol Junior. O contexto me fez pensar numa proposta de pesquisa que fosse capaz de apreender as representações psicológicas que os jovens jogadores teriam ao participar da disputa deste torneio. O que a Copa São Paulo representava para eles? Esta seria a problemática da pesquisa. Então elaborei um questionário com questões semi-dirigidas. Perguntava sobre as origens dos jogadores, como eles se imaginavam depois de alguns anos, o que eles pretendiam fazer da vida se não conseguissem se tornar jogadores de futebol profissional e como era disputar a competição. Meu propósito era o de contatar um Clube de Futebol que disputasse o torneio, passar um período de tempo com a equipe para me adaptar ao ambiente, não ser um estranho no grupo e depois aplicaria o questionário.

Apresentei o projeto desta outra pesquisa ao meu orientador, contei aos meus pares da comunidade acadêmica e também aos colegas de profissão que freqüentavam um grupo de supervisão em psicologia clínica. O pessoal achou interessante este estudo e ainda enfatizaram que seria uma boa experiência, caso conseguisse realizá-lo, pois é muito difícil conseguir entrar num ambiente tão fechado como é o Esporte de alto rendimento. Desses diálogos recebi uma sugestão desafiadora, que até aquele momento eu não tinha uma visão muito clara. Indagaram-me: - Como exercício de trabalho, por que não fazer um relato, diário de campo e com isso captar melhor aquela realidade? Não menos importante também seria uma forma de aprimoramento profissional, pensar a minha prática, lendo e discutindo os meus relatos. Aceitei o desafio, estudei sobre pesquisa com observador participante, etnografia, estudos fenomenológicos e construção de narrativas.

Iniciou-se uma nova etapa, contatar o Clube. Mande e-mails para diversos deles expondo a minha proposta. Neles, eu explicava que como contribuição eu poderia prestar serviços de atenção psicológica, sob a forma de atendimentos aos jogadores, caso algum deles precisasse e através de dinâmicas de grupo, para ampliar a consciência dos jogadores sobre alguns aspectos psicológicos inerentes ao jogo de futebol. O máximo de respostas que obtive foi que a minha proposta estava sob análise do departamento de futebol, mas sem um parecer até hoje.

Não desisti, resolvi contatar o diretor de futebol do Clube da cidade que eu residia. Ele era conhecido da minha família e amigo do meu pai, sendo que meu pai também

trabalhava neste Clube, mas exercendo atividade administrativa, sem vínculo ou gestão do futebol das categorias de base. Foi marcada uma reunião com o diretor, apresentei a minha proposta de pesquisa, justifiquei a necessidade de estudos científicos nessa área e também falei sobre a possibilidade de ajuda psicológica com os jogadores. Bem receptivo ele considerou a idéia muito benéfica, alertando que inclusive era uma das exigências de uma das empresas patrocinadoras do time, a prestação de serviços por um psicólogo. Esta empresa estava incluída na lei de incentivo fiscal ao esporte, tinha isenção de algumas taxas tributárias por patrocinar equipes de base. Para o Clube ter este fomento da empresa era preciso o cumprimento de algumas normas, como: a presença de um psicólogo, condições saudáveis de moradia, alimentação adequada, acompanhamento médico e odontológico para os jovens atletas.

A parte burocrática parecia estar resolvida. Mas o diretor do Clube salientou que sem o aval do treinador e do coordenador das categorias de base o meu trabalho não estaria habilitado. Ainda acrescentou que a dificuldade seria “convencê-los” sobre a necessidade desta atenção psicológica no esporte, pois analisava que eles estavam fechados para aderir propostas emergentes no Esporte como a Psicologia. Marcamos uma reunião com eles.

Tanto o gerente de futebol, quanto o treinador me contaram que nunca haviam trabalhado com um psicólogo. Explicaram que a psicologia que eles usavam era baseada na história de vida que eles tiveram dentro do futebol, como ex-atletas profissionais e atualmente em seus cargos de liderança. Eu informei-os que a minha intenção não era a de limitar o trabalho que eles vinham fazendo, mas de ajudá-los na compreensão dos aspectos emocionais destes jovens jogadores, dar suporte aos possíveis conflitos que eles tivessem nos períodos de preparação e disputa da competição e realizar minha pesquisa científica. Esta minha explicação pareceu tê-los confortado. Consecutivamente fiz uma exposição de como seria a minha dinâmica de trabalho. Eu prestaria uma atenção psicológica aos jogadores, individualmente, caso eles precisassem conversar sobre algo que lhes afligia, ou sobre alguma curiosidade da vida. Eu estaria acompanhando os seus treinamentos diários e se alguém quisesse conversar bastava me chamar e nós agendaríamos o diálogo brevemente. Não obstante também incluí o trabalho de atenção psicológica em grupo. Explanei que poderíamos discutir em conjunto com os jogadores alguns aspectos emocionais, inerentes ao futebol, que pudessem ajudá-los dentro de campo. Sentaríamos em roda, escolheríamos um tema e em cima desta definição poderíamos pensar em estratégias psicológicas que fossem úteis aos atletas em seus jogos.

Senti neste diálogo que a preocupação do treinador estava na consolidação da

sua liderança perante o grupo de jogadores: “- eu preciso ter o grupo nas mãos, acho que você poderia me ajudar nisso”, dizia ele. Entendi que eu poderia ajudá-lo neste processo. Contribuir para uma maior harmonia entre comissão técnica e jogadores.

A partir daquele dia eu começaria a freqüentar os treinos do Clube, os jogos amistosos e os de competição. O trabalho encerrava-se no final da disputa da Copa São Paulo de Júnior. Combinamos que no dia seguinte eu assistiria o primeiro treino, no período da tarde e no seu final faríamos a minha apresentação, consolidando a minha presença no grupo. Aparentava que a minha pesquisa estava em segundo plano para eles, pois não tiveram a curiosidade de saber dos seus detalhes. Achei que seria um trabalho tranquilo, daria para atender ao pedido da comissão técnica e ainda coletar os dados da pesquisa.

2.7 Os cuidados éticos

Esta pesquisa respeitou as normas estipuladas pela Declaração de Helsinque (2007) “O bem estar do ser humano deve ter prioridade sobre os interesses da ciência e da sociedade”. Teve o parecer favorável, sem restrições, do Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Faculdade Estadual de Campinas (FCM/UNICAMP), cujo número de inscrição do protocolo registrado foi 539/2009.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado, lido, esclarecido e entregue pelo próprio pesquisador, em mãos, aos participantes. O TCLE foi escrito aderindo totalmente às atribuições e características do Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96. Os participantes só puderam assinar o TCLE após todas as suas dúvidas terem sido sanadas.

Foi garantido o sigilo da identidade dos participantes e também o do Clube de Futebol (instituição em que a pesquisa foi realizada). Em todo o trabalho os nomes dos participantes desta pesquisa foram substituídos por letras aleatórias do nosso alfabeto.

É visto em algumas pesquisas que o nome da instituição aonde a pesquisa se realiza é divulgado. Mas entendo que no contexto que esta se insere, caso o nome da instituição fosse revelado, ficaria facilitada a identificação dos participantes. Por este motivo, em todo o trabalho, também não se encontrará o nome do Clube em que a pesquisa foi realizada.

III- RESULTADOS

3.1 Primeiro dia: Vivenciando o campo

Tarde

Às 14h30min eu estava na porta do estádio, de onde sairia o ônibus da equipe com destino ao local de treinamento, o campo de futebol de uma usina da cidade. Eu fui uniformizado, identificando-me com a comissão técnica. Enquanto o transporte não chegava, observei algumas rodas de conversas entre os jogadores – provavelmente eles imaginavam quem poderia ser aquele novo elemento no grupo. Eu estava ao lado do treinador de goleiros quando veio um jogador nos cumprimentar: era um dos goleiros da equipe, M. O treinador de goleiros disse a ele que eu era psicólogo e acompanharia o time daquele dia em diante. Fiquei ansioso olhando a sua reação, e veio-me uma resposta positiva. Ele, sorridente, falou que seria muito bom poder contar com alguém que cuidasse da “cabeça”, pois muitas vezes eles precisavam conversar e não tinham ninguém para desabafar os problemas. Eu respondi que estava contente em saber daquilo e que após o treino faria uma palestra me apresentando e definindo a minha forma de atuação.

O diálogo se estendeu um pouco mais. M. revelou-me que estava precisando de ajuda, pois andara cometendo algumas falhas consideradas “graves”. Disse-me que tinha cometido um pênalti e um ato de agressão no último amistoso do time. Sentira-se muito nervoso e não conseguira controlar a sua raiva: “eu sou um pouco estourado e isto às vezes me atrapalha”. Eu respondi que às vezes não nos damos conta do que estamos fazendo num determinado instante e, só depois que o ato acontece, paramos para pensar nas nossas atitudes. Optei por dar uma resposta generalista, curta, sem me aprofundar na sua fala. Julguei que ali não era o local adequado para uma conversa daquelas. Na sequência do nosso diálogo, M. falou que já havia conversado com os outros companheiros da equipe para que se sentassem e discutissem um pouco sobre o futebol do time, a fim de fazer os ajustes necessários para a Copa que estaria por vir. Importava-se com o diálogo em grupo. O assunto não se estendeu, pois começaram a chegar

outros jogadores do elenco, que foram formando uma roda ao nosso redor, e eu fui me apresentando informalmente a eles. Alguns já fizeram algumas piadas do tipo: “aqui está todo mundo ficando maluco!”. Eu achei engraçado, também dei risada. Logo em seguida, fomos chamados para entrar no ônibus com destino ao treino da tarde.

Na viagem até o campo de treino, comecei a pensar sobre algumas coisas que aquele jogador me dissera: dificuldade de falar “com o coração”, a solidão dos sentimentos, a oportunidade de um diálogo sistemático com os demais companheiros. Eles passam meses distantes de suas famílias, sem poder ter alguém para compreendê-los, dialogar sobre os assuntos mais sérios sem o receio de serem rejeitados. Ainda dentro do ônibus, no percurso ao campo de treinamento, certamente a notícia de que eu era psicólogo já havia se espalhado aos demais.

Fui sentado ao lado do preparador físico do time, que se queixava a mim sobre as condutas inadequadas dos jogadores: saíam muito da concentração, passavam horas na *Lan House*, passeavam bastante a pé nos horários de descanso. Ele se preocupava com aquele desgaste físico desnecessário. Alguns jogadores reclamavam a ele que estavam sentindo muito cansaço devido à bateria de exercícios físicos que vinham realizando. No tocante a isso, vi que o preparador físico esperava que eu tivesse a função de melhorar a conduta dos jogadores fora de campo, sugestioná-los a ter mais responsabilidade com as suas obrigações e se adaptar adequadamente ao protocolo de treino. Eu concordei com ele, mas também fiquei ressabiado sobre até que ponto o atleta deveria se adaptar a um protocolo, e não este ao atleta, aos elementos constitutivos de suas subjetividades.

No local de treinamento, durante o tempo de descanso das atividades técnicas, chegavam mais jogadores que vinham me cumprimentar. Eles se apresentavam e alguns repetiam as brincadeiras do tipo: “você precisa dar um jeito no jogador X, ele está piradão!”. Eu entrava no clima, sorria, mas não tecia nenhum comentário a respeito. Não poderia ameaçá-los: e se realmente o jogador X estivesse com algum problema? Eu torcia para que o treino terminasse rapidamente para minimizarmos aquela curiosidade natural dos atletas de conhecer o novo integrante. Já me sentia muito acolhido, *a priori* não observei resistência. Fiquei pensando se aquilo era comum com qualquer outro novo integrante que viesse a fazer parte daquele grupo ou se era por eu estar sob o título de psicólogo.

Terminado o treinamento, o técnico do time chamou os jogadores e pediu a eles que, após o banho no vestiário do Clube, não fossem embora. Eles deveriam permanecer no local,

porque eu iria me apresentar a eles e falar do meu trabalho.

O vestiário do Clube era bem amplo – cada jogador tinha uma poltrona de madeira e estas ficavam dispostas em círculo, o que facilitava o diálogo em grupo. Havia a separação, através de paredes, entre a área dos jogadores, a da comissão técnica, os chuveiros e os vasos sanitários. Esperei todos se acomodarem, inclusive psicologicamente, aguardando o silêncio, e comecei a minha apresentação.

Falei o meu nome, a minha profissão, e contei que também já tinha jogado futebol nas categorias de base daquele time, mas sem potencial para seguir em frente (muitos riram nesse momento). Aproveitei o gancho para ilustrar como a intervenção da Psicologia poderia ajudá-los em sua carreira no futebol. relatei que, na época em que eu estava jogando, vi muitos bons jogadores ao meu lado, com potencial incrível para vencer no futebol. mas que também não conseguiram dar continuidade à carreira devido a fatores emocionais: medo, insegurança, condutas antidesportivas, falta de confiança, de conhecimento das suas capacidades. Deixei claro que o meu trabalho lá seria ajudá-los no esporte e na vida, e que a minha forma de fazer isso seria conversar francamente com eles. Expus que o sigilo seria sempre mantido, e que a sinceridade seria fundamental para crescermos em nossas atividades. Enfatizei que a minha dedicação seria exclusiva à equipe a partir de então.

Aproveitei as piadas que eles fizeram, sobre a possibilidade de algum jogador ou muitos estarem “loucos”, para desmistificar o trabalho do psicólogo. Esclareci que eu não estava lá somente para “arrumar” a cabeça deles, por estarem doentes ou algo do tipo. Contei então a história de um bebê que vira uma cobra no meio do caminho e fora em direção a ela; em seguida, a cobra deu-lhe vários botes. Perguntei a eles o porquê de o bebê ter ido em direção à cobra. Eles responderam que ele não sabia que ela era perigosa, que fazia mal, pois ele não a conhecia. Explicitei, assim, que esta seria a perspectiva do meu trabalho: promover o autoconhecimento. Iríamos falar sobre do que éramos capazes, sobre aquilo em que éramos bons, sobre o que estávamos fazendo de errado e, a partir daí, traçar juntos, com muito diálogo, estratégias para melhorar. Mas, se alguém tivesse problemas para falar a respeito de algo de dentro ou fora do futebol, eu também estaria lá para ouvi-lo.

Dando continuidade, sugeri uma dinâmica de grupo para nos apresentarmos, com uma bola de novelo de lã que eu trouxera. Eu jogaria a bola para um determinado atleta, e este deveria contar um pouco de sua vida (de onde viera, a idade, o nome, a posição, o que

esperava do futuro, do campeonato); em seguida, passaria a bola para outro, mas continuaria a segurar um pedaço do barbante. Dessa forma, o novelo iria formar uma rede entre os participantes.

O primeiro jogador falou conforme o combinado, mas, depois que terminou o discurso, jogou a bola para o meio-campista R.: quando este recebeu a bola, todos deram gargalhadas. Provavelmente, pela situação, ele era estigmatizado como uma pessoa polêmica no grupo. E, de fato, R. pegou o novelo de lã e arremessou na parede. O meu coração disparou, e pensei: “pronto, acabou a dinâmica!”. Rapidamente, pedi silêncio e falei que eles não eram obrigados a falar se não quisessem e insisti, estava lá para ajudá-los. Esta última palavra foi mágica, pois ficaram respeitosos imediatamente. Um deles, inclusive, chamou a atenção dos demais: “sem zoeira, vamos continuar!”. A roda foi até o final, a rede se formou, e R. foi o último a falar. Depois disso, pedi a palavra novamente e peguei uma tesoura da minha mochila. Todos ficaram eufóricos devido ao suspense, mas se acalmaram rapidamente. Então disse: “Vejam, galera, cada um de nós tem uma história, tem um sonho, queremos vencer na vida. Neste momento nós estamos muito unidos, pois vamos disputar um campeonato juntos. Um depende do outro aqui, um precisa respeitar o outro, conhecer o outro, gostar do outro. Eu entendo que quanto mais unidos a gente estiver, mais fácil será a nossa batalha, as nossas conquistas. Vejam esta teia que se formou. Puxem cada um dos seus pontos, sem soltar. Estamos muito ligados e dependentes. Agora observem” – pego a tesoura e corto um dos fios de lã do emaranhado – “Puxem forte os seus pontos”. A teia se desfez. “Portanto, se a gente começar a cortar relações, desconsiderar a força deste nosso grupo, vai ficar cada um por si, o grupo se desfaz, e a gente perde a nossa força”. Agradei a todos, assim, e novamente destaquei que estava lá para ajudá-los. Eles bateram muitas palmas e vieram me cumprimentar um a um antes de irmos embora.

Em casa, refleti que as minhas atitudes na palestra haviam sido muito diretivas. Assim como a comissão técnica tinha os seus ideais, eu também acrescentara os meus, como a inclusão da coesão grupal sendo um aspecto emocional essencial para eles trabalharem. Mas, e se eles não quisessem depender uns dos outros, seria possível vencer no esporte coletivo e na vida desse modo? Uma equipe sem união poderia vencer campeonatos? Pela minha experiência e pelo que já havia lido, seria bem mais difícil conquistar vitórias e harmonia na equipe sem uma coesão entre os seus membros. Eles estavam unidos pelas suas funções em campo, esquemas táticos, situações que fizeram se encontrar na vida; mas isolados como pessoas, fechados, sem troca de

experiências significativas, afeição, consideração pelo próximo. Ficou-me disso a primeira lição: deixá-los pensar como grupo, individualmente ou coletivamente, e discutir os seus caminhos, considerando suas vivências, trocando experiências subjetivas, para que eles tirem as suas próprias conclusões dos fatos. Como psicólogo, cabe-me a tarefa de facilitar o potencial humano orientado para o crescimento. Para isso, utilizei-me de atitudes como empatia, aceitação positiva incondicional e autenticidade. Nesse primeiro encontro grupal, dei mais peso para a autenticidade, pois senti que os jogadores necessitavam do contato com a minha subjetividade.

O que me confortou foi o sentido que essa palestra teve para mim, pelo clima que foi criado. Senti receptividade, senti que gostaram de mim, vi valor no meu trabalho, votos de confiança. Saí de lá muito feliz. Será que conseguiremos vencer?

3.2 Segundo dia: Primeiros diálogos com a comissão e os jogadores J. e M.

Manhã e Tarde

Pela manhã, fomos novamente até o campo da usina treinar. Primeiro teve o aquecimento dos jogadores com o preparador físico. Depois houve um treinamento de ordem tática com o time titular (orientado pelo treinador), e os reservas realizaram outra atividade, exercendo os fundamentos de passes (sob a supervisão do auxiliar técnico do time). No período da tarde, os jogadores titulares fizeram as mesmas atividades que os reservas haviam feito pela manhã, e inverteu-se a ordem. Gostei dessa proposta de inclusão, pois a comissão técnica demonstrou a preocupação de treinar igualmente todos os jogadores, mesmo havendo a definição de titulares e reservas.

Após a minha apresentação de ontem, eu já cumprimentava os jogadores normalmente, sem aquele receio de ser o diferente do grupo. Porém, limitava-me a dizer “bom dia”, “olá”, “tudo bem”. Não quis tomar a iniciativa de uma conversa extensa com os que eu cumprimentava. Minha intenção era deixá-los livres, para não se sentirem pressionados. Além disso, algo que me perturbava de início era o fato de não encontrar um local adequado para poder conversar confortavelmente com os jogadores. Não existia a estrutura do *setting* terapêutico da

Psicologia clínica tradicional (sala, cadeiras, ambiente isolado, confortável). Teria de improvisar.

E as brincadeiras dos atletas continuaram: “professor, eu estou estressado, estou louco”. Mas o sentimento que isso me passa é que pode haver algo que eles queiram falar e ainda não têm coragem. Não devo me precipitar, é preciso esperar. Por enquanto, vou deixar esse movimento para eles.

Na volta do treinamento pela manhã, vim no ônibus sentado ao lado do treinador, e ele me falava dos Clubes que já havia treinado. Perguntei a ele com quem era mais difícil trabalhar: com o profissional ou com a categoria de juniores. Bastante convicto, ele respondeu que era a de juniores, pela questão educativa: “é um trabalho mais de artesão, tem que ficar paparicando muito eles e não é todo mundo que faz isso. Os times pagam muito mal, 1500 reais”. Revelou-me o sentimento de desvalia, a necessidade de ter seu trabalho reconhecido.

Essa realidade de salários baixos nas categorias de base é preocupante, pois obriga os treinadores a buscar glórias, conquistas, reconhecimentos por meio dos resultados nas competições, como os títulos. Entretanto, penso, diferentemente, que a prioridade das categorias de base é a formação do atleta, a pessoa-atleta, e muito dessa formação é perdida ou ignorada pela necessidade de sobrevivência, de sustento dos integrantes das comissões técnicas. Por isso, todos querem subir para o profissional e ganhar mais.

Tarde

Às 14h, fomos para o campo de futebol de uma cidade vizinha à nossa realizar o mesmo treinamento do período da manhã. No ônibus, vim conversando com o preparador de goleiros, F., que me contou muito da sua vida e do que considera ser o seu diferencial como preparador de goleiros: a relação de amizade com os jogadores. Condenou os treinadores e preparadores que apenas dão o treino e não se preocupam com outros aspectos da vida do atleta: “eu gosto de saber de toda a vida dos meus goleiros” – de onde vieram, suas famílias, amizades, namoro – “Sabe, melhora muito o meu treino”.

F. é um ex-goleiro de futebol profissional e passou grande parte da sua vida nos gramados. Não possui formação universitária. Hoje, ele reproduz os treinamentos que aprendeu quando era jogador. Procura estar próximo aos jogadores, sempre faz brincadeiras com eles, sai junto, interage bastante.

O tema norteador de nossa interlocução foi o da personalidade, e F. me indagou sobre uma dúvida que tinha em relação a isso: queria saber se era possível mudar o jeito de ser de

um jogador. Falando sobre o seu próprio temperamento, descobri que F. havia sido um goleiro que gostava de orientar o time, era líder, gritava demasiadamente dentro de campo para cobrar melhores rendimentos dos colegas de profissão. Não gostava de goleiros pouco enérgicos, que ficavam calados debaixo das traves e que não gritavam com o time. Qualificava o comportamento dele uma das mais importantes virtudes que um goleiro poderia ter.

Passou-me, então, segundo sua avaliação, o perfil dos goleiros da equipe. Dois deles eram bem parecidos: calados, frios, tímidos, não se expunham ao restante do grupo de jogadores. Já o goleiro M. era o contrário deles e bem parecido com F. quando jogava. F. queria fazer com que os dois goleiros “pacatos” se parecessem com M. quanto às atitudes de auxiliar a equipe. A minha dúvida imediata foi se aqueles modos de agir dos goleiros prejudicavam as suas técnicas, o seu jogar. F. me respondeu que não. As defesas, saídas de gol e reposição de bolas eram as mesmas. Porém, os zagueiros, os laterais e a própria torcida ficavam inseguros quando percebiam que o goleiro era calado.

Dei um conselho e uma explicação psicológica a F., dizendo que nós, seres humanos, temos tendências ao agir diante das situações que a vida nos impõe. Estas vão sendo formadas, enraizadas de acordo com a nossa história de vida, principalmente com as relações que tivemos com as nossas famílias e outras pessoas. Mas, quando temos consciência dessas nossas tendências, quando aprendemos a nos olhar melhor, começamos a ter o poder de escolha para tentar fazer, agir diferente. O mais importante é a pessoa querer mudar. Encorajei F. a conversar com seus goleiros sobre isso, sobre a necessidade de falar dentro de campo, gritar, orientar os demais jogadores da equipe e expor os motivos que acabara de me mostrar. Mas aconselhei também que os deixasse fazer isso do modo deles, ou seja, que ficasse clara a importância da orientação dentro de campo, mas respeitando o estilo de cada um de falar.

O primeiro atendimento (Goleiro M.)

Enquanto os jogadores de linha realizavam o treinamento mencionado anteriormente, os goleiros efetuavam outro específico. Sempre treinavam separados do restante do elenco. No decorrer dos treinamentos, o goleiro M. veio até mim e perguntou se poderíamos conversar um pouco. O preparador de goleiros F. o tinha liberado para ir me procurar. Era o meu primeiro atendimento. Fui receptivo com o jogador. Olhei para os lados em busca de um local

para conversarmos, de maneira que o volume de nossas falas garantisse o sigilo. M. sugeriu o banco de reservas do outro lado do campo, que considerei viável, e fomos até lá. Sentamo-nos no chão, um de frente para o outro.

Novamente eu reforcei o sigilo, a liberdade para falarmos sobre qualquer assunto, e alertei que o nosso tempo dependia da duração do treinamento dos demais jogadores. Nosso encontro durou um pouco mais de meia hora. De início, M. me trouxe muitas queixas. Ele não conseguia controlar a sua raiva e citou três casos em que chegara a agredir outros jogadores de times adversários, sendo expulso de campo. Num dos últimos amistosos da equipe, quando eu ainda não era o psicólogo do time, M. cometeu uma infração desse tipo: fez pênalti num atacante, dando-lhe uma entrada violenta, e foi expulso pelo árbitro. Não contente com a punição sofrida, pegou a bola e chutou em cima deste, que lhe aplicou o cartão. Após o ocorrido, ficou sabendo que o treinador iria testar os outros goleiros na posição de titular, pois não confiava mais em M. O jogador me contou ainda sobre outros atos de violência dentro de campo, cometidos quando estava em outras equipes, e que se fossem conhecidos pelo treinador desta, as consequências seriam bem piores do que perder a titularidade.

A minha preocupação inicial era de não ter a postura de um diretor de escola que fosse conversar com um aluno que cometera uma infração, mas sim a de alguém que estaria lá para aceitar e compreender todos esses atos. Anulei a minha autenticidade e dediquei-me a aceitar incondicionalmente suas verdades. Com essas atitudes, M. foi relatando com detalhes cada caso, como se estivesse contando seus pecados ou os segredos que a maioria desconhecia, ou que ninguém sabia completamente. Uma de suas conclusões foi que, olhando tudo o que havia feito, mais o resultado de sua última transgressão (a perda da posição de titular), estava arrependido, e considerou suas experiências malsucedidas como aprendizado. Chegou a afirmar que aquilo não iria se repetir.

O que me impressionou foi a sua auto-avaliação, o entendimento do porquê de ser daquela maneira. M. acha que se cobra muito, não aceita errar, mesmo que esse erro seja mínimo. Também se queixou de não querer depender mais dos pais, apesar de eles darem uma boa condição de vida a ele. Quer independência e deseja ser diferente do pai: “esse meu jeito brigão é porque sou igual ao meu pai. Ele é estourado, aprendi com ele isso”. Tornar-se jogador de futebol era uma forma de conquistar sua independência, ter a sua identidade, mostrar o seu valor como homem. Contudo, percebeu que não podia ter o jeito de seu pai, que isso iria

atrapalhá-lo, mas não sabia agir de outra forma. A ameaça de não jogar a Copa São Paulo, não por falta de técnica, mas pela sua conduta, era dolorosa. Ele viu que eu poderia ajudá-lo e percebi que ele precisava de um voto de confiança, de mais uma chance para firmar-se na equipe. Ele se sentiu aliviado com a conversa, disse-me que, ao contar todos os seus atos “ruins”, era como se limpar por dentro. Senti que ele queria passar uma borracha no passado. Agradeceu muito a atenção que lhe dei. Saí desse encontro com a certeza de que ele não cometeria mais esses erros. Mas e os demais membros da comissão ou do time?

Após o atendimento com M. e já terminado o treinamento, um dos zagueiros do time, J., procurou-me. Ele queria conversar, pois andava estressado, e quase havia brigado com o seu colega no alojamento devido a “bobagens”. Curiosamente, J. era um dos atletas que mais brincara comigo sobre a Psicologia, sobre o “estar louco”. Agora, já percebo tais comentários como tentativa de aproximação, de pegar confiança para se abrir. E a minha conduta com M. o motivou a procurar auxílio. Marcamos o atendimento para depois do jantar do time, no próprio alojamento.

J. era um dos zagueiros titulares do time. Veio de longe para disputar a Copa São Paulo. Já estava na equipe desde a metade do ano, quando disputou outro campeonato. Quando chegou, veio acompanhado de mais três jogadores, os quais já eram amigos porque haviam vindo do mesmo time. Para a disputa da Copa São Paulo, os seus amigos foram dispensados pelo Clube.

Sua queixa era de não saber lidar com os jogadores atuais. Ele tinha baixa aceitação do grupo. Dizia que os jogadores não gostavam dele, mas isso não o incomodava. “Não estou aqui para fazer amizade e sim para me tornar jogador de futebol profissional. Só quero que me respeitem e me deixem em paz”. Ele não reagia bem às brincadeiras, ou até mesmo às provocações, e em alguns casos tinha desavenças mais ríspidas. Senti uma solidão profunda em J. Seu pai era caminhoneiro e vinha visitá-lo uma vez por mês. Como morava distante de sua família, passava os finais de semana de folga sozinho. Essa situação não era boa nem para ele nem para a equipe. Ele estava sujeito à condenação do grupo se errasse alguma jogada dentro de campo e tinha essa consciência. A maioria torcia para ele perder a posição de titular. Aconselhei J. a relevar as brincadeiras que faziam com ele. Não era preciso participar delas, mas sim ter mais diplomacia. Eu esperava que, com os trabalhos em grupo, isso pudesse melhorar. Entretanto, o que ficou de significativo nesse nosso encontro foi que J. precisava mesmo de um amigo, de

alguém para trocar idéias, com quem pudesse contar, em quem confiar. Senti muita dor quando vivenciei a sua solidão.

A questão do sigilo está sendo essencial para o meu trabalho. Os jogadores começam a contar coisas para mim que a comissão técnica desconhece completamente, e que envolvem disputa por posições, dificuldade de relacionamento e predileção do treinador. Tenho que ter extremo cuidado ao lidar com essas informações.

3.3 Terceiro dia: O primeiro dia do Grupo de Crescimento

O treinamento desse dia foi de ordem física e aconteceu somente no período da tarde numa academia de ginástica. A parte da manhã foi destinada ao descanso dos jogadores.

Eu fui até a academia acompanhar os atletas e, se fosse preciso, ajudaria o preparador físico nas atividades que ele havia proposto. Para não atrapalhar o fluxo de pessoas da academia e da equipe, os atletas foram divididos em grupos, os quais tinham horários predefinidos para entrar e sair do recinto. Conforme os grupos chegavam, eu os avisava de que no final da tarde haveria uma reunião comigo no vestiário do estádio, chamada de Grupo de crescimento. Quase todos os jogadores queriam saber mais detalhes de como seria o nosso encontro. Eu não fiz suspense, informei-os de que iríamos conversar sobre assuntos que estavam relacionados ao futebol, e o primeiro seria sobre arbitragem, violência, cartões amarelos e vermelhos. Tive a apreciação deles. Alguns demonstravam vontade de já contar alguns fatos, mas eu pedi que aguardassem até a hora do nosso encontro.

O Grupo de crescimento

Os jogadores chegaram ao vestiário no horário combinado. Estavam ansiosos com aquela reunião, com o que poderia acontecer, mesmo sabendo do tema. Então eu tomei a iniciativa da fala, pedi para que todos se sentassem e se acalmassem para que houvesse um bom silêncio. Isso demorou alguns minutos, e houve até o policiamento de alguns atletas pedindo aos outros para se controlarem. Cumprido esse primeiro passo, de nos sentarmos e nos

estabelecemos para um diálogo grupal, dei seqüência à minha fala. Pedi a eles que pensassem um pouco sobre os momentos que já haviam tido de violência no esporte: “vamos pensar em quais situações tomamos cartões amarelos, cartões vermelhos; quando agimos de forma violenta, como foi isto; quando agredimos propositadamente um adversário e quais foram as conseqüências disto; como os adversários nos agredem; todas essas situações que envolvem provocações e reações violentas de nossa parte e dos adversários; pensem um pouco o que vocês já vivenciaram sobre estas situações. Só vamos pensar agora, não é para falar, vocês vão ter um tempo para lembrar”. Deixei alguns minutos de reflexão e senti que todos eles se identificavam com o tema, pois muitos já ameaçavam querer contar alguma coisa. Partiu deles a prontidão para falar, mas pedi um pouco mais de calma, porque alguns ainda poderiam estar elaborando o pensamento. Depois disso, continuei com o procedimento e deixei-os à vontade: quem quisesse poderia contar um episódio, mas não era obrigatório que todos falassem. Não queria pressioná-los. E nesse passo do contar, quatro deles levantaram a mão dizendo que tinham algo a compartilhar com o grupo.

O primeiro foi o zagueiro J., que contou a todos que não se conformava até hoje com um jogo em que fizera uma falta boba e fora expulso. Disse que não queria ter feito aquela falta, mas só foi pensar nisso quando o jogador adversário já estava caído no chão. Houve uma manifestação coletiva de que isso acontecia com muitos deles. Coloquei a minha compreensão de que parecia que não tinham o controle do corpo, pois somente após o ato tinham consciência do que haviam feito. Todos concordaram.

O segundo jogador a se manifestar foi R. Fiquei espantado naquele momento, pois na nossa primeira reunião em grupo, os jogadores o provocaram e ele se recusou a participar da apresentação. Hoje R. demonstrou a atitude de querer se expressar, participar, e isso me deixou muito contente. Disse ele que uma coisa que não aceita no futebol é ter a família “xingada”, e que quando isso acontece, “parte para cima” de quem falou mal. Contou duas situações em que isso ocorreu e em que se sentiu obrigado a brigar com socos e pontapés. Achei muito interessante a sua fala, pois o grupo se manifestou em concordância, como se o respeito à família fosse um critério, um valor fundamental, algo sagrado, e agredi-la fosse inaceitável. Eu perguntei a eles se ter a família ofendida era como se apertassem um botão dentro de nós que nos movesse a brigar. Todos concordaram. Então, outro zagueiro da equipe concluiu: “mas é isso que eles querem, né, professor?”. “Eles” correspondiam às sugestões dos adversários, e eu elogiei sua

conclusão, concordando.

O terceiro a falar foi W., que declarou que com ele acontecia algo diferente: conseguia, até determinado instante do jogo, guardar as provocações dos outros, mas elas não sumiam, iam se acumulando. E quando se acumulavam demais, ele explodia e agredia violentamente. Relatou que uma vez chegou a chutar a cara de um zagueiro adversário que estava no chão. Eu me assustei com esse relato, fiquei com medo e refleti que tinha sugerido um tema interessante para ser discutido. Perguntei então o que houve após esse fato, e ele me contou que o jogo terminara em pancadaria.

O goleiro M. foi o quarto a se colocar e sua fala foi parecida com a de W.: novamente se pronunciou evocando a entrada violenta e desnecessária que deu num jogo amistoso. Alguns jogadores externaram apoio, dizendo que aquilo era coisa do futebol. Eu elogiei a demonstração de solidariedade dos jogadores, que era muito bonito de ver aquilo numa equipe, mas, ao mesmo tempo, disse que tudo o que estávamos tratando era sim “coisa do futebol”, mas que precisaríamos discuti-las para crescer. Houve um silêncio reflexivo. Hoje não sei se fiz certo, pois estava claro que eles sabiam que aquelas atitudes eram erradas, talvez bastasse somente a minha aceitação incondicional. Mas o meu medo era que aqueles casos se repetissem ou se consagassem como algo cotidiano. Se eu concordasse que aqueles atos de violência eram coisas normais de um jogo, eles poderiam acontecer novamente, e eu não queria isso para eles, deixei claro.

O próximo passo foi uma seleção. Fiz um resumo do que eles haviam me contado e pedi para que escolhessem quais dos depoimentos estavam mais relacionados com as suas vidas, quais eles queriam discutir mais. Escolheram o caso de R., sobre a provocação da família no jogo. Havia um consenso de que aquela situação poderia ocorrer com todos. Perguntei se alguém queria contar uma história parecida com a de R., que tivesse acontecido nas suas vidas, e como haviam lidado com aquilo – era o momento para sintonizar. No entanto, percebi que os atletas começaram a discutir entre si se era possível evitar aquelas situações ou não. Então pedi pausa e pulei o sintonizar.

Partimos para o passo do analisar. Propus a eles pensar e discutir alguns episódios do futebol em que acontecera algo parecido, num jogo que eles tivessem visto na televisão ou escutado. Foram dados quatro exemplos: a cabeçada de Zidane em Materazzi no final da Copa de 2006, quando o zagueiro da Itália ofendeu a irmã de Zidane; a briga de Edílson e

Paulo Nunes numa final de campeonato paulista; a briga de Roberto Carlos e o goleiro Chilavert num jogo da Taça Libertadores e vários episódios do jogador Edmundo. Diante desses exemplos, o lateral do time R. disse que não poderíamos ser “bobos” de cair na provocação dos adversários, pois era isso que eles queriam, ficar com jogadores a mais para facilitar o jogo deles. Ainda utilizou o exemplo de que quando jogam contra times grandes, da capital, os jogadores de equipes maiores usam desaforos do tipo: “quanto é o seu salário?”; “Você jogou onde?”; “Quem é o seu empresário?”. Isso é uma forma de agressão, de violência, concluiu R. Eu fiquei surpreso com esse depoimento, pois muito desses comportamentos fazem parte da cultura do futebol profissional e é copiado pelas categorias inferiores. Considero que este seja um tema específico a ser debatido em próximos encontros, o jogar contra equipes de maior expressão nacional. Porém, o sentimento trabalhado era o mesmo, o das consequências da relação entre agressor e agredido.

Senti que o grupo percebeu a necessidade de ser “esperto” e não reagir sem pensar, por mais duras que sejam as ofensas. Coloquei essa minha autenticidade a eles e pedi que alguém me dissesse qual ou quais as melhores maneiras de não cair nessas armadilhas – era a etapa do agir. O zagueiro E. comentou que a melhor forma de não se sentirem agredidos era se concentrarem no jogo, sempre pensar no resultado da partida, na equipe, e não no que está fora dela. Eu não esperava a riqueza da resposta que E. nos deu: foi clarificante, objetiva, parecia uma vacina. Senti-me feliz, pois aquela fala soou como um dogma para todos, algo incontestável, em que todos confiavam. Perguntei se alguém queria falar mais alguma coisa, pois já estávamos chegando ao final da reunião, mas ninguém se manifestou. Eu agradei a todos e encerramos. Todos bateram palmas e voltaram ao alojamento.

3.4 Quarto dia: Conversas com os goleiros e a disputa pela titularidade

Hoje, a equipe treinou apenas no período da manhã. Foi feito um treinamento de ordem tática. O treinador coordenou um jogo entre os jogadores titulares e reservas, e em diversas ocasiões parava o jogo para dar orientações de posicionamento aos jovens atletas. Fiquei apenas observando os jogadores treinarem. E, apesar de ser um treinamento, pude notar que houve algumas jogadas mais ríspidas. Amanhã é dia de jogo amistoso, e vejo que há muita

vontade dos reservas de conseguir uma vaga na equipe titular. O treinamento terminou empatado, e o treinador chamou a atenção da equipe titular, dando-lhe muitas broncas. No final do treinamento, os goleiros T. e M. pediram uma conversa comigo, que agendamos para o período da tarde.

Conversa com T.

Passei na concentração e procurei o goleiro T. para ouvi-lo. Muitos jogadores estavam ali alojados, e ficaria difícil termos um diálogo com privacidade. Eles dormiam em cinco em cada quarto, e sempre tinha gente circulando pela casa. No quarteirão abaixo da concentração havia uma igreja. Sugeri para que fôssemos até lá, pois poderíamos conversar na praça dessa igreja: local amplo, tranquilo, com pouca circulação de pessoas, e com mesas e bancos de concreto. Era um verdadeiro desafio encontrar um *setting* de escuta acolhedor, que garantisse a total privacidade de quem fosse atendido. Eu estava certo de que não encontraria um ambiente como o da Psicologia clínica tradicional, portanto o imprevisto imperava. Também fiquei pensando sobre a falta de privacidade desses jovens. Dormem, alimentam-se, descansam, divertem-se, trabalham em coletividade. Não há um espaço físico para ficarem sós. Talvez essa estrutura prejudique seus momentos de reflexão, pois a todo instante podem ser incomodados pelos companheiros.

T. me procurou dizendo que precisava conversar. Ele achava que amanhã seria o goleiro titular da equipe e estava com medo de falhar. Eu compreendia a questão que ele me trazia, e me coloquei dizendo a ele como o percebia: “você não quer que aconteça contigo o que houve com o goleiro M.”. Ele respondeu que sim, que como tinha ganhado uma chance não queria perdê-la, mas estava nervoso. Advertia que não estava conseguindo dormir direito à noite, só de pensar que poderia jogar. Contou que freqüentava aquela Igreja todos os dias, vindo à missa. Este era um legado de sua avó, por quem havia sido criado, pois não tinha pai e mãe. Confiava muito em Deus para não se perder na vida. T. esperava de mim um movimento que lhe confortasse, algo para esquecer o medo de errar, eliminar sua insegurança. Eu o aconselhei recomendando que, quando estivesse em campo, não pensasse nas conseqüências de suas defesas, saídas do gol, intervenções, mas que apenas jogasse, focasse no jogo. Outro conselho foi para ele pensar, quando estivesse descansando, nas melhores jogadas que havia feito, pois isso poderia lhe

dar segurança para o jogo de amanhã. Fiz um exercício com ele: pensamos juntos sobre uma bela defesa que ele corporificou num jogo de sua vida. Ele me contou como percebeu o adversário, anteviu a jogada, a sua queda, como pulou na bola e a agarrou. Depois encerramos a conversa, e ele me agradeceu muito, disse que era muito bom conversar com alguém como eu, pois ele não tinha com quem falar essas coisas, que só habitavam seus pensamentos. Eu lhe agradei a conversa. Porém, fiquei refletindo sobre a minha conduta. Propus a T. algo objetivo, uma tarefa na tentativa de diminuir sua insegurança. Mas, pelo que percebi o mais significativo para o jogador foi o fato de agora ele ter alguém com quem compartilhar o que vinha pensando e que lhe tirava o sono já há algum tempo. A atmosfera criada em nossa relação, dele poder experienciar a sua vida, sem ameaças e julgamentos, foi o que lhe deu paz, alívio e segurança para continuar sua jornada.

Conversa com M.

Enquanto o tom da conversa de T. atrelava-se ao fato de supostamente entrar como goleiro titular da equipe, M. me trouxe o discurso inverso: a revolta de perder o posto da posição. Nas suas palavras, M. queria “jogar tudo para o alto”, nem participar da competição, e eu senti que ele estava desesperado, inconformado, e não aceitava ser o goleiro reserva. Eu o compreendi fazendo uma analogia: um dia ele estava no paraíso, no outro sofria um acidente e depois acordava no inferno. M. estava num estado de desvalia muito grande, sem ânimo, como se perdesse o sentido da vida. Senti que realmente ele estava disposto a abandonar a equipe. Outro agravante que ele destacou foi que muitos jogadores do time estavam fazendo contatos com empresários, garantindo o futuro, e se ele ficasse na reserva, isso não iria acontecer com ele.

Eu senti muitas coisas nesse nosso diálogo, e uma delas foi a falta de comprometimento com o espírito de equipe. Não havia coesão no grupo, já que cada jogador, inclusive M., queria se salvar sendo jogador de futebol profissional. Não comentei esta minha autenticidade com M.

Citei então alguns exemplos de jogadores brasileiros consagrados, que foram barrados em muitas equipes do Brasil até conseguirem ser profissionais. Falei para M. pensar como seria bonita a sua história de vida quando ele se lembrasse dessas dificuldades por que passara no início da carreira. Esta também era minha autenticidade, pois considerava que M.

tinha elevado potencial. Mas fiquei confuso sobre se era congruente de minha parte dizer isso a ele: estaria eu vendendo-lhe uma ilusão? Ele gostou dessa minha declaração, sorriu e começou a contar como ele se imaginava no futuro: brilhantes defesas, jogar em grandes times nacionais e internacionais, dar entrevistas, ser famoso. Concluiu dizendo que estava sendo explosivo, “colocando o carro na frente dos bois”, e que o goleiro T. também poderia falhar ou não agradar o treinador. Essa fala me deixou preocupado, e questionei se ele estava torcendo contra o T. Ele foi enfático na negação, disse que jamais iria trair um companheiro, mas percebeu que o melhor caminho era continuar treinando caso houvesse mais oportunidades. Eu entendia que, se ele tivesse mais uma oportunidade na equipe, iria se firmar como titular, eu via isso nos seus olhos e lhe confessei. Ele agradeceu o nosso encontro e voltou mais tranquilo à concentração: “parece que fica tudo limpo na cabeça quando a gente conversa”.

Esta sua frase me marcou. Reflito que o meu papel está sendo o de ajudá-los a pensar, acolhê-los, ser alguém com quem compartilhar os sentimentos mais profundos. Até o momento, desfaço tensões, diminuo os conflitos. Mas não sei o que posso fazer como prevenção, uma vez que minhas atitudes em grupo são focadas na parte psicológica do jogo, em questões estratégicas; percebo, contudo, que há sentimentos importantes antes disso e que devem ser trabalhados, e não sei se haverá tempo e espaço para colocar isso em prática. Outra questão que me preocupa é o individualismo exacerbado dos jogadores. Cada um está pensando somente em si, querem ser titulares, mostrar o que têm de melhor para serem jogadores profissionais. Dentro da equipe há muita disputa, não há unidade, compaixão, e isso não se dá por falta de afeto ou amizade entre eles, mas sim pelo contexto da competição e pela preocupação com suas vidas.

3.5 Quinto dia: O Jogo Amistoso

No período da tarde, foi promovido um jogo amistoso contra uma equipe da região que também iria disputar a Copa São Paulo. A nossa equipe começou perdendo de 1 a 0, mas conseguiu empatar o jogo ainda no primeiro tempo, e já no segundo conquistou a vitória.

Aconteceram algumas provocações e jogadas mais ríspidas por parte da outra equipe, mas o nosso time conseguiu manter-se equilibrado, concentrado na partida; os jogadores

não tomaram cartões amarelos nem vermelhos. Penso que isso seja reflexo da nossa reunião. Contudo, o primeiro gol do jogo aconteceu de forma triste. O jogador adversário cobrou uma falta para dentro da área da nossa equipe, e o goleiro T. cometeu um erro grave: a bola passou no meio de suas mãos, no alto, antes de entrar para o gol. No intervalo, perguntei a T. como estava se sentindo, e ele respondeu que estava tranquilo, tinha consciência do seu erro, mas estava calmo. Ele fez boas defesas durante a partida, mas pude perceber que o seu erro no início do jogo foi o suficiente para que o treinador perdesse a confiança em seu futebol: “já pensou se ele toma um frango desses na Copa São Paulo? Estamos ferrados de goleiro”.

Achei bonita a atitude da equipe na hora em que T. falhou: toda a defesa ofereceu palavras de apoio, incentivo, os colegas deram-lhe forças, inclusive o goleiro M., que estava atrás do gol assistindo à partida. Foi louvável a atitude dos atletas.

3.6 Sexto dia: Relaxamento e volta para casa

Este dia foi destinado à recuperação física dos jogadores. Eu os acompanhei na academia onde realizaram uma sessão de hidroginástica. Após essa atividade, os jogadores estariam dispensados para retornar às suas residências e visitar suas famílias. Do trajeto da academia de hidroginástica até a concentração dos atletas, voltei a pé com alguns jogadores. J., o meio-campo do time, disse que não iria voltar para a sua casa, mas iria passar o final de semana com seu amigo de equipe R. Falou que o treinador não iria gostar de saber dessa notícia, porque achava que os dois sempre saíam para fazer “bagunça”. No caminho, J. me contou que eles já tinham feito várias, chegaram até a fugir da concentração. Então, eu perguntei a ele se essas “bagunças” não poderiam atrapalhar as suas vidas. Ele me respondeu que não estavam mais “aprontando” como antes e que era melhor ficar na casa do amigo do que ficar na casa de seus pais, pois lá não havia um clima saudável, aconteciam muitas brigas, e ele ficava muito nervoso. Também me alertou que mais para frente gostaria de conversar comigo: “Eu sempre tive vontade de ir num psicólogo. No ano passado, colocaram duas psicólogas estagiárias aqui, mas ninguém falava com elas, a gente ficava com vergonha, eu não iria contar meus problemas para mulher, ainda mais bonita”. Todos esses relatos foram ditos em tom de descontração, mas eu

compreendia que eram falas autênticas, uma maneira que ele encontrara de se aproximar. Disse-lhe que, quando quisesse conversar mais, eu estaria disponível. Entendo que J. esteja vivendo sob forte pressão, já que não tem apoio familiar, mas sim do amigo e companheiro de equipe; porém, o treinador condena esse apoio, pois teme a queda de rendimento devido às suas andanças fora de campo e os olha com desconfiança. O que seria mais saudável para J.: descansar o físico em casa e viver sob estresse negativo ou ficar em paz com seu amigo, mas desgastar o corpo?

3.7 Sétimo dia: Um dia tenso

Manhã – Treino Físico – Velocidade

O treinamento da manhã foi conduzido pelo preparador físico da equipe. O propósito era trabalhar a variável física da velocidade. Para isso, montou-se um esquema no campo de futebol com vários cones e sinalizadores, os quais os jogadores deveriam percorrer com extrema velocidade. Todos tinham a impressão de que seria uma atividade muito cansativa, e realmente foi. Mas gostei da solução amenizadora dada pelo preparador físico – ele provocou uma espécie de competição entre os jogadores: formou diversas fileiras e disse que um atleta deveria alcançar o outro na velocidade, após o sinal sonoro de seu apito. Eles gostaram da idéia e começou uma provocação, disputa sadia entre eles, em tom de brincadeira, o que fez com que aquele treino desgastante passasse mais rápido. Ainda assim, no final, todos se queixaram de extremo cansaço físico.

Enquanto eles executavam as tarefas, propus um diálogo ao treinador, G., com a intenção de passar algumas informações iniciais de como eu estava percebendo a equipe. No início da nossa conversa, ele se queixou bastante dos jogadores J. e R., “a dupla dinâmica”, segundo as suas palavras. Notei que G. estava com muita raiva deles: “se eu pudesse mandava os dois embora, não estão nem aí para os meus treinamentos, eles são mau caráter, não se cuidam fora de campo, só não tiro eles porque não há outros do mesmo nível”. Essa fala de G. veio em direção ao que eu tinha pensado em debater com ele, pois, nos dias anteriores, eu havia conhecido um pouco melhor a realidade de J. e de outros atletas da equipe. Logicamente, que eu não poderia

contar ao treinador todo o conteúdo do que me fora dito pelos atletas. Eu filtrava as vivências que eles me contavam e as transformava em algum conselho ou informação que eu julgava ser de grande valia para o treinador melhorar o seu treino. Acautelei G. a se aproximar mais dos jogadores, ser mais amigo, pois sentia que eles estavam precisando de muito apoio, tinham consciência do penoso desafio que viriam a ter na Copa São Paulo. Entendia que não era o momento de dar broncas, inserir mais regras de controle e punições. Muitos dos seus comportamentos poderiam estar relacionados ao fator existencial, à angústia de ter que decidir suas vidas na competição. Talvez um gesto de apoio, mais amizade e uma maior valorização dos atletas surtisse melhor efeito.

Período da tarde – Um dia tenso

Como na parte da manhã houvera considerável desgaste físico pelos exercícios estipulados, o treinamento da tarde foi ameno, de ordem tática. O treinador procurou corrigir o posicionamento da defesa. Fomos até o campo de uma usina de açúcar treinar. Lá o treinador reuniu o grupo para falar sobre o amistoso que tiveram. Expressou o que havia achado de positivo e negativo quanto à ordem tática e técnica do time. Não estava gostando das jogadas de saída de bola do time e da lentidão para chegarem ao campo de ataque do adversário. Elogiou a velocidade dos atacantes e a marcação dos jogadores de meio de campo. Quando dirigiu sua fala ao componente emocional, a bomba estourou. Disse que dentro de campo o time estava bastante unido, um jogador ajudava o outro em campo, e elogiou essa dedicação. No entanto, nesse momento, o zagueiro reserva do time, E., pediu a palavra e em tom irônico falou: “unido só dentro de campo, né, professor? Agora no almoço sumiu a corrente de ouro do V. (jogador de meio-campo, também reserva)”. O treinador, ao saber daquele episódio, ficou bastante nervoso, dizendo não acreditar que novamente acontecera um incidente de roubo na equipe. Essa situação já ocorrera mais vezes quando eles estavam disputando outro campeonato no meio do ano, mas não eram todos os jogadores deste atual elenco que estavam presentes na época. G. foi rígido com os atletas: “eu não acredito que temos um ladrão no grupo. Vocês têm que fazer uma armadilha para esse ladrão e na hora que pegarem, têm que bater de pau nele, arrebentar a cara, malhar. Se vocês não fizerem isso o cara vai continuar roubando. Eu quero pedir para quem for o ladrão aqui deste grupo parar de roubar, pelo amor de Deus, pare de roubar e, escondido, devolva a corrente

de ouro do V., eu não quero saber mais deste assunto, calcem as suas chuteiras e vamos para o campo”. Após a fala de G., o clima ficou de muita tristeza, e sobretudo de desconfiança. Todos ficaram em silêncio e, aos poucos, foram caminhando para dentro do gramado. Distante dos jogadores, o treinador perguntou-me se eu sabia de alguma coisa, e o preparador físico queria saber se era possível fazer alguma intervenção para a gente descobrir o ladrão na equipe. Eu respondi que ficara sabendo daquele ato naquele momento e que não era o meu trabalho vigiar, investigar, fiscalizar os jogadores. Sentia no ambiente que cada jogador procurava o ladrão no outro companheiro, e a comissão técnica que observava o treinamento tirava conclusões de quem pudesse ser o suposto infrator.

Eu comecei a refletir sobre se aquela conduta inadequada era um ato criminoso, uma necessidade da pessoa de roubar e também ferir, ou se era um comportamento reflexo de um estresse emocional profundo, compulsão demasiada incontrolável. Sua tendência atualizante não estava na direção do crescimento. Não posso fazer o papel de investigar e usar a Psicologia para isso, senão perderei a confiança do grupo para os outros assuntos. Confesso que gostaria muito de saber quem foi a pessoa que roubou a corrente de V. e por quais motivos ela o fez. Como tratar dessa delicada questão com eles? Ou depois da fala do treinador foi colocado um ponto final nesse assunto? Pensei em reforçar a importância do grupo e da compaixão, repetir o que havia dito na minha apresentação, quando cheguei à equipe. Será melhor dizer a eles para esquecerem esse episódio, partir para frente, só focar no campeonato? Terei a confiança do jogador que roubou os objetos, e ele irá me confessar? Estou confuso, com muitas dúvidas. Vou me alicerçar em ser um facilitador, sem condições de valores; preciso ter uma atitude da maior liberdade possível com eles, para que quem quiser conversar sobre isso sinta que eu estarei disponível, aberto e o aceitarei incondicionalmente. Não cabe a minha autenticidade nesta etapa. Por enquanto, a única questão certa é que o time está sem união, um desconfia do outro, e isso não é saudável para a disputa do torneio e para a vida daqueles jovens.

No intervalo do treino, entre o aquecimento e as atividades táticas, dois jogadores me pediram para conversar, o meio de campo reserva A. e o zagueiro reserva L.

Conversa com A.

O treinamento tático da tarde foi dividido em dois grupos. Quando o primeiro grupo terminou as atividades, foi liberado para o descanso, e então A. procurou-me para um diálogo. Importante dizer que A. não participou do treino físico no período da manhã, pois o time

profissional solicitou ao supervisor das categorias de base alguns jogadores da nossa equipe, que não estavam sendo aproveitados, para compor o elenco profissional e ajudar nos treinamentos.

Sentamo-nos num pequeno banco de madeira, embaixo de uma árvore, que ficava ao lado do campo da usina, um local tranquilo e pacífico para conversar. A. quer muito jogar, conquistar a vaga de titular da equipe, e sente que tem esse potencial, mas que não é valorizado pelo treinador. Considera que joga melhor que muitos jogadores do time titular e não aceita a vaga no banco de reservas. Contou-me que não vê a mãe há quase dois anos, sente muito a sua falta, e falou das suas péssimas condições de vida, pois morava numa favela de São Paulo, e sua família continua lá, mas torcendo por ele. Chorou muito quando trouxe essas lembranças. Em seguida, voltou a queixar-se de não se conformar com como alguns jogadores sentiam a pressão de jogar contra o time do profissional. Eu compreendia que A. voltara daquele treinamento mais seguro de suas capacidades. O treino que fizera pela manhã fora uma experiência significativa para o seu crescimento, e ele estava convicto de que poderia vencer na vida. Sua conclusão foi a de que isso não dependia mais dele, mas sim das oportunidades. Eu sentia pressa em A. para essa definição, pois, uma vez abraçadas as oportunidades, ele teria a chance de mudar a triste realidade em que vivia a sua família. Não jogava futebol apenas para si, carregava em suas pernas a esperança da mobilidade social de seus familiares. Expus essas compreensões a A., e ele me confirmou, com muitas lágrimas no rosto.

Em seguida, vi a sua revolta: entende que o treinador não tem o comando dos atletas, e tem a certeza de que G. é influenciado pelo supervisor. Não gosta das freqüentes cobranças que recebe do treinador, principalmente por prender muito a bola no meio de campo: “eu sei que é errado prender a bola, mas se eu não faço isso, como ele vai olhar para mim e vir que eu jogo bem?”. Eu respondi dizendo que aquela sua ansiedade de querer mostrar algo diferenciado o estava atrapalhando e o impedia de mostrar o seu real potencial, como havia demonstrado com o elenco profissional. O seu receio era o de, ao tocar rápido a bola, tornar-se um jogador mecânico, apagado, sem criatividade, que seria somente mais um reserva para treinar os titulares. Usei então da minha autenticidade, e aconselhei-o a cumprir as exigências do treinador, conquistar a confiança dele no seu futebol. Tinha medo de que A. pegasse antipatia do técnico, o que seria prejudicial.

Em tom de confissão, A. revelou-me que o seu estilo brincalhão era uma fachada, uma tentativa de amenizar essas suas dúvidas: “essas brincadeiras que eu faço com meus

colegas é só para entreter a galera, no fundo eu não suporto, o que mais quero é vencer na vida, tenho essa obrigação”. Eu respondi que ele levava a sua vida de forma muito séria, pois não tinha tempo a perder, e essas brincadeiras serviam de escape, algo para amenizar o seu sofrimento, poder sobreviver no grupo. Mas, se ele estivesse num patamar de conforto, afirmei, ele seria um A. diferente, mais sossegado.

Percebi um alívio em A. depois de nossa conversa. Falou que iria continuar sua máxima dedicação ao treinamento para que, quando a oportunidade surgisse, ele não a deixasse passar. Eu saí desse nosso encontro preocupado. Primeiro porque A. está com muitas idéias paralisantes, que podem prejudicar o seu futebol. Porém, não considero que sejam idéias equivocadas, não desconfio de sua percepção. Também acho que ele deveria ter uma chance na equipe titular. A minha dúvida é até que ponto a predileção do treinador por alguns jogadores se fundamenta apenas na tática de jogo. Preciso dar um *feedback* o G., firmar a importância de ele ter os mesmos critérios com os profissionais e reservas, dar o mesmo valor, a mesma intensidade de broncas e elogios para ter um grupo mais feliz.

Conversa com L.

Voltamos para o alojamento e, depois do jantar, marquei com L. de conversarmos. Fomos até a praça da Igreja, e ele começou a contar que era filho único e que conversava bastante com seu pai sobre ser jogador. Ele está com muito medo de não ser convocado para a Copa São Paulo, pois três jogadores terão de ser cortados, já que há um número limite de jogadores inscritos na competição, uma exigência do regulamento. Disse que no jogo amistoso que fizeram o treinador colocou um zagueiro com torcicolo no lugar do titular em vez de escalá-lo. Depois, tirou o outro zagueiro e colocou um volante reserva improvisado na defesa. Sentiu que depois disso não tinha mais valia e serventia na equipe. E o medo de ser cortado fazia com que ele não ousasse: “tenho medo de errar, jogo travado, não sou eu jogando futebol, é como se fosse 10% de mim jogando, não quero ser cortado”. L. queria a minha posição sobre o seu futebol, algo bem específico, pontual. Ele queria saber de mim o que precisava fazer, pois estava perdido e sem forças. No clima criado pela nossa conversa, eu senti que poderia ajudá-lo com algo nesse sentido e disse o que sentia: que estava jogando para agradar os outros ou então para não desagradar, esta segunda hipótese sendo a mais forte. Falei que ele tinha que jogar para si,

não podia jogar para alguém; para competir consigo próprio e esquecer os outros. Perguntei a ele como era o seu estilo de jogo, a fim de ele entrar em contato com o seu próprio trabalho. Começou a definir suas características de marcação e disse que gostava de sair jogando, mas depois concluiu novamente que lhe faltava segurança. O que eu sentia era que L. estava fortemente enfraquecido emocionalmente, suscetível a qualquer tipo de ameaças, inclusive as que ele passara a fantasiar e a sugestões. Eu não achava que ele seria cortado, mas também não sabia se isso iria acontecer. Urgentemente ele precisava confiar nas suas opiniões, no seu eu, mas eu pensava: como fazer isso em pouco tempo? Sabemos que fortalecer o nosso eu é algo processual e leva muito tempo. Não esperava isso de L., mas acreditava que um pequeno movimento para confiar mais em si daria bons resultados. E a prática esportiva poderia catalisar essa premissa, os treinamentos diários poderiam servir para o seu crescimento como pessoa. Conversando com ele, pensamos sobre os jogadores da posição e chegamos a um consenso de que não havia outro jogador reserva e canhoto naquela posição. Este poderia ser um bom diferencial. Outro quesito que L. julgou satisfatório foi a sua idade: afinal ele era um ano mais novo do que os demais atletas e teria a chance de disputar a Copa São Paulo duas vezes.

Fui objetivo com L.: pedi que, a partir de então, dedique-se ao máximo nos treinamentos; deve evitar que esse abatimento tome conta de seus pensamentos, não pensar no corte, apenas na sua preparação, focar o positivo, porque ele irá vencer. Ele gostou muito do que eu falei e me agradeceu várias vezes. Senti que L. ficou mais forte, com disposição, parecia que precisava de um incentivo, de alguém que falasse para ele “vamos lá, você vai conseguir”. Eu só percebi isso depois que ele me agradeceu. O meu propósito, quando fui pontual e, confesso, diretivo com L., foi o de mostrar a minha confiança na sua superação. Ele pode ser cortado, afinal é um jogador reserva. E, pelo estado de apatia em que se encontrava, fiquei com medo de que ele não tivesse forças para elaborar essa questão. De certo modo, desconfiei da sua tendência atualizante, da sua capacidade de se autodeterminar. Mas vi que essa minha atitude autêntica deu-lhe um novo ânimo. Tive que me adequar às exigências da competição, mas vou ficar atento a como vão ser as suas reações daqui para frente.

O caso de L. é parecido com o do A. O diferencial é a confiança no potencial. A. confia que joga bem, transfere isso para o campo e considera que tem totais chances de ser titular. L. avalia que joga bem, mas até o momento não sente confiança em seu futebol, pois depende de incentivos dos outros.

Vejo que a postura do treinador é a de ressaltar muitos erros, que nem sempre são entendidos pelos jogadores como correções de posicionamento ou melhoria para o rendimento, mas sim com o sentido psicológico de: “olhe, tome cuidado que você não vai ser jogador, que a sua identidade será perdida”. Notei que L. sente falta de uma aproximação do treinador, de cuidado, atenção, pois ele se sente como um objeto no treinamento, uma peça, não uma pessoa. Torço para que o treinador fique com ele na equipe.

Termino este dia exausto, com fortes dores de cabeça e vou dormir pensando: por que até hoje o nosso e a maioria dos outros times do Brasil não priorizam o trabalho de atenção psicológica nas categorias de base?

3.8 Oitavo dia: Conversas com G. e P., diferentes realidades

Manhã

No período da manhã, novamente tivemos um treinamento de ordem tática, no mesmo campo da usina de açúcar. Fiquei à beira do gramado assistindo ao treino. A equipe titular estava com muita dificuldade de executar as tarefas táticas que foram postas pelo treinador, para transpor a defesa adversária. Percebi muito empenho dos jogadores reservas. Um dos melhores, em minha opinião, foi o zagueiro L., o que me deixou mais tranquilo e feliz, pois parecia que ele tinha conseguido sair daquele estado de desvalia e apatia de quando me procurou para conversar. Quem estava tenso era o treinador, pois não gostou do futebol apresentado pelos titulares.

Terminado o treinamento da manhã, dois atletas me requisitaram uma conversa, o atacante reserva G. e o lateral reserva P. Disse a eles que poderíamos marcar para o período da tarde, depois da academia de musculação. O zagueiro L., com um sorriso no rosto, deu um toque no meu braço e indagou: “professor, viu só como eu joguei hoje?”. O sentimento que ele me passou com essa frase foi o de que ele havia encontrado um norte, um caminho firme para seguir adiante, o que me deixou muito confortável, e confirmei sua percepção: “foi excelente!”.

Já no vestiário do estádio, onde os jogadores e a comissão técnica se trocavam e tomavam banho, pedi uma atenção ao treinador. Falei a ele que os jogadores estavam sentindo a

disputa da Copa São Paulo como a única ou a melhor oportunidade para vencer nas suas vidas, e que isso poderia ser perigoso, pois alguns estavam fazendo jogadas mais violentas, exagerando na força, em busca de reconhecimento. Disse que era preciso apoiar mais os jogadores reservas, para não se sentirem excluídos do grupo. Ele me disse que no futebol isso era normal, algo cultural desse esporte: “quem é reserva nunca está conformado na posição, o jogador tem que saber que futebol é assim”. Eu não concordava com aquela opinião, pois o sentido das falas que me eram trazidas demonstrava outra vertente, mas procurei ressaltar que, por eles serem jovens, não estavam tão maduros quanto os profissionais e talvez merecessem um pouco mais de atenção nesse aspecto. Ele não aceitou muito bem essa minha posição, mas concordou e fomos almoçar.

Tarde – Academia de musculação

Acompanhei os atletas na academia de musculação no período da tarde. Como também sou formado em Educação Física, poderia ajudar o preparador físico do time a auxiliar os jogadores nos exercícios específicos. Conversávamos bastante sobre protocolos de treinamento, carreira profissional, formações. Ele era uma pessoa por quem os jogadores tinham enorme respeito. Fora jogador de futebol profissional, depois se formou em Educação Física e trabalhava na equipe havia alguns anos. A sua vivência favorecia o diálogo com os jogadores. Todos confiavam na sua competência, e eu também. Apresentava uma postura introspectiva com os demais membros da comissão técnica, fazia o seu trabalho de preparação física com a equipe e depois se ausentava; evitava trocar idéias com o treinador, o supervisor e os demais integrantes da comissão técnica. Chegou a me dizer que não gostava daquelas pessoas, pois não deveriam estar ali. Entendi que havia um conflito político em que ele procurava não se envolver.

Na academia, eu ajudava os jogadores na execução dos exercícios resistidos. Talvez eu sáísse do meu objetivo profissional e de pesquisa, a atenção e compreensão psicológica; mas ficar mais próximo de suas rotinas me dava mais sensibilidade para ajudá-los emocionalmente e compreendê-los.

Vejo que R. (um dos integrantes da “dupla dinâmica R. e J.”) está distante de mim. Senti isso quando ele chegou à academia sem olhar nos meus olhos, cumprimentou-me com um aperto de mão não firme, mole, um pouco displicente. No momento tive certa antipatia, depois fiquei raciocinando sobre como eu poderia romper essa barreira, pois eu julgava

determinante ter a sua aceitação. Ajudei-o a fazer o exercício de supino, e daí ele se queixou de dores no músculo interno da coxa e perguntou-me se eu conhecia algum alongamento para ele melhorar. Eu respondi que sim e me comprometi a passar alongamentos específicos para ele no final da sua sessão de musculação. Fiz alongamentos com manipulação, um pouco diferenciados do habitual dos jogadores. Ele se sentiu valorizado, e percebi que os outros jogadores ficaram olhando os alongamentos e vendo como eram importantes aqueles exercícios, como se estivessem aprendendo para fazer depois. R. era tido como um jogador marrento, que sempre se queixava de algo. Eu queria me aproximar dele, para poder ajudá-lo, caso precisasse, mas não sabia como. Os exercícios da academia favoreceram esse processo. Somente depois que o ajudei com os alongamentos é que pude compreender o seu jeito de ser. Refleti que esse seu molejo é uma forma de buscar atenção, cuidados especiais, aproximação dos demais, o que muitas vezes não é compreendido pelas pessoas, que tendem a sentir repugnância, inclusive eu, inicialmente.

Conversa com P.

P. terminou sua sessão de musculação e pediu-me um tempo para conversarmos. Subimos até a sala de ginástica da academia de musculação, que estava vazia e era um bom espaço para dialogarmos, pois garantia total privacidade. Sentamo-nos nos colchonetes que ali estavam. Ele teve duas queixas iniciais. A primeira estava relacionada a não jogar, à falta de preocupação do treinador. Falou que G. tinha dois pesos e duas medidas com os jogadores: “com os queridinhos ele faz gracinha, fala toda hora e comigo ele nem olha na cara”. Depois me contou o episódio do amistoso, no qual gostaria de ter jogado ou ter sido escalado, mas fora cortado por ter chegado atrasado. (Lembro agora que o treinador comentou entre os membros da comissão técnica que pretendia escalar P. na lateral do time. Quando cheguei ao vestiário naquele dia, estranhei quando vi P. sem uniforme, e depois me avisaram do ocorrido.)

Ele me contou que chegara atrasado porque sua mãe lhe havia telefonado naquele dia pedindo-lhe dinheiro para a casa. P., chorando, revelou que recebe a importância de 200 reais, como ajuda de custo fornecida pelo Clube. Ele manda essa quantia todo mês a sua mãe, que mora numa favela do Rio de Janeiro. Ela, seus irmãos mais novos e seu padrasto dependem desse dinheiro para viver, e seu pai é ausente. Falou que quer muito tirar a sua família da favela e depende do futebol para isso, pois seu padrasto é alcoólatra e judia da sua mãe quando bebe. Ele

ficou indignado porque o treinador não quis saber do seu problema, apenas o cortou porque chegara atrasado e deu-lhe uma severa bronca. Logo após, veio o supervisor das categorias de base do Clube, A., e também fez o mesmo. Foi doloroso escutar aquela realidade. Ele só queria ser ouvido. Ao mesmo tempo, pensei com P. a frustração do treinador, que estava contando com ele no time e, vendo seu atraso, se revoltou. G. havia defendido o futebol de P. frente ao supervisor, que não gostava do seu futebol e tinha predileção por outro lateral.

O que P. mais quer é jogar a Copa e sente que tem muito potencial. Nesse aspecto, assemelha-se com o meio-campista A. Outro conflito que P. me contou foi que alguns integrantes do time estão suspeitando de ele ser o ladrão da corrente de ouro do jogador V. Ficava muito chateado com aquela situação, pois era muito pobre e nunca cometera algo parecido, e insistia em jurar que não tinha sido ele. Disse que os jogadores fizeram uma revista na sua cama, nos seus pertences, no seu quarto. Sentia-se um ladrão sem ter pego algo sequer. Coloquei a minha posição de não ser um delegado, investigador. Ele suspeitava de que os líderes que haviam comandado essa varredura na sua intimidade fossem os próprios “ladrões”, a dupla dinâmica J. e R. Segundo suas palavras, eles sempre viajavam de final de semana, havia muito tempo, e no dia em que sumiu dinheiro da concentração, R. apareceu com inúmeras compras supérfluas, como desodorante e produtos de higiene pessoal diversos.

Não posso contar isso a ninguém, mas confesso nesta dissertação a minha desconfiança: também acho que foram R. e J., pois eles ficaram mais distantes de mim depois desse episódio do roubo, talvez por medo de eu descobrir algo. Sei da necessidade da minha conduta ética de manter a aceitação positiva incondicional, e não vou pressionar ninguém, mas devo tomar cuidado para não deixar transparecer essas minhas dúvidas secretas, pois necessito dar liberdade caso a pessoa queira falar algo.

P. quer largar tudo depois que entrar em férias (fim da Copa São Paulo), pois está exausto, cansado de tanto sofrimento. Sua mãe, percebendo a sua dor, aconselhou-o a ficar perto dela. Vi muitas lágrimas em seus olhos, lembranças de amor e carinho, e senti muita pena de P. Depois que ele me contou tudo isso, disse estar muito aliviado, como se saísse um peso enorme da sua cabeça.

Esse foi um atendimento no qual pouco falei, nem cheguei a expressar a minha opinião; fiquei compreendendo os seus sentimentos, escutando-o com muita atenção e respeito, num clima de muita aceitação e confiança. Senti que P. não buscava um conselho, uma palavra,

apenas alguém para lhe ouvir, compreender, acreditar no que estava dizendo. No fim de nosso encontro, fiz questão de clarificar duas questões: a primeira é que eu não estava lá para investigar ninguém, não era policial ou perito criminal. Estava lá para ajudá-los nos seus sonhos de serem jogadores de futebol profissional, e preocupava-me com o crescimento deles como pessoas. Eu não iria puni-los ou indagá-los. A segunda foi um devir existencial: eu precisei dizer a P. que o seu depoimento tinha me sensibilizado bastante, que eu o admirava muito pela sua história de vida e pelas incompreensões em relação a esta, devido à falta de diálogo e confiança das pessoas. Torcia pelo seu máximo sucesso, porque ele era merecedor. Finalizamos o nosso diálogo com um forte abraço.

Conversa com G.

G. subiu à sala de ginástica da academia com a queixa de não conseguir jogar a Copa São Paulo, pois disse que o seu rendimento caíra consideravelmente. Atribui essa queda a fatores emocionais. Ele é muito ligado ao pai, e em tudo o que faz procura o seu aval, numa relação de extrema confiança. Eu entendi essa relação também como dependência, pois, segundo suas palavras, quando o pai está distante, como no atual momento em que vive, preocupa-se demasiadamente com as opiniões de terceiros e acredita mais nelas do que em si, sentindo que é uma pessoa muito influenciável. Essas “influências” estão atrapalhando o seu futebol. Antes, G. tinha em mente uma jogada e a colocava em prática. Hoje, sente que não tem essa força para agir e, quando pensa em fazer a mesma jogada, não consegue ignorar os gritos, os movimentos dos adversários e companheiros da equipe e todos esses estímulos o atrapalham, pois se sente intimidado.

Olhando para os demais companheiros da equipe, ele entende que a tendência é aumentar o estresse do grupo quando acontecerem os treinamentos de jogos coletivos: “tem muita gente brava que está na reserva, todos querem jogar e ninguém está gostando do treinador”. Ressaltou sua desconfiança com os jogadores J. e R., que são para ele os autores do roubo da corrente de V., além de ter feito um depoimento muito sério, de que eles estariam usando drogas: “muita gente sabe que foram eles, eles usam drogas, só que ninguém fala nada”.

Eu percebi G. como uma pessoa que depende da solidariedade de um grupo para se desenvolver, e provavelmente encontra esse tipo de relação no conforto de sua família. Percebe a rivalidade criada dentro do time e não se sente bem com ela, pois deveria existir

somente com os adversários, não entre eles mesmos. Sente que na equipe é cada um por si, devido ao contexto da Copa São Paulo: revelar os melhores jogadores para o futebol profissional. G. tem a característica de que os treinadores do futebol profissional mais necessitam em seus jogadores no âmbito emocional, ou seja, ser um atleta que pensa e age para o coletivo.

Expus a G. a minha leitura e ele concordou, mas clamava por ajuda, por algo que fosse útil de imediato, nos seus movimentos dentro de campo. O ideal que pensei seria o procedimento pedagógico de o treinador incorporar à tática da equipe sistemas que obrigassem os atletas a serem participativos e solidários. Isso aconteceu no brilhante Chicago Bulls da década de 1990, quando o treinador Phil Jackson começou a usar uma estratégia chamada de triângulo ofensivo, em que obrigava os jogadores a pensar na coletividade. Estou certo de que a nossa realidade está bastante distante disso.

Expliquei a G. essa utopia em que pensava e pontuei suas qualidades. Porém, sugeri a G. que avaliasse o meu raciocínio de que no momento ele precisaria ser egoísta. Era a hora de ignorar os pedidos de passes dos seus companheiros, carregar mais a bola no ataque, chutar mais a gol, independentemente dos gritos e ações exteriores. Ele necessitava do seu momento dentro do jogo, precisava ser protagonista como os outros estavam sendo, focar o individual até o restante dos jogadores tomarem consciência da importância do coletivo. E a melhor forma para fazer isso era pensar no seu treino a cada dia. Pontuar o que havia feito de positivo no treinamento diário e procurar a superação no dia seguinte, uma espécie de competição consigo mesmo, para resgatar a sua individualidade. Ele tomou essa minha explicação como certa, norteadora para voltar a jogar aquele futebol de outrora.

Encerramos o nosso encontro e voltamos caminhando da academia até a concentração. Nesse meio-tempo, não tivemos uma conversa tão profunda, em contato existencial, como na academia. Dialogamos sobre a carreira no futebol e outras possibilidades de trabalho, como o de preparação física. Ele teve várias curiosidades sobre o ambiente acadêmico. Disse que os jogadores gostaram daquela minha palestra no primeiro dia, pois viram que eu, mesmo não jogando futebol, estava dentro daquele ambiente, participando de alguma maneira, e o estudo era um excelente caminho, caso eles não conseguissem ser profissionais.

Fui para casa refletindo sobre como pode ser amplo o trabalho de psicologia numa instituição esportiva, principalmente nas categorias de base. Além de evitar muitos dos sofrimentos vivenciados nessa equipe, formaria pessoas mais congruentes. Eu me pergunto se o esporte de alto rendimento, nas condições em que ele se estabelece, é saudável.

3.9 Nono dia: Grupo de Crescimento.

Manhã: Treino Coletivo antes do amistoso-clássico

Nesta manhã, tivemos a realização do treinamento coletivo, que se caracteriza por um jogo entre a equipe titular e a reserva. Serve de simulação para o treinador analisar como a equipe está jogando. Também é a chance de muitos reservas conquistarem a vaga de titular, caso façam um bom treino e caso os titulares não estejam bem. A expectativa é a de ter lances muito ríspidos. Alertei o treinador para reunir o grupo antes do treinamento e enfatizar-lhes o não abuso da força, deslealdade e violência. G. gostou dessa iniciativa e, no seu estilo, deixou bem claro que não seriam toleradas jogadas daquele tipo.

O treinamento começou e estava muito disputado, como esperávamos. A equipe reserva estava muito bem e não deixava o time titular marcar gols, o que obrigou o treinador a parar o treino diversas vezes para orientar os jogadores titulares. Foi notória a divisão das duas equipes, titulares e reservas: dava-nos a impressão de que estavam jogando dois times rivais. O treinador testou duas formações táticas no primeiro e no segundo tempo (4-4-2 e 3-5-2). Os titulares não estavam tolerando o esquema tático do 3-5-2. Quando G. parava o jogo para chamar a atenção dos atletas titulares, eles justificavam que os seus erros eram por causa do esquema adotado. Os reservas estavam unidos, pois aquelas broncas dadas pelo treinador aos titulares soavam como elogio a quem não tinha conseguido a titularidade. Já os jogadores principais discutiam e brigavam bastante entre si, o que obrigou o treinador a fazer mais uma incursão em tom apelativo: “se vocês continuarem driblando e achando que os dribles vão projetar vocês, estão enganados, pois vocês vão perder a bola, dar contra-ataques e tomar gol. Eu falo e vocês acham que eu estou errado, se vocês não entenderem que eu estou certo a coisa não vai andar, vocês têm que ter a humildade de reconhecer que estão uma merda, estão errando demais, daí vem com a desculpinha de que a tática não está dando certo. Futebol é adaptação, quem não se adaptar está fora, eu vou sacar do time”.

O jogo terminou empatado em 1 a 1. No vestiário, G. me contou que os jogadores estavam certos, em parte, pois ele também não tinha gostado do esquema tático do 3-5-

2. Ainda revelou que só estava tentando aquele esquema a pedido do supervisor A., que o forçava a colocar o jogador L. como titular, mas que no jogo amistoso de amanhã voltaria a utilizar o esquema do 4-4-2. Perguntei a G. se ele tinha gostado do treinamento, já que proferira várias exclamações aos jogadores. Sua resposta foi positiva – viu muita vontade no elenco todo e disse que aquelas palavras eram necessárias para adaptar a equipe ao que ele propunha: “estava saindo faísca no treino, até terminei mais cedo para não dar encrenca, todo mundo querendo jogar, isto é bom”.

Tarde – Grupo de crescimento

Solicitei a G., no início da semana, que fizéssemos mais uma atividade em grupo. Ele havia me dito para ficar à vontade e “me virar” com os jogadores, o que significava que eu tinha de agendar os horários disponíveis de acordo com a programação da equipe ao longo da semana e ter a aceitação dos jogadores para os encontros.

Eu gostaria que essas atividades em grupo fossem integradas com o restante da comissão técnica e colocadas no planejamento semanal da equipe. Entendo que isso lhes daria um caráter de atividade oficial, caso contrário poderia aparentar que fossem algo em segundo plano, dispensável. Quando eu pedia a atenção dos jogadores e comunicava a reunião, ficava receoso de que eles não gostassem, não quisessem. Mas o curioso foi que todas as vezes em que as sugeria eles apoiavam bastante, aplaudiam e diziam mensagens positivas do tipo “maravilha, professor, combinado”. Eu achei essa situação saudável, pois essa manifestação de aceitação serviu de base para eu analisar se meu trabalho estava agradando ou se dava resultado. Então foi marcado mais um encontro nesta tarde, mas os jogadores fizeram a solicitação para que ele acontecesse na casa deles (concentração), pois me disseram que não haveria mais ninguém lá, apenas os atletas. Eu aceitei prontamente.

Considero que o Grupo de crescimento, além da sua importância em virtude dos temas a serem trabalhados com os jogadores, também é uma maneira de eu poder ajudar os jogadores titulares. Estou com a desconfiança de que alguns deles não me procuram até agora por causa do medo de demonstrar fragilidade e perder a posição. Devido às tensões geradas, temo que aconteçam situações mais severas com os jogadores, no jogo e fora de campo.

Pensei para o tema de hoje em refletirmos sobre algumas estratégias para sairmos de um estado de revés dentro de campo. Colocaria uma situação de jogo e, a partir dela,

eles poderiam trazer histórias de suas vidas que ajudassem a resolver o problema. Por exemplo: um gol é tomado logo no início da partida, os jogadores começam a discutir, brigar, todos explodem. O que fazer nessa situação? Como agir do ponto de vista psicológico? Pediria que contassem alguma situação que haviam vivido na qual muitos tivessem explodido, mas não eles; ou em que, mesmo explodindo, depois tivessem percebido que havia outros caminhos.

Cheguei à casa dos jogadores e nos reunimos na sala, um local amplo, com diversas poltronas, onde eles assistiam à televisão. Esperei todos se acomodarem confortavelmente para depois dar início ao Grupo de crescimento.

Quando já estavam devidamente instalados, julguei necessário falar da minha percepção sobre eles depois de mais de uma semana de convívio. Enfatizei que eles jogavam muito bem e estava muito feliz de poder ajudá-los nessa trajetória de suas vidas. Também considerei que sinto o grupo ansioso e estressado, fruto da chegada da Copa São Paulo, e destaquei novamente a importância de se unirem, pois isso traria mais chances para o sucesso na competição. Eles ouviram calados.

Consecutivamente, informei-os sobre o tema do dia, e iniciamos o Sentar. Rapidamente, o primeiro passo do Grupo de crescimento foi interrompido pela fala do jogador titular, atacante D.: - “professor, o tema é legal, mas a gente não quer conversar sobre isso. Por isso que pedimos para ser aqui na casa, a gente quer falar sobre o nosso treinador e as coisas que estão acontecendo na equipe”, e esta sua fala teve o apoio de todos.

Aceitei o apelo do grupo e disse que estava pronto para ouvi-los. A reunião durou cerca de duas horas e meia. Parecia que eles estavam colocando para fora todos os seus pensamentos ruins, conflitantes, angustiantes presos dentro deles. Eu apenas os ouvia, pedia silêncio em alguns momentos e, quando uma fala não estava clara, eu a repetia com algumas palavras ou formas mais elucidativas, a fim de deixá-la compreensível para todos e confirmar se era mesmo aquilo o que a pessoa estava dizendo, compreendendo o seu sentimento.

Os jogadores começaram dizendo que muitos dos conflitos gerados entre eles e o treinador eram devidos ao esquema de jogo que ele havia mudado; depois, as críticas se destinaram aos seus procedimentos pedagógicos, sua maneira de lidar com os jogadores. Algumas de suas frases me marcaram:

1. “a gente joga muito melhor no 4-4-2, esse 3-5-2 o professor (treinador) só está usando por causa do A. (supervisor das categorias de base)”; 2. “A gente sabe que quem

escala o time não é o treinador, mas sim o A.”; 3. “O treinador não olha na nossa cara, só sabe gritar e xingar a gente”; 4. “Ele nunca apóia a gente, só vê os nossos defeitos”; 5. “A gente não faz no jogo o que ele pede nos treinamentos, se a gente fosse sair jogando do jeito que ele quer tomava gol toda hora”; 6. “Cada dia está pior, a gente treina sem vontade, ninguém agüenta mais”; 7. “Eu tenho medo de pegar na bola, errar e ele já vir xingando”; 8. “A gente não tem calma para jogar, parece que ele fica esperando a gente errar para nos dar bronca”; 9. “Foi o pior treinador que tive na vida”; 10. “Ele fala que vai fazer uma substituição e depois faz outra porque o A. pede para ele no rádio”; 11. “Ele só coloca medo na gente, fica gritando que vai sacar do time, daí ninguém faz nada”; 12. “Só sabe dizer que vai tirar do time”; 13. “Ele não espera a gente terminar a jogada para falar, antes já vem dando xingos”; 14. “A gente se segura e não vai para cima dele porque tem a Copa São Paulo, senão o bicho iria pegar”.

Após ouvir a explicação de muitas dessas falas, eu tive uma dúvida sobre como eles estavam fazendo para jogar, já que haviam revelado que não cumpriam as ordens dentro de campo. Obtive uma resposta delicada: “a gente vai conversando e um orienta o outro, ignora o que ele fala”.

Aproveitei essa autodeterminação para pedir ajuda com o jogador W., um dos atacantes titulares da equipe. No início da semana, ele me perguntou o que poderia fazer para melhorar o seu desempenho nas finalizações. Disse-me que era freqüente perder gols fáceis, perto da meta adversária: “na hora que eu vejo que vou marcar o gol fica tudo escuro na minha frente e eu penso: já era”. Nós ainda não tínhamos conversado sobre isso, mas eu aplicara uma estratégia de ordem psicofisiológica. Nos treinamentos desta semana, pendurei diversos coletes nas redes dos gols e pedia que W. mirasse neles no instante em que fosse disparar o chute. Eu apreendia que seu nível de ansiedade aumentava demasiadamente quando ele estava para finalizar a jogada, e ocorriam manifestações corporais, fisiológicas em seu corpo, como: escurecimento da visão, tensão muscular, pensamentos negativos e ameaçadores. Aqueles coletes deveriam servir, então, de ponto de referência para W. não dispersar sua atenção e conseguir prolongar seu nível ótimo de ansiedade. Pouco adiantou. Como estávamos num clima pautado pela autenticidade, ajuda mútua e confiança, senti-me no direito de pedir a ajuda dos demais companheiros de W., e expliquei o caso a eles. Inicialmente sorriram, não em tom de humilhação, mas com a perspectiva de minimizar o problema. Contaram que o treinador, nos meses anteriores, adotara uma estratégia polêmica para W. não perder tantos gols. Quando W. estava deitado na concentração,

descansando, almoçando ou fazendo alguma atividade recreativa, o treinador chegava até ele, de forma sorrateira, e gritava perto da sua orelha: “chuta forte!”. G. estava convicto de que, se W. chutasse forte, não perderia tantos gols. W. não agüentava mais aquela situação, pois o treinador o deixava tenso com os gritos, que se dividiam entre ordens técnicas e gozações. Ele ressaltou: “agora eu passei a chutar todas as bolas por cima do gol”. Os jogadores deram a W. um precioso conselho: “é só olhar o goleiro e dar o tapa, tem que dar o tapa quando estiver perto”. Isso era consenso entre eles. Foi ali que constatei a importância de facilitar o vivido, de favorecer a linguagem, a liberdade de expressar o que é significativo no existir. “Dar o tapa” representa um movimento corporificado do futebol, um gesto técnico peculiar da modalidade, cultural entre os jogadores. Ouvi aquele conselho e julguei como sendo simplório e ineficaz. Porém, quando olhei a expressão de W., aquelas palavras faziam todo o sentido para ele. Sentia-se grato, como se tivesse encontrado o mapa do tesouro do que depreeendi que W. ficou confortável com o conselho que recebera. Isso me certificou do valor que a linguagem e a experiência do vivido têm para o ser humano; o clima de liberdade promovido foi capaz de gerar uma aprendizagem significativa. Não cabia a mim julgar, apenas ser o facilitador.

Já o sentido que as falas direcionadas ao treinador me passou era único, elas clamavam ajuda. Pude sentir a enorme confiança que eles depositaram em mim para contar o que eles estavam vivendo. Tive a sensação de que estavam “entupidos” de noções negativas, prejudiciais, destrutivas; estavam fragilizados e eu significava a esperança de reverter a situação. Firmou-se um clima bastante angustiante na sala. Ao final, no entanto, percebi os jogadores mais aliviados e unidos. Estava evidente para eles quem eram os culpados por suas angústias e sofrimentos.

Enquanto eu fazia o esforço de compreender as suas manifestações, raciocinava, de forma temerosa, como seria a aceitação do treinador e do supervisor daquele dia em diante e como se pautaria essa relação. Veio-me a desconfiança de que o movimento de ataque do grupo ao treinador pudesse ser uma defesa, ou seja, o meio para justificar um possível fracasso na competição; eles teriam, assim, alguém para poder culpar, não assumindo totalmente a responsabilidade do fracasso, caso não vencessem na vida – afinal, era esta a representação que a Copa São Paulo tinha para eles.

Agora, em casa, reflito sobre mais hipóteses. A conduta desse grupo pode ser um componente da constituição da subjetividade dos jovens, comum à fase da adolescência: a de

querer quebrar ordens, hierarquias, rebelar-se contra os sistemas vigentes, para construir a identidade própria; ou a transcendência para um mundo civilizado, democrático, pacífico e humano: compartilhar potencialidades. A adaptação imposta pelo treinador não dava espaço à expressão de sentimentos, idéias, princípios dos jogadores. Eles deveriam cumprir suas delegações, com a máxima eficiência e sem direito a contestações. Da mesma forma, era inaceitável ao treinador ter que abrir espaço para a reflexão sobre seus comandos.

Encontrei-me, assim, numa situação delicada ao extremo. Eram duas forças opostas, cada qual com as suas verdades, e ambas confiavam em mim para revelar e orientar os seus movimentos.

A aceitação positiva incondicional, conduta ética a qual procuro adotar com todos, coloca-me numa difícil posição. Devo apenas considerá-los como pessoas, mas em algumas ocasiões não é fácil manter o comprometimento de não julgá-los. Os meus valores me fazem compreender melhor os jogadores, consigo ser mais empático com eles do que com o treinador ou o supervisor da equipe. Estes não me dão liberdade para expor totalmente os meus sentimentos, minha autenticidade. Com isso, sinto-me um ser de duas faces: ora sou “amigo” do treinador, ora sou “amigo” dos jogadores. Estou certo de que esse conflito poderia ter sido evitado se houvesse a integração do meu trabalho com a periodização da comissão técnica, se as minhas informações fossem debatidas por todos e posteriormente levadas para as práticas de treinamento. Não é o que acontece, já que realizo um trabalho isolado e ignoram meus conselhos.

Mas eu não poderia sair daquela sala sem amenizar a situação, pois sentia o grupo unido em revolta e amanhã eles teriam um jogo amistoso importante, clássico regional. Entrar em campo naquele estado emocional seria sinônimo de tragédia. Pedi-lhes um voto de confiança. Iria dar alguns conselhos ao treinador para melhorar o seu trato com eles, mas não iria revelar o conteúdo das falas ditas neste dia. Eles duvidaram de que isso daria certo, mas aceitaram o meu pedido. Plantei a esperança de que a relação entre jogadores e treinador iria melhorar. Também me pediram um favor: eles iriam compor uma roda entre eles, formada no meio do campo, antes de começar a partida, para conversar sobre o jogo e fazer os ajustes necessários, e queriam que o treinador não interrompesse essa formação. Não dei a garantia de que isso seria possível, mas iria comunicá-lo, e assim terminou a reunião.

Estávamos perto do horário do jantar dos jogadores, e resolvi esperar o treinador G. chegar ao refeitório para termos uma conversa, pois ele também realizava as suas

refeições com os jogadores. Ele não demorou muito, e sugeri um tempo para dialogarmos. Expliquei que havia feito uma reunião com os jogadores, na qual havia sentido a profunda carência deles de receber elogios, ter o trabalho valorizado pelo treinador. Alertei que estava percebendo o grupo saturado e que era preciso ter melhor trato com eles, e momentaneamente evitar a cobrança demasiada. Acrescentei que eles me haviam pedido um diálogo com o treinador, porque eles gostariam de ter um tempo para conversar entre si, antes do início da partida. G. não gostou das minhas colocações e tratou de disparar ofensas aos jogadores: “esse grupo está muito mimado, quem eles pensam que são? Não estão jogando nada e querem que eu fique quieto”. Em seguida, G. disse não ter gostado da idéia da pequena reunião entre eles antes da partida, e que não iria mudar sua rotina de trabalho por causa deles; mas, se desse tempo, eles poderiam fazê-la no campo, após o time estar completo no gramado.

Notei que o meu pedido fora tolerado por G., mas via muita raiva no seu semblante em relação aos jogadores, como se ele esperasse um momento para vingar-se deles. Falou-me que não iria cobrá-los no jogo amistoso de amanhã e só iria analisá-los. Após o jantar, voltei para a casa. Que vontade de acelerar o tempo e ver qual será o final disso tudo!

3.10 Décimo dia: Jogo Amistoso

A equipe se reuniu no vestiário, onde se aprontaria para o jogo. Eu comuniquei ao capitão do time e a alguns jogadores que aquela pequena reunião que eles gostariam de ter entre si não tinha sido autorizada, mas, se sobrasse tempo, eles poderiam fazê-la dentro do campo, após o aquecimento.

Comumente, antes de qualquer partida, o treinador fazia uma palestra, para reforçar as principais jogadas do time, definir marcações específicas, prevenir ameaças dos adversários e estimulá-los mentalmente, proferindo palavras e frases que ativassem a emoção dos jogadores, por exemplo, “eu quero raça, coragem!”. Contudo, a equipe estava apática. Enquanto o treinador dava as instruções necessárias, eu olhava para os jogadores e sentia que eles não aceitavam aquilo que estavam ouvindo, não pelo conteúdo das falas, mas sim por resistência à pessoa do treinador. Por outro lado, vi que G. estava diferente. Em nenhum momento ele

ameaçou os atletas, fez xingamentos ou usou de frases negativas. Concentrou-se apenas em orientar o posicionamento dos jogadores, preocupando-se exclusivamente com a tática do jogo. Não utilizou recurso algum para trabalhar a ativação mental dos atletas. Percebia um esforço em G. para ter aquele tipo de atitude. Ele se apresentava sem energia, triste. Ter esse tipo de atitude com os jogadores estava fora da sua autenticidade, era uma espécie de luto. Ele encerrou a palestra e os jogadores foram para o ônibus. Chegou até mim e disse em tom baixo: “mais que isso não dá para fazer, só quero ver o que vai ser o jogo de hoje”. Eu lhe pedi calma, para darmos um voto de confiança ao time.

No gramado, a equipe fez o aquecimento, rezou e, antes do início do jogo, reuniu-se no meio do gramado. Todos os jogadores, inclusive os reservas, abraçaram-se, e um começou a falar com o outro. Não era possível escutar o que eles diziam, mas o interessante é que todos conversavam, e durou cerca de cinco minutos. O árbitro apitou algumas vezes pedindo o início do jogo, e G. também gritou do banco de reservas: “tá bom, já chega, tá bom”. Todos se abraçaram, desejaram sorte uns aos outros, num clima vibrante, de muita energia positiva. Ao meu lado, no banco de reservas, estava o treinador, muito bravo com aquela roda, que os atletas chamaram de “roda da vitória”. Foi interessante a minha convicção naquela hora, porque o jogo não havia começado, e eu sabia que havia muitos outros fatores que interferiam na vitória de uma equipe no esporte, mas eu tinha a certeza de que nós iríamos vencer.

O jogo se iniciou e eu vi uma vontade muito grande nos atletas. A cada lance, os jogadores do banco de reservas aplaudiam os titulares. E dentro de campo, um jogador falava com o outro, sempre apoiando, passando mensagens positivas. A equipe venceu os adversários por dois gols a zero, marcados logo no primeiro tempo, e o autor dos gols foi o atacante W. Nas duas vezes em que ele marcou, veio nos abraçar no banco de reservas, parecia que ele tinha aprendido a “dar o tapa”. Desde a minha chegada à equipe, nunca os tinha visto tão unidos e cheios de energia como neste dia.

Analisando a tática da equipe nesse jogo, eu notei que muitos dos seus deslocamentos estratégicos dentro de campo englobavam o treinamento dado por G. Quero dizer com isso que não pude perceber uma mudança de ordem tática na equipe em relação aos treinamentos e amistosos; a transformação constatada por mim foi o comprometimento dos jogadores, o estado emocional em que eles se encontravam, as formas como eles se ajudaram dentro de campo. Estou certo de que o encontro existencial que eles tiveram na reunião de ontem provocou esse resultado, mas não é possível desconsiderar o treinamento dado pelo técnico. Se o

treinador perceber que deve melhorar o seu procedimento com os jogadores, e se estes perceberem a eficácia dos treinamentos dados pelo técnico, todos sairão ganhando.

Considero esta minha avaliação necessária, porque eles afirmaram veementemente, na nossa reunião em grupo, que não faziam dentro de campo o que era treinado por G. Está claro para mim que o fator preponderante de interferência no desempenho dos atletas é a relação deles com o treinador.

Um detalhe do jogo de hoje foi o revezamento na posição de goleiros. O goleiro T. começou jogando, depois foi substituído por M., e este por C. Há uma incógnita sobre quem será o titular, mas felizmente os goleiros não estão rivalizando entre si. Atribuo essa harmonia às boas orientações e diálogos frequentes que eles têm com o preparador de goleiros F. Vejo que os jogadores têm carinho e respeito por ele.

Também me importa destacar que o supervisor A. sugeriu a G. diversas substituições e mudanças na estratégia de jogo, algumas das quais foram aceitas. Esse aspecto de comando e liderança me preocupa.

3.11 Décimo primeiro dia: Relaxamento, piscina e conversa com A.

O dia de hoje foi destinado à recuperação física dos jogadores. Eles foram até a academia e realizaram o trabalho de hidroginástica. Fui lá e fiquei apenas observando as atividades na piscina. Na volta da academia para a concentração, o capitão da equipe e zagueiro, A., perguntou-me se era possível termos um diálogo. Numa praça a caminho da concentração, conversando.

Importa dizer que, nos jogos amistosos e coletivos, A. pedia substituição alegando câimbras. A comissão técnica tem um cuidado especial com ele, pois teme perder o jogador até a Copa São Paulo por contusões. A. é tido como o jogador mais valorizado do time, pois já tem contrato de jogador profissional. Seu comportamento é bastante explosivo, e cobra muito de si e de seus companheiros dentro de campo. Num dia de treinamento da semana passada, chegou a discutir com o treinador e com o supervisor A., quando teve seu desempenho questionado. Esse conflito não se estendeu, e o entendi como parte do calor de um treinamento, servindo-me para conhecer melhor A.

Ele começou a falar da bonita relação que mantinha com seus pais. Sua mãe era muito emotiva e passional – segundo suas palavras, ela agia sempre “com o coração”. Tinha muito orgulho do filho e contava para os amigos, vizinhos e familiares que A. era um craque, o que o deixava envergonhado. Já seu pai agia sempre com a razão. Disse escutar mais as orientações de seu pai do que as orientações do treinador. Considera-se um jogador maduro, apesar da idade, e não se sente à vontade com os demais jogadores da equipe. Por A. já ser profissional, mas jogador nos juniores, não tolera as brincadeiras dos demais companheiros, achando-os infantis.

Apresentou um panorama da sua vida, falou dos seus sonhos, do que almeja conquistar na condição de atleta profissional (clubes grandes, internacionais, seleção brasileira, carros, casa, roupas). Ele quer jogar bem a Copa São Paulo para despertar o interesse de um time grande ou do exterior. Senti que A. está focado na sua carreira de jogador profissional e quer crescer o mais rápido possível. Não tem a mesma dúvida dos demais atletas da equipe, a de ser ou não ser um jogador de futebol.

A sua preocupação é a de ser valorizado, mas tem grande receio de frustrar quem está apostando nele, caso jogue mal na Copa São Paulo. São muitas as pessoas que confiam e dependem do seu sucesso: familiares, empresários, amigos, imprensa e torcida. Na Copa São Paulo, os estádios ficam lotados, e ele sabe que a torcida e a imprensa irão julgá-lo para saber se ele tem condições técnicas de jogar na equipe profissional na próxima temporada.

Eu entendia que ele não estava entrando em campo para jogar só para si, mas para muita gente. Ele concordou com essa minha afirmação e disse estar bastante tenso por conta dessa expectativa. Então comecei a entender os motivos das suas câimbras recorrentes. Como A. era um dos jogadores com maior capacidade física da equipe, sempre um dos primeiros nos testes físicos, era intrigante para todos os membros da comissão técnica o fato de ele apresentar esses sintomas característicos de fadiga muscular. A. carregava em suas pernas não apenas o seu peso corporal, mas o de todos aqueles que apostavam na sua carreira. Entrava com a musculatura rígida nos jogos amistosos e coletivos. Essa tensão muscular acarretava sobrecarga, desgaste além do normal e, conseqüentemente, as câimbras, num quadro de ansiedade somática. Eu apresentei esse meu pensamento para A., e ele estava feliz por termos encontrado uma resposta para um sintoma que o estava atrapalhando bastante.

Ele concluiu afirmando que deveria jogar mais para si quando entrasse em campo; ao executar uma jogada, ele entendeu que não deveria pensar na atenção dos demais. Eu

o fiz trazer à memória como era o tempo em que ele jogava uma “pelada” de futebol. A. me disse que jogava solto, tranquilo, mais feliz, porque só pensava em jogar. Eu ressaltei que seria interessante ele resgatar esse prazer do jogo pelo próprio jogo, que talvez fosse uma boa saída para diminuir suas tensões. Ele gostou da minha sugestão e disse que gostaria de conversar mais vezes, porque nosso diálogo também o tinha aliviado bastante. O encontro durou um pouco mais de uma hora e meia nesse dia.

Agora penso que a explicação que encontramos em nossa reflexão para as suas câimbras faz sentido com a sua vivência. E a sugestão que eu lhe apresentei, apesar de ser coerente com o que penso, não foi tão significativa para A. Notei que ele encontrou outra solução que julga ser mais eficaz: falar de sua vida num clima de aceitação e sem cobranças externas. Esse encontro serviu de aprendizado para mim, pois vi que devo ter cautela ao apresentar o que sinto como sendo a única solução de ajuda a uma pessoa; preciso ter a sensibilidade de respeitar e confiar mais na tendência atualizante dos jogadores.

3.12 Décimo segundo dia: O dia dos cortes

Tanto no período da manhã quanto no da tarde, fomos até o campo da usina de açúcar treinar. Houve treinos de ordem técnica: passes e finalizações. Fiquei observando o treinamento, atento caso alguém quisesse conversar comigo. No final da tarde, o treinador me chamou e disse que iria antecipar os cortes, demitindo três jogadores por excesso de contingente, para já definir quem estaria em condições de disputar a Copa São Paulo. G. entendeu, por conta dos nossos diálogos, que essa medida iria diminuir a tensão no grupo, além de melhorar o rendimento de alguns jogadores reservas que pudessem estar com medo de serem cortados. Ele optou por excluir dois jogadores mais novos, que teriam mais duas oportunidades de disputar a Copa São Paulo, e moravam na cidade em que se fixava o Clube: os meio-campistas L. e J. O centroavante G., aquele que eu havia atendido na academia, foi o terceiro a ser dispensado. O treinador falou que gostaria de permanecer com ele na equipe, mas estava aderindo a uma vontade do supervisor A.

G. lhes comunicou na concentração, de forma individual, e disse aos jogadores que eu estava disposto a conversar com eles, se quisessem. Jantei com todos os atletas na

concentração, e esperei-os caso quisessem conversar. Estavam muito tristes, e preferiram ficar calados, arrumaram seus pertences e voltaram para suas casas. Ao mesmo tempo, eu constatava os movimentos de euforia e alegria na concentração, inclusive do zagueiro L. (aquele que eu atendera e se queixara do medo de ficar fora da competição). O que mais me doeu foi o corte do atacante G. Ao contrário dos outros dois jogadores dispensados, ele não teria mais idade para disputar as próximas edições da Copa São Paulo, e suas chances para se tornar um jogador profissional tinha diminuído. E, provavelmente, a causa não era sua capacidade técnica, mas sim uma vantagem política do supervisor A.

3.13 Décimo terceiro dia: Clima feliz

Hoje é domingo, e tivemos treino só no período da manhã, novamente realizado no campo da usina de açúcar. O que mais me chamou a atenção foi o clima de alegria entre os jogadores. No ônibus, tanto na ida quanto na volta, eles foram cantando, batendo palmas, fazendo brincadeiras entre eles. O zagueiro L. me chamou e falou em tom de felicidade: “eu estou na Copa São Paulo, professor!”.

No treinamento, o técnico procurou reforçar o posicionamento da defesa e a saída de jogo para o ataque. No final, o volante reserva E. pediu-me uma conversa. Marcamos para depois do almoço.

E. é uma pessoa que veio de muito longe para tentar a carreira de jogador de futebol. Sua família vive em condições lastimáveis de pobreza. No grupo, ele se relaciona melhor com dois atletas que também vieram de muito longe e com histórias parecidas. Ele é negro e, por isso, é chamado pelos demais companheiros e membros da comissão técnica por um apelido relacionado à sua cor de pele. Queixa-se das brincadeiras que alguns jogadores fazem com ele na concentração a respeito da sua aparência física, e relaciona esse estresse com a sua condição de jogador reserva: “quando eu era o volante titular da equipe, eu nem ligava para essas brincadeiras que eles fazem, agora que estou no banco eu me estresso”. E. não entende o motivo de o treinador não o escalar: “quando eu cheguei aqui eu era o titular, joguei o campeonato todo como titular, sempre fui elogiado, mas para essa Copa São Paulo ele me colocou no banco de reservas, isso é coisa daquele A. (o supervisor da equipe)”. Conseqüentemente, ficar no banco de reservas trazia

o sentimento de desvalia a E., aquela situação o deixava fragilizado. Enquanto ele era titular, apoiava-se em seu futebol para superar os reveses da vida, como a ausência de seus familiares, a solidão e as brincadeiras sarcásticas de seus companheiros quanto a sua aparência. Sua antiga condição de titular o fazia superar ou não dar importância a essas questões, e ele seguia a tendência de seu crescimento.

O que percebo ser mais doloroso em E. é a sua reflexão da percepção dos fatos, da qual compartilho. Porventura não foi a sua capacidade tática, técnica, física ou psicológica que o tirara do time, mas uma resistência a sua pessoa por parte do supervisor das categorias de base, A.

Para mim, era muito fácil compreender a angústia de E., pois eu, observando os treinamentos, via que ele tinha um futebol muito bom. Não me cabia escalar o time ou colocar a minha opinião sobre quem eu achava que deveria jogar, mas a minha compreensão ia ao encontro das análises de E., e isso facilitava o meu entendimento dos sentidos contidos em suas falas.

Dividi essa minha compreensão com E., e ele ficou muito sensibilizado. O meu reconhecimento da abrangência de seu sofrimento me propiciou sentir que E. estava sem motivação para continuar treinando firme, em busca da titularidade. Ele explicou que estava sem forças. Perguntei-lhe sobre o que poderia trazer de volta a sua energia, pois entendia que ele precisava urgentemente voltar a jogar como antes. Ele me respondeu que, pela nossa conversa, percebera que o que o fazia continuar a jogar era a sua família, que iria jogar por eles, ou ao menos tentar lutar em nome de quem o amava e torcia de longe.

Eu respondi a E. que tinha orgulho de ser o psicólogo da equipe e poder ajudar pessoas tão boas, cheias de vontade de vencer, apesar das difíceis realidades, como a dele. Deixei clara a minha visão de que achava que ele estava treinando muito bem e não poderia perder essa vontade. Se não lhe fosse possível jogar, por vontades alheias, a consciência dele estaria tranqüila, pois faria o seu melhor, e precisávamos acreditar que os acontecimentos iriam melhorar.

Preciso me inteirar melhor sobre como está funcionando a estrutura hierárquica da equipe, pois está havendo confusão nos processos de liderança entre as partes do treinador e do supervisor. O primeiro tem como objetivo vencer a competição, chegar o mais longe possível, e com isso fazer um bom currículo e firmar-se como treinador profissional; já o segundo se preocupa mais com a valorização e possível venda de determinados jogadores.

3.14 Décimo quarto dia: o último jogo amistoso antes do Natal

Hoje à tarde, a equipe participou do último jogo amistoso antes do Natal. Após a partida, os atletas foram para as suas casas para passar o Natal com as suas famílias e retornarão no dia seguinte a essa data comemorativa.

O jogo foi ambientado numa cidade não muito próxima à nossa. O interessante foi o fato de ele ter sido realizado no estádio municipal de uma pequena cidade. A população local compareceu ao estádio em número razoável, o que foi bom para os nossos atletas irem se adaptando à pressão da torcida.

Nossa equipe empatou o jogo em 1 a 1. O treinador não gostou do resultado, achou o time disperso, sem aquela vibração como no último jogo amistoso; mas entendeu que essa desconcentração se devia à vontade deles de voltar para as suas casas e rever seus familiares. Gostou da atuação do goleiro C., disse que ele, além de não ter cometido erros graves como os outros goleiros, passou mais confiança à defesa.

De volta a nossa concentração, despedimo-nos uns dos outros e desejamos um Feliz Natal a todos. Tive a oportunidade de conhecer alguns familiares dos jogadores, que tinham vindo buscá-los. Eles me agradeceram pelo apoio que eu estava dando aos seus filhos.

3.15 Décimo quinto dia: Véspera de Natal

Devido à distância e a falta de recursos financeiros do time para as categorias de base (que não tinha condições ou a prioridade de comprar passagens aéreas de ida e volta para todos), três atletas da nossa equipe não irão passar o Natal junto das suas famílias, são eles: o volante reserva E. (que eu já havia atendido), o zagueiro reserva E. e o atacante titular D. Eles iriam ficar sozinhos na concentração, pois os funcionários (arrumadeiras e cozinheiras) também se ausentariam. O Clube deu a cada um deles uma ajuda de custo de 20 reais por dia, para eles se alimentarem no período da noite; já o almoço foi acertado com um restaurante local, que lhes servirá as refeições. Eu me comprometi a visitá-los – passaria lá na concentração para desejar-

lhes um bom Natal.

Na véspera de Natal, fui até a concentração para ficar um pouco com eles, saber se estavam precisando de algo, conversar e acolhê-los, pois entendia que podia ser um momento triste para eles, por estarem longe de seus familiares. Cheguei ao local e não os encontrei. Esperei-os por um bom tempo, mas eles não chegavam. Como eu moro perto, voltei até a minha casa e tive a idéia de escrever-lhes uma carta de Natal. Escrevi, imprimir três cópias, uma para cada jogador. Quando voltei até a concentração, eles ainda não haviam chegado, então passei as cartas sob a porta de entrada. Voltei para a minha casa, mas amanhã eu retornarei lá para vê-los. Abaixo a carta que escrevi:

[...] Não é fácil passar esta época de Natal longe das suas famílias e amigos. Bate um sentimento de solidão, tristeza, como se faltasse algo que nos completasse. A gente torce para que este dia passe rápido quando estamos longe de quem mais amamos. Mas não podemos nos esquecer de um sentimento que talvez seja o mais importante nesta época do ano, a ESPERANÇA!

*A vitória de vocês será mais bonita lá na frente, pois quando estiverem em glória irão se lembrar de todos os momentos difíceis que passaram em suas carreiras. Admiro muito vocês não só pelo fato de serem excelentes jogadores, mas também como pessoas honradas. Esta admiração é fruto de duas características que observo em vocês: a **confiança** e a **força de vontade**. Vocês confiam, acreditam e sabem que têm potencial para triunfarem na vida. Isto é muito bonito.*

O nascimento do nosso Senhor Jesus foi neste contexto de superação de vida, compaixão e esperança. Nasceu em uma manjedoura, sem recursos e seus pais com muita fé e esperança conseguiram garantir a vida de seu filho.

Muito obrigado pelo exemplo de vida que vocês têm nos dado. Torço muito pelo sucesso de vocês, tudo dará certo. Confiem nos seus potenciais, sigam em frente com a força de vontade e sempre tenham esperanças!

Um Feliz Natal!

Bruno [...]”.

3.16 Décimo sexto dia: É Natal

Hoje à tarde fui até a concentração da equipe; como o portão estava encostado, fui entrando. Encontrei na área externa da casa o atacante D. e o volante reserva E. Eles estavam sentados e conversando. Abracei-os, desejamos uns aos outros um Feliz Natal.

Notei a mudança no corte de seus cabelos. Eles são negros e, no dia de ontem, foram até um salão de beleza para realizar um corte de cabelo chamado “afro”. Disseram-me que gastaram todo o dinheiro que o time lhes havia dado para pagar a mulher que trançou e cortou os seus cabelos. Por esse motivo, eu não consegui encontrá-los ontem, pois ficaram lá até o período da noite. Contaram um pouco da história daquela mulher. Ela nasceu no mesmo estado que eles e mudou-se daquela região para tentar uma vida mais digna, encontrar trabalho, viver em melhores condições. Ela morava na cidade havia algum tempo e estava feliz com a nova vida. Os jogadores enfatizaram que eles tinham as mesmas raízes afro-descendentes e também buscavam um futuro melhor.

Eu senti que a identificação de E. e D. com a mulher que mudou o visual dos seus cabelos estava relacionada com a necessidade de um apoio familiar, do carinho das suas mães, com a saudade de quem eles mais amavam e morava longe. Estar com aquela mulher que mexia, cuidava de seus cabelos, era uma forma de compensar a ausência que tanto doía. Não expus esta minha sensibilidade, achei que seria invasivo de minha parte dar uma explicação racional para algo tão delicado. Eles apenas queriam compartilhar aquela situação. Mas perguntei-lhes sobre o zagueiro reserva E., que eu ainda não havia visto. Eles me disseram o seguinte: “Ele foi passar o Natal na casa da namorada, que é daqui da cidade, nem voltou para cá, está certo ele. Foi o pior Natal da minha vida, ficamos olhando o muro vermelho (muro de uma escola em frente à concentração que era pintado da cor vermelha)”.

Considerei nessa fala que tanto E. quanto D. necessitavam de muita atenção. Mencionei a carta que havia escrito para eles. Ainda não haviam lido, alegaram ter dificuldades de leitura. Propus-me a lê-la e gostaram da minha iniciativa. Eles ouviram a minha leitura em silêncio e atentos. Quando terminei, veio a fala de E., bastante sensibilizado, que olhou para D. e disse: “para a gente estar passando isso é porque Deus está preparando um futuro bom”. Já D. complementou com o pensamento: “ficaram os três guerreiros”.

Depois eles me contaram que não haviam almoçado, pois o restaurante que o Clube escolheu para fornecer a alimentação ficava longe da concentração, e eles tinham gastado todo o dinheiro com o corte de cabelo. Também não tinham recursos para jantar e estavam com fome. Fiquei muito triste com essa situação e, naquele momento, só tinham a mim para poder ajudá-los.

No começo da noite, levei-os para jantar num bom restaurante da cidade. Ficaram muito felizes por estarem lá, estavam famintos, mas já com muita alegria no semblante. Uma de suas frases, hilária e ao mesmo tempo cruel, registrou o paradoxo daquele jantar de Natal: “como diz a minha mãe, aproveita comer agora porque amanhã é arroz com farinha”. No final, eles me agradeceram o apoio dado e disseram que eu estava ajudando bastante o grupo de jogadores.

Este dia foi um dos mais marcantes em minha vida, pela situação em que estou inserido e pela importância que dou ao Natal. Foi um dia daqueles especiais, que as pessoas nunca esquecem e que nos fazem pensar sobre os sentidos da vida. Na minha companhia com os jogadores, na escrita e leitura de minha carta, não procurei me orientar por teorias psicológicas, procedimentos, apenas usei o meu coração. Estar ali era um dever humano, que ia ao encontro dos meus valores e princípios. Procurei ajudá-los com o meu coração, com a minha boa vontade, na condição de uma pessoa em quem eles pudessem confiar. Ao mesmo tempo, reflito que essas minhas ações, na gana de ajudar outra pessoa, fizeram com que eu me aproximasse ainda mais da Abordagem Centrada na Pessoa, que me deu a licença de me sentir livre com meus pensamentos e sentimentos para agir em direção ao outro.

3.17 Décimo sétimo dia: O retorno e os trabalhos físicos

Após a comemoração do Natal, os jogadores voltaram de suas respectivas cidades para continuar o processo de treinamento. Esta foi a última vez que eles retornaram para as suas casas neste ano: passarão o réveillon alojados na concentração, porque no terceiro dia do novo ano acontecerá o primeiro jogo deles na Copa São Paulo.

O clima entre os jogadores se assemelhava ao de um grupo de jovens escolares

voltando de suas férias. Contam as novidades uns aos outros, e há bastante alegria e energia nas suas histórias. Eles voltaram mais dispostos ao treinamento.

Foram feitos exames antropométricos para avaliar a composição corporal de cada atleta. O grupo se manteve estável, com poucas variações de peso. A exceção foi o zagueiro reserva L., que havia aumentado o seu peso em três quilos. Notei que L. ficou bastante triste e preocupado com essa notícia.

O trabalho de preparação física aconteceu no período da tarde. Fomos até um parque ecológico da cidade, onde os atletas realizaram um treinamento para força muscular, executaram diversos exercícios de arranque e saltos em terreno de areia bastante fofa.

No final, todos da equipe, inclusive eu, ficamos nadando no lago do parque e brincando de cabecear bola. Essa recreação foi importante para relaxar a musculatura da equipe, descontraí-los emocionalmente e aproximarmo-nos uns dos outros afetivamente.

3.18 Décimo oitavo dia: Jogadores cansados

Hoje fomos treinar num Clube de campo da cidade. No ônibus, o preparador de goleiros me levantou uma suspeita: “acho que ontem eles foram para a balada, repare na cara deles, estão todos cansados e com sono”.

Até aquele momento, eu não tinha tido essa percepção de F. Já no local, o treinador reuniu o grupo para dar as instruções necessárias ao treinamento daquele dia e alertou aos atletas, em tom ameaçador, que a Copa São Paulo estava chegando: “A chance de vocês está aí, é semana que vem, só quero ver, depois não vale chorar”.

Eu não gostei da sua fala. Considerei-a um agente estressor, prejudicial aos jogadores. Eles precisavam de segurança, confiança, amparo; necessitavam estar tranquilos para a competição. A figura do treinador apoiando-os era de suma importância.

Olhando para o semblante dos atletas, também constatei que muitos estavam com sono, de olhar cabisbaixo, desfocados e sem motivação. Essas reações podem ser fruto de uma noite mal dormida. Provavelmente o treinador de goleiros, F., comunicou a sua percepção ao treinador, e talvez por esse motivo G. tenha proferido aquelas ameaças aos atletas quanto à Copa São Paulo.

Entendo que essas são questões que deveriam ser trabalhadas e bastante discutidas com os integrantes da comissão técnica antes de qualquer ação de seus integrantes. Infelizmente não há o espaço e a liberdade para esse diálogo. Quando acontece algo que contraria o que o treinador propôs no caminhar da periodização da equipe, ele procura punir e se vingar das pessoas que atrapalharam esse processo. Compreender os motivos que levam à não adaptação dos jogadores ao sistema poderia ajudá-lo a melhorar seu treinamento, mas isso é encarado como erro de conduta.

Por outro lado, reflito até que ponto os treinamentos e o ambiente em que vivem os atletas estão sendo nocivos para eles. Ir à “balada”, perder o foco da competição, aparentar apatia, sentimentos negativos e falta de comprometimento podem ser sintomas de “*burnout*” no Esporte, ou seja, uma defesa do organismo, um esgotamento frente ao estresse negativo imposto pelo treinamento.

Meu trabalho fica limitado, pois se houvesse integração e liberdade para compartilhar as informações, num clima pautado pela compreensão e não pelo controle e punição, poderíamos prevenir muitos desgastes e melhorar a qualidade de vida de todos.

3.19 Décimo nono dia: Confusões

Pela manhã, fomos até uma cidade vizinha treinar. Amanhã a equipe fará um jogo amistoso. O supervisor das categorias de base, A., tinha ido viajar para passar o Natal com a sua família e retornou somente no dia de hoje. Já no campo de treinamento, ele perguntou ao atacante D. como ele e os outros dois jogadores que ficaram alojados na concentração haviam passado aquela data. D. respondeu em tom de revolta: “Pô, passei muito mal o Natal. No restaurante que vocês me mandaram almoçar comi um bife pior que o da pensão, tá loco”. Saiu chutando o saco que guardava as bolas e foi para o meio do campo com os demais jogadores. A. não se conformou com aquela atitude de D. e foi em sua direção. Por muitas vezes xingou o jogador, falou que não iria admitir aquela situação e que se fosse preciso o mandaria embora do time. D. não respondeu, permaneceu calado. Ficou um clima muito tenso.

Eu estava ao lado do banco de reservas. e o supervisor A. veio falar comigo. Disse que havia se alterado, sabia que estava errado, mas não conseguira se controlar. Ele me

perguntou sobre a alimentação de D. e dos demais jogadores naquela data. contei a ele que eles almoçaram apenas um dia e que na noite de Natal levei-os para jantar num bom restaurante da cidade. Expliquei que eles estavam furiosos porque estavam sentindo bastante saudade de suas famílias, e muitas das suas atitudes revelavam carência afetiva, somada à ansiedade de disputar a Copa São Paulo – era preciso compreender. Mas A., ao saber que eu os havia levado para jantar, ficou mais revoltado e disse em tom alto: “Ele reclama da comida, mas foi jantar no restaurante, ah ele está achando que é quem aqui?”. D. não retrucou os comentários de A. e ficou com os demais jogadores no meio do campo prestando atenção nas orientações do treinador. Eu pedi para A. se acalmar e ficamos sentados no banco de reservas observando o treinamento, um jogo coletivo entre titulares e reservas. Por diversas vezes ele voltava a manifestar sua revolta diante do que havia acontecido, mas em volume baixo.

Para tirar um pouco o foco da sua atenção, fiz um comentário de que o jogador meio-campista J. estava jogando muito bem. A. gostou da observação e concordou comigo. Disse que depositava toda a sua confiança em J. e que já tinha conversado com alguns empresários para olhar o atleta na Copa São Paulo. Eu achei estranha essa sua fala, pois me demonstrou uma preocupação exacerbada de lucrar com a revelação de alguns jogadores, em vez de concentrar-se no sucesso do time na competição. Não manifestei essa minha percepção de incongruência, tive apenas uma conversa superficial com a intenção de acalmá-lo.

No decorrer do jogo coletivo que acontecia à nossa frente, presenciávamos outra alteração de humor, desta vez a do treinador. Por diversas vezes, ele parou o treinamento porque não estava gostando da movimentação dos jogadores titulares, principalmente os da defesa, e em uma das suas falas disse ao zagueiro e capitão A.: “se fizer isso no jogo vai sentar no banco, não quero nem saber”.

Logo após o time titular ter tomado um gol da equipe reserva, o treinador voltou a reclamar dos jogadores da defesa e do ataque, em tom ameaçador: “Não pensa que eu não estou vendo (repetiu três vezes esta frase), vai ter muita gente que vai sentar no banco”. O zagueiro e capitão A., discordando das broncas, explodiu com os atacantes do time, pois eles haviam perdido a bola no ataque, e a consequência desse erro foi o gol sofrido; por isso xingou os atacantes com palavras ofensivas.

O jogo continuou, mas em outra pausa feita pelo treinador, novamente para cobrar o posicionamento e exaltar os erros da equipe, houve mais uma discussão severa. Desta

vez, o zagueiro reserva E. não gostou das contestações do treinador e disse em voz alta para os companheiros do time: “não dá nada, não, depois a gente faz uma reunião”. Esta fala, supostamente provocativa, deixou o treinador G. bastante irritado. Ele apitou, parou o treinamento, chamou todos os jogadores e aos berros fez um discurso: “reunião é o caralho; vocês não sabem o que é vida; vão todos se foder, se continuar jogando assim; não tem mais reunião, daqui para frente vai ser no pau, chega de conversinha; eu tenho vergonha nessa cara (e batia com a palma da sua mão em sua própria face); ou vocês vão fazer o que eu mando daqui para frente, ou eu vou sacar todo mundo do time; vocês não estão jogando nada e se acham os craques, não são nada; acabando a Copa São Paulo a maioria de vocês vai virar servente de pedreiro, não quero ouvir mais nada”, e encerrou o treinamento daquele dia.

Dentro do ônibus, durante a pequena viagem de volta, todos permaneceram calados, num ambiente muito triste. O treinador me disse que precisava “cortar as asas” dos jogadores, pois sentia que estavam muito rebeldes e por isso tomou aquela medida. Enfatizou não ter nada contra o meu trabalho, mas era uma decisão necessária para impor respeito ao grupo. Apesar de eu não concordar com aqueles infelizes comentários, aceitei a sua colocação. Não cabiam mais discórdias no dia de hoje. Assim como os atletas, eu também me senti emocionalmente exausto; mas voltei para casa com a esperança de acreditar na melhora das nossas relações e consciente de que meu trabalho estava limitado.

Peço desculpas ao leitor por ter escrito palavras ofensivas, de baixo calão neste meu texto. Elas estão sendo bastante comuns na rotina de nossos treinamentos. Mas entendo que é preciso registrá-las para servirem de referência às pessoas que buscam compreender o universo esportivo.

Sobre os acontecimentos deste dia, estou refletindo que muitas das ações e condutas tanto do treinador quanto do supervisor da equipe são pautadas pelas necessidades de dominação e controle que eles têm. Percebo que há frases prontas em seus discursos, correspondendo a estruturas bem rígidas em suas mentes, o que revela uma única maneira de agir, direcional, sem espaço a críticas. Provavelmente, as constituições dessas subjetividades foram alicerçadas ao longo de suas experiências vividas no futebol. Isso me assusta, pois começo a pensar nas carreiras e sonhos que já foram interrompidos devido a essa austeridade.

Por muitas vezes eu sugeri, pedi, enfatizei a eles que era preciso compreender melhor os jogadores, ser mais empático, pois esta é uma fase de muita tensão na vida dos atletas.

Parece que minhas falas são em vão. Não sinto, por parte do treinador e do supervisor, a mesma prontidão, atenção e consideração que os jogadores têm quando me pedem uma conversa.

É um comportamento tão rígido e impessoal que desconfio não haver momentos de introspecção em suas vidas: o erro, os reveses, a inutilidade, a insegurança estão sempre com os outros, com o lado de fora, ou abaixo, a ser comandado.

Observo os fatos do dia de hoje: o treinador e o supervisor atacaram verbalmente os jogadores. Alguns deles começaram a brigar entre si. Devido às punições, cada atleta quer se salvar, ou seja, jogar a Copa São Paulo. Desse modo, há um clima de extrema insegurança e individualismo. Quebra-se a unidade, pois todos estão competindo, e o medo de errar é o propulsor de todas as ações. Os procedimentos adotados pelo treinador e pelo supervisor geram muita angústia e medo nos jogadores, que não conseguem conviver com esses sentimentos e encontram em mim um porto seguro para aliviar essas tensões. Então, durante uma “guerra emocional”, um atleta tem um movimento de lucidez, reflexão e ataque ao sistema imposto ao clamar por mais uma reunião em grupo. Ele compreendeu que o grupo precisava de um espaço harmônico, aceitador, pacífico, congruente e ético para encontrar uma unidade, pensar estratégias, adquirir confiança. E utilizou dessa sua compreensão como um ataque ao sistema imposto pelo treinador. Entendo que o sentimento do jogador dizia ao treinador: “veja, você não nos escuta e isso prejudica o treinamento”. Isso foi compreendido por todos naquele instante, inclusive pelo próprio treinador.

Para aceitar essa crítica, seria preciso que G. re-significasse princípios éticos em sua vida, mas a sua saída foi explodir de raiva, cortar as raízes que estavam alimentando a busca crescente de autonomia do grupo. Meu trabalho ficou mais limitado com essa medida, mas constato que os fatos do dia de hoje são bons indicadores para defendermos uma ação Humanista na Psicologia do Esporte.

3.20 Vigésimo dia: Jogo amistoso

Hoje a equipe realizou mais um jogo amistoso, e tivemos mais uma vitória. Antes do jogo, na palestra do treinador, o clima ainda era bastante triste. Os jogadores não

olhavam firme para a sua cara. Alguns deles sequer levantavam a cabeça. O conteúdo da palestra voltou a ser ameaçador. G. disse que não iria tolerar os erros que havia apontado no treinamento coletivo, tampouco os problemas relacionados às condutas dos atletas, por exemplo as supostas “baladas”. Disse que agora eles estavam na reta final, tinham que se empenhar ao máximo, se realmente quisessem vencer na vida.

A equipe, após ouvir as orientações, reuniu-se e fez a oração. Geralmente, eles rezam com muita energia, recitam a oração em volume muito alto, mas isso não aconteceu hoje, pois não havia disposição e harmonia. Fiquei temeroso sobre o que poderia acontecer na partida.

Já dentro de campo a equipe se reuniu antes do começo do jogo, formando a “roda da vitória”. Todos os jogadores se abraçaram, um passou uma mensagem de incentivo ao outro. Venceram o jogo por dois gols a zero. Infelizmente, o atacante D. sofreu uma contusão que parece ser séria. No segundo gol da equipe, ele dividiu uma disputa de bola com o goleiro adversário e sofreu a penalidade máxima. Esse choque lesionou o seu tornozelo, e ele saiu com bastante dor. Nos momentos finais da partida, o zagueiro e capitão A. pediu para ser substituído, novamente alegando câimbras musculares. Depois do encontro terapêutico que tivemos, o atleta não havia mais apresentado os sintomas de fadiga muscular, nem nos treinamentos nem nos jogos coletivos; somente no jogo de hoje ele se queixou novamente.

A equipe está jogando muito bem. Ao mesmo tempo em que tenho muito orgulho dos atletas, fico com muita pena deles. Estão vivendo num ambiente hostil, muitos procedimentos os atrapalham e os fazem sofrer. Entendo que, se eles pudessem escolher, indubitavelmente sairiam da equipe. A esperança e a necessidade de serem jogadores profissionais, ao mostrarem as suas habilidades à torcida, aos empresários, aos dirigentes esportivos, familiares, amigos e à sociedade em geral, aprisionam-nos nessa cruel realidade.

No vestiário, o treinador me fez um comentário sobre a atuação deles: “eles estão mordidos comigo, estão bravinhos, mas estão jogando bem. Se eu afrouxo com eles, eles relaxam e não rendem o que eu quero”. São dois lados e compreensões de diferentes verdades. Estou tendo dificuldades para não tender para um dos lados (jogadores x comissão técnica), para ser imparcial e ter um clima de aceitação para ajudá-lo. Essas situações estão servindo de aprendizado para mim. Por mais que a minha percepção dos fatos vá ao encontro de uma grande parte do coletivo, os jogadores, e me direcione para uma posição e escolha, não posso virar as minhas costas para o restante, a minoria, a comissão técnica. Preciso confiar mais na minha

aceitação positiva incondicional com o treinador e o supervisor da equipe, na esperança de que eles sejam mais sensíveis e compreendam melhor as carências e tensões que os atletas estão tendo.

3.21 Vigésimo primeiro dia: Recuperação, esperanças

O dia de hoje foi destinado ao treinamento físico, com o propósito de recuperar o desgaste físico que os atletas tiveram no jogo amistoso. Na parte da manhã, os jogadores correram pelo gramado em ritmo leve, e à tarde foram até a academia.

Lá, após a realização do trabalho de musculação, dois jogadores me pediram um conselho, o volante reserva V. e o lateral esquerdo reserva B. Ambos vieram juntos falar comigo e disseram que gostariam de uma opinião. Eles não queriam uma conversa como eu estava tendo habitualmente, individualizada, numa sala separada, apenas necessitavam de uma opinião sobre a chance de eles serem escalados para uma partida da Copa São Paulo. São os jogadores mais jovens do elenco e entendem que dificilmente serão chamados para ficar no banco de reservas na Copa São Paulo, pois têm pouca idade e mais dois anos de chances para disputar a competição na condição de titulares. Disseram que gostariam muito de jogar e que alimentavam a esperança de poder disputar a competição. Percebi que V. e B. estavam se sentindo largados, desprezados pelo treinador, supervisor e pelos demais jogadores: “a gente vem aqui e só treina os titulares e voltamos para as nossas casas, o treinador não dá orientação para a gente”. O sentimento que me veio diante das suas falas era o da carência de normas de referências sociais, *feedbacks*, sobre os seus desempenhos. Isso não era feito pela comissão técnica. Eu coloquei essa minha compreensão a eles, que concordaram e disseram que se auto-avaliaram positivamente, num processo interno, mas não conseguiam ter uma posição do exterior e se sentiam perdidos diante de tudo que estava acontecendo no grupo. A vontade de V. e B. era ter a confirmação dos outros para o modo como eles se auto-avaliaram. E essa falta de dados do exterior gerava dúvida, falta de comprovação, era angustiante. Eu sabia que o treinador não pretendia contar com eles para entrarem jogando ou serem reservas imediatos, mas não tinha o direito de quebrar esse sigilo e findar suas esperanças, pelo simples fato de acreditar que os acontecimentos são mutáveis e

processuais. Disse a eles que o mais importante nessa etapa de preparação seria confiar em nossas capacidades, valores e princípios e aguardar o que poderia acontecer, pois estariam preparados.

3.22 Vigésimo segundo dia: Conversa com G. e o último dia do ano

Hoje é o último dia do ano. Pela manhã, a equipe realizou um treinamento de ordem tática no estádio municipal, local onde serão realizados os jogos da Copa São Paulo. O treinador procurou corrigir o posicionamento da defesa e definiu algumas ações ofensivas para o time, por exemplo os contra-ataques. No período da tarde, não houve treinamento, e os jogadores foram liberados para lazer e descanso.

Em alguns dias, eu almoçava na minha residência e, em outros, no alojamento do Clube, juntamente com os atletas. Tomava essa iniciativa como mais uma forma de me aproximar deles e me aculturar rapidamente. Com o passar do tempo, peguei esse hábito e hoje também fiz a refeição com os atletas, mas foi um almoço diferente.

O refeitório é composto de várias mesas e cadeiras. Hoje almocei com o lateral esquerdo titular G., sentamo-nos ao redor da mesma mesa. Após a nossa refeição, ele me disse que queria desabafar um pouco. Como quase todos os jogadores já tinham retornado para os quartos e outros haviam saído, não houve problemas de permanecermos ali onde estávamos e dialogar.

G. contou-me o sofrimento que estava passando por conta da sua situação familiar e explicou como isso o influenciava dentro de campo. Sua família vive em condições precárias, de muita pobreza. A mãe é a única provedora do lar. Seu pai é ausente, e ele tem um padrasto bastante severo. A pessoa que G. mais ama na vida é a sua mãe. O seu maior sonho é se tornar um jogador profissional bem-sucedido e, assim, dedicar toda a sua carreira para a mãe. Considera que a relação afetiva de sua mãe com o padrasto é conflituosa, pois ele é alcoólatra e, algumas vezes, chegou a bater em sua mãe; ele fica muito triste ao vê-la chorar, sofrer e não poder ajudá-la. O futebol lhe dá a esperança de um futuro de paz. Como expressão desse amor que um sente pelo outro, sua mãe utilizou o salário que recebe, normalmente destinado a pagar o aluguel e as despesas do mês, para comprar uma bonita e nova chuteira para G. disputar a Copa

São Paulo. G. amou o presente que havia ganhado, mas está receoso de que o padrasto descubra e brigue com ela. Eu disse a ele que a chuteira era uma forma da sua mãe também estar presente dentro de campo, e dele sentir-se encorajado. Ele ficou em silêncio por um curto período de tempo, pensou e disse: “é... você me entende, era sobre isso que eu queria falar; não sei se é certo da minha parte, ou se é normal”, e continuou a me explicar essa relação. Quando G. entra em campo, tornam-se presentes em seus pensamentos as adversidades que a sua mãe e ele têm na vida. Ele traz essas lembranças na hora que entra em campo e estas funcionam como combustível para ele correr, driblar, marcar, chutar, agir em todas as situações de jogo com muita vontade. Perguntei como era esse sentimento e ele expressou que era de muita raiva, ódio e dor. Entretanto, ele transforma esses sentimentos ruins em superação de vida: “eu lembro todo o meu sofrimento e o da minha mãe, faço questão de lembrar, isto me dá forças e eu fico com sangue nos olhos, entro em campo querendo comer a grama; daí eu corro mais, não perco uma jogada, viro um leão no jogo; só que às vezes eu desligo, fico apagado, erro muitos passes e só volto a jogar bem quando eu penso de novo”.

A disposição de G. para a partida se assemelha, de forma análoga, a um piscar-pisca. Ora ativa-se no jogo, quando traz para o campo a sua realidade; ora desliga-se, pois não consegue manter por muito tempo aquele nível de tensão elevado.

Eu poderia incitar G. a utilizar alguns mecanismos de ativação e regulação emocional, que eu havia aprendido em livros de Psicologia do Esporte, mais precisamente em Psicofisiologia. Mas naquele instante, em que eu compreendia toda a sua dor, não considerei ético de minha parte usar o seu sofrimento como alimento para o seu melhor desempenho. Pelo que pude perceber, G. queria jogar bem, mas considerava os meios que encontrara para isso como não saudáveis. Eu pedi para ele me contar os detalhes de como era jogar bem, sem pensar na triste realidade da sua família. Então ele me falou sobre a sua pró-atividade, contou que dialogava mais com os companheiros, dizia para si mesmo mensagens de incentivo e se concentrava totalmente nos movimentos que iria executar. Após narrar essas experiências, o próprio jogador levantou a suspeita: “é, agora falando para você essas coisas, eu sei mais o que fazer dentro de campo, depende mais de mim e não da minha mãe”. Trabalhar a vivência de G., dando-lhe a liberdade para pensar, contar, ousar, imaginar os seus lances, foi significativo para o atleta encontrar a melhor forma de não desligar e aumentar o seu desempenho. Ele me agradeceu muito por ouvi-lo, disse que não havia contado a sua história de vida para pessoa alguma e que aquele diálogo o tinha ajudado dentro e fora de campo.

À noite, a diretoria do Clube mandou preparar uma bonita ceia de réveillon aos jogadores. Passei a virada do ano junto deles. Antes do início do nosso jantar, todos demos as mãos, rezamos, agradecemos pela oportunidade de trabalho e pedimos muita saúde e sucesso na vida e nas competições esportivas. Quase todos estavam vestidos de branco.

Permaneceu um clima de muita alegria, descontração e amizade. Os jogadores pegaram os seus instrumentos musicais e fizeram uma roda de samba em frente à concentração. A cada carro que passava na rua, os atletas desejavam Feliz Ano Novo.

Houve um controle rigoroso da portaria para garantir que, após o horário estabelecido, 1h da manhã, todos fossem dormir.

3.23 Vigésimo terceiro dia: Entendendo o contexto

Hoje à tarde, a equipe realizou o último treinamento coletivo antes de estreiar na Copa São Paulo. O treinador G. foi mais ponderado nas suas advertências com os jogadores, e sua conduta foi bem diferente da do último treinamento coletivo. O atacante D. não conseguiu treinar, pois sentia fortes dores no tornozelo, o que está preocupando todo o time. O zagueiro titular e capitão A. foi aconselhado pelo departamento médico a treinar moderadamente. Portanto, ele jogou o primeiro tempo do treinamento coletivo e, no segundo tempo, ficou andando à beira do campo. Eu estava assistindo ao treinamento sentado no banco de reservas, e quando A. passou por mim, ele me chamou para caminharmos juntos e irmos conversando. Foi o que fizemos.

Ele revelou a sua enorme vontade de jogar na Copa São Paulo. Disse que, após sentir novamente as câimbras, chegou à sua casa e chorou bastante. A sua vontade era acelerar a sua vida e ver o que seria de seu futuro. A. confia totalmente em seu potencial como bom jogador de futebol. Lembrou que sua postura atual é bem diferente do ano passado: “na Copa São Paulo passada, eu entrava com medo de jogar, errar, fazer uma lambança e me ferrar. Neste ano sou diferente, eu quero jogar muito, sei que vou brilhar, quero logo que as coisas aconteçam para mim”. Mas agora, com essas câimbras, o seu medo não é o de entrar em campo, mas sim o de não conseguir estar em condições para jogar. Estava evidente para nós que as causas das suas câimbras eram de ordem emocional. Querer acelerar o futuro para ver como seria o seu futebol e

as suas conquistas tem o sentido psicológico de dar mais importância às conseqüências do que ao processo. Isso se deve ao fato de que A. sabe e sente que tem capacidade para chegar ao ideal que almejou. Eu disse a ele que o sentia muito preocupado com o futuro e que parecia que essa preocupação estava atrapalhando o seu dia-a-dia. Ele concordou dizendo que o seu futebol estava pronto para a Copa São Paulo, e por isso já queria partir para outros estágios. Eu me lembrei de uma frase que lera num livro sobre liderança e pedi para A. pensar sobre ela: falava que um bom líder deveria sempre sonhar, mas era preciso espremer o limão todos os dias. Senti que ele não tinha entendido muito bem a mensagem, mas esta despertou a lembrança de sua infância, de quando ele jogava “peladas” de futebol e depois ia com os amigos a um sítio pegar laranjas para comer. Disse que, naquele tempo, jogava futebol o dia inteiro, atravessava a cidade de bicicleta e nunca sentia fadiga muscular. Falou que antigamente ele jogava mais solto, com mais prazer e alegria, não era um trabalho como o de hoje, mas curiosamente é o mesmo jogo. Ele levantou a hipótese de que, se conseguisse entrar em campo com o prazer de jogar futebol, como ele tinha nas “peladas”, sem querer exhibir seu futebol, talvez não entrasse tão tenso. Eu disse a A. que concordava com essa reflexão.

No final do treinamento, sugeri ao treinador criarmos um clima de descontração na equipe. Propus a idéia de pendurarmos um colete sobre o travessão dos gols. O jogador que cobrasse a falta e derrubasse o colete do travessão, se também marcasse o gol, ganharia uma coca-cola litro. G. gostou da iniciativa e a colocamos em prática. Foi um sucesso, um verdadeiro bombardeio de bolas sobre as metas, e logo após o treinamento foi encerrado.

Chegando à concentração, fui jantar com os jogadores. Durante o jantar, o meio-campista J. (um dos integrantes da “dupla dinâmica”) sentou-se ao redor da mesma mesa em que eu estava, e começamos a conversar. O nosso diálogo não teve o caráter de uma atenção psicológica prestada, mas serviu-me para ampliar a minha percepção sobre o contexto ao qual eu estava vinculado. Perguntei a J. se ele estava tranquilo para estrear na Copa São Paulo. Ele me respondeu ironicamente que sim e explicou a sua resposta ao contar-me um episódio de sua vida. No início do ano, J. estava jogando num Clube grande, de outro estado, e já estava definido que ele seria transferido para lá em definitivo. Mas a negociação não se concretizou, porque o supervisor das categorias de base da nossa equipe a tinha barrado. A empresa e os empresários que ele representava não teriam direito à porcentagem do valor de sua transferência, por questões contratuais. Mas, se ele voltasse para a nossa equipe, a empresa passaria a ter cotas dessa transação, e por esse motivo J. estava conosco para disputar a Copa São Paulo. Ele expressou não

gostar do supervisor A., e assim como outros jogadores, entende que ele participa da escalação do time e isso é prejudicial. Finalizou o assunto dizendo que iria jogar bem a Copa São Paulo e que tudo iria dar certo.

Esclarecimentos

Andei conversando com alguns diretores do Clube, pessoas mais próximas à instituição e jornalistas da cidade para me inteirar de como está funcionando o organograma e a hierarquia da equipe de juniores do Clube. Há uma empresa de *marketing* e assessoria esportiva que arca financeiramente com as despesas das categorias de base do Clube. Em troca, ela recebe 50% do valor de venda de todos os jogadores das categorias de base que ingressam no Clube após a consolidação desse contrato.

O proprietário dessa empresa também é sócio de uma firma que elabora projetos de sinalizações de trânsito para diversas prefeituras, cujos mandatos são de um mesmo partido político. Coincidentemente, o Clube sofre forte influência política desse partido, sendo totalmente dependente das decisões do poder municipal local para gerir-se.

O supervisor A. não é funcionário do Clube, mas sim dessa empresa de assessoria esportiva. É ele quem fiscaliza e coordena o dinheiro investido no Clube. Foi ele quem contratou o treinador da equipe e a maioria dos jogadores para disputar a Copa São Paulo. Há uma revolta da torcida e da imprensa local por julgarem haver poucos jogadores juniores no elenco que são naturais da cidade. Algumas pessoas entendem que essa medida adotada pela empresa foi uma forma de diminuir a cobrança e a fiscalização dos familiares dos jogadores, uma vez que residem longe da cidade em que o Clube se insere.

Começo a duvidar sobre se essa empresa que fomenta o futebol de base do Clube está realmente preocupada com a formação dos atletas. Percebo que não há esse valor, apenas o interesse financeiro e político. Foram várias as vezes em que observei o supervisor A. convidando empresários do futebol para vir assistir aos jogos e treinamentos da nossa equipe. Inclusive, isso é comunicado aos jogadores sob a forma de incentivo, motivação. Ele orienta os jogadores para se empenharem, mostrarem um bonito futebol porque muitos empresários estão na Copa São Paulo observando-os, com a perspectiva de comprá-los. De acordo com o meu conhecimento, esse pseudo-incentivo só fomenta mais ansiedade nos atletas, além de prejudicar a coesão grupal.

3.24 Vigésimo quarto dia: Véspera de jogo

Hoje pela manhã, os jogadores fizeram uma pequena movimentação no campo do Estádio Municipal, palco de estréia na Copa São Paulo. O preparador físico coordenou atividades de caráter recreativo, visando o máximo rendimento para o jogo de amanhã.

O zagueiro titular J. me pediu uma conversa para o período da tarde, e o capitão e zagueiro A. falou para eu passar no começo da noite na concentração para conversarmos um pouco mais. Eu atendi à solicitação de ambos.

À tarde, eu e J. fomos até a praça da Igreja que ficava ao lado da concentração para conversarmos com tranquilidade. Senti J. bastante inseguro para o jogo de amanhã. Vive na solidão e novamente trouxe a queixa de que não tem amigos na casa, pois os demais jogadores não gostam dele, não o toleram e isso interfere no seu rendimento dentro de campo: “eles me odeiam, não vão com a minha cara, eu sei que não posso errar uma jogada, senão todos vão me condenar. Também não posso dizer isso ao treinador, porque se ele ficar sabendo, não tá nem aí, me tira da equipe”. Eu debati com J. que ele precisava do apoio das pessoas, pois isso daria mais tranquilidade e segurança para ele agir dentro de campo. Ele concordou com a minha reflexão e mencionou o medo que sente para agir em uma determinada jogada: “na hora de fazer a cobertura do nosso lateral esquerdo e de dar o combate no atacante do outro time, eu fico esperando ele perto da área. Mas eu deveria sair para pegar o atacante lá na frente, não vou com tudo, porque tenho medo que o A. (outro zagueiro do time) não venha cobrir as minhas costas. Se ele não fechar o meu lado, fica fácil para o atacante dar o drible em mim e se isso acontecer estou ferrado, todo mundo vai me crucificar, mesmo eu não sendo o culpado”. Disse a J. que ele precisava encorajar-se para falar com o zagueiro A. sobre essas coberturas, pois era de suma importância para todos. Ele me falou que iria tentar, mas não sabia se iria conseguir.

Durante a nossa conversa, pude sentir que ele queria compartilhar aquela sua angústia, ter alguém para contar os seus medos e impasses da vida. Isto é, mesmo que algo desse errado no jogo de amanhã e ele fosse massacrado pelos demais, queria alguém para entendê-lo, para não se sentir sozinho, uma pessoa para compreender os motivos de suas ações e não apenas julgá-lo. Eu deixei bem claro para J. que não iria abandoná-lo, que ele podia confiar em mim, independentemente do que fosse acontecer no jogo. Eu não estava lá para cobrar rendimento, mas

apenas para ajudá-los com as questões que eles entendiam como importantes para viverem melhor, dentro e fora de campo. Somente quando sintonizei a minha ação com os sentidos das falas de J. a nossa conversa teve um efeito de movimento para o crescimento. Vi J. mais confortável emocionalmente.

Logo no início da noite, fui até a concentração visitar os jogadores. A maioria estava em seus respectivos quartos, e os demais na sala assistindo à televisão. Também estavam presentes o treinador, o preparador de goleiros e o supervisor. Assim que o jogador A. me viu, já me convidou para uma conversa. Sentamo-nos ao redor de uma mesa de concreto que ficava na área de lazer da concentração. O sentimento que A. me passou após o término de nossa conversa foi de que ele estava fazendo uma revisão, como se fosse um vestibulando, sobre as principais matérias que fossem cair na prova da Copa São Paulo. Não queria deixar escapar nada e sentiu que era importante fazer esse balanço. Percebi seu movimento e o acompanhei, aceitando-o incondicionalmente.

Ele revelou que gostava muito de conversar sobre o seu futuro comigo. Sonha em jogar num grande clube. Respeita muito as orientações que o seu pai lhe dá antes das partidas e gosta que ele assista aos seus jogos. Fez muitas queixas sobre o treinador e o considera uma pessoa muito influenciável. Alerta que os jogadores já perceberam isso e de certa forma o manipulam. Não tolera os comportamentos de alguns jogadores, como a dupla J. e R. e o lateral direito R. Define que eles e alguns outros são imaturos e os comparou consigo, dizendo estar muito à frente profissionalmente. Aproveitei esta sua fala para inserir em nosso diálogo o medo que o zagueiro J. tinha de ir dar o combate no jogador adversário e não ter a cobertura adequada. A. disse que já tinha percebido isso em J. e que estava pensando em conversar com ele sobre os posicionamentos da defesa. Eu insisti para que A. tomasse essa atitude, pois iria ajudar o jogador J. Ele se prontificou e não considerou um problema tão complexo quanto J. o sentiu.

Por fim, terminou a conversa dizendo estar confiante para o jogo de amanhã, que os nossos diálogos contribuíam para aliviar aquela ansiedade que sentia e me agradeceu a ajuda. Eu lhe desejei boa sorte e fomos descansar.

Agora penso que, em parte, quebrei o sigilo do diálogo que tive com J., pois pedi ao zagueiro A. para ajudá-lo com o posicionamento. No entanto, o clima de confiança criado entre mim e A. me deu garantias para eu crer numa boa atitude do atleta. Como era um problema pontual, de ordem estratégica, entendi que a minha sugestão poderia beneficiar a todos. O

treinador deveria dar essa liberdade para os jogadores discutirem os seus posicionamentos e os motivos que o levam a agir e não agir. Mas em nossa equipe, se isso acontecer os jogadores certamente serão punidos e cortados da equipe titular. Para haver integração, é preciso aceitação da pessoa-atleta.

3.25 Vigésimo quinto dia: Uma estréia frustrante

Hoje foi o dia em que a nossa equipe estreou na competição. Na concentração do Clube, os jogadores aparentavam estar tranquilos para a partida que iriam realizar. Eu passava por cada um deles, e me cumprimentavam, faziam sinal de positivo e diziam frases do tipo: “é hoje, professor”; “vamos para cima deles”. Percebi a enorme vontade que estavam de entrar em campo.

Já no vestiário do time, o roupeiro começou a distribuir o material esportivo que cada jogador iria usar, o uniforme completo. Três jogadores iriam ser cortados pelo treinador naquele jogo. Isso se devia ao regulamento da competição, que definia o contingente para compor o banco de reservas. Lamentavelmente, a notícia do corte não foi dada aos jogadores, tampouco explicada pelo treinador aos atletas não selecionados. Eles ficaram sabendo do fato quando não receberam o uniforme dado pelo roupeiro. Eram o lateral esquerdo B. e os volantes V. e V. Os jogadores não sabiam o que fazer, para onde ir, nem se deveriam ficar no vestiário do time. Enquanto isso, eles viam os demais se trocando e indo para o gramado iniciar o aquecimento físico. Foi uma cena triste de presenciar, ainda mais pelas circunstâncias em que receberam a notícia.

Fui até o treinador e expliquei a ele que os jogadores estavam bastante tristes e sugeri que ele desse uma explicação, um consolo aos jogadores cortados. G. me respondeu que não iria fazer isso: “cada jogador deve pensar o motivo por que foi cortado, eles que assumam as suas deficiências sozinhos. Quando eu era jogador era assim que funcionava, não tenho que ficar me justificando para eles”. G. entendia que dar uma explicação aos jogadores seria o mesmo que se rebaixar a eles, perder o comando do grupo, mostrar fragilidade emocional. Curiosamente, eu havia conversado com dois desses três jogadores na academia de musculação, e as suas queixas

eram justamente a falta de *feedbacks* do treinador. Isso mostrou a incongruência entre o discurso dos jogadores e o do treinador.

Eu não poderia conversar com os jogadores cortados naquele ambiente, então apenas trocamos olhares que expressavam sentimentos de lamentação.

Antes de a equipe entrar em campo para fazer o aquecimento físico, o treinador proferiu uma palestra aos jogadores. Orientou o posicionamento, salientou as principais jogadas do time, ressaltou a importância de não tomar gols e falou palavras de otimismo: “vamos deixar tudo o que é de ruim, o que já passou de ruim aqui no vestiário. É só levar as coisas boas para dentro de campo que vamos vencer”.

O time entrou em campo, realizou o aquecimento e voltou para fazer a oração. Logo em seguida, foram chamados pelo delegado da competição para entrar em campo oficialmente e cantar o Hino Nacional. No caminho para adentrar o gramado, o lateral esquerdo G. me deu um abraço e me agradeceu, falando baixo nos meus ouvidos sobre a conversa que havíamos tido. Antes do início da partida, eles novamente fizeram a “roda da vitória”. Todos os jogadores se reuniram no meio do gramado, abraçaram-se e falaram mensagens de apoio, incentivo, orientações uns aos outros. O Estádio Municipal estava repleto, e a torcida os aplaudiu com muito orgulho.

Tanto na primeira partida, esta de estréia, quanto na segunda, a nossa equipe iria jogar contra outras de menor expressão. Portanto, havia implícita a obrigação de vitória nos dois jogos. Já o último jogo seria contra uma equipe famosa, um Clube grande, e tenderia a ser o jogo mais difícil da nossa chave.

Assisti ao jogo num lugar do Estádio reservado às comissões técnicas e convidados especiais. Havia muitas emissoras de rádio e televisão cobrindo a partida. Os empresários esportivos e olheiros de grandes Clubes compareceram em grande número.

O primeiro tempo terminou empatado sem gols, e o jogo se caracterizava como difícil, de forte marcação e com poucas chances de gols para as duas equipes. No vestiário, tanto o treinador quanto o supervisor da equipe deram diversas broncas nos jogadores. Disseram que eles não estavam jogando o esperado, acrescentando palavrões. Foram diversas ofensas e ameaças disparadas aos jogadores: “agora é com vocês, se não jogar bem eu tiro com 3 minutos de jogo, não quero nem saber, são um bando de pipoqueiros”. Fiquei indignado com as condutas do treinador e do supervisor. Não faltava motivação ou empenho para os atletas. Estavam

jogando a partida da vida deles. Eles precisavam de orientações específicas, de ordem tática e técnica para vencer, não de xingamentos ou broncas.

No segundo tempo aconteceram os gols. O primeiro foi marcado pelos adversários, num grotesco erro do árbitro. O goleiro C. recebeu a bola dos adversários e ficou com ela em seus pés, sem agarrar com as mãos, por diversos segundos. Quando o atacante adversário chegou perto para ele repor a bola rapidamente ao jogo, nosso goleiro agarrou-a com as mãos. O árbitro entendeu que a ação de C. havia passado o tempo limite de posse de bola permitido a um goleiro, apenas seis segundos. Mas a regra exige esses seis segundos apenas quando o goleiro está com a bola nas mãos, e não nos pés. O resultado foi uma falta marcada no meio da área, tiro livre indireto, que resultou no gol adversário. Um erro crasso do árbitro poderia encerrar o começo da carreira de um atleta. Todos no Estádio estavam inconformados com a sinalização da arbitragem.

Mas nossa equipe teve forças e empatou o jogo poucos minutos depois. Até o final da partida, tivemos vários lances para vencer, mas que foram parados nas defesas do goleiro adversário.

Terminado o jogo, os jogadores voltaram desolados ao vestiário. Cheguei até o goleiro C. e lhe disse que a culpa do gol do time adversário não tinha sido dele. Todos tinham a consciência do fatídico erro de arbitragem. Ele me agradeceu e disse estar tranquilo para as próximas partidas.

O supervisor do time estava ao nosso lado e não gostou da minha fala ao jogador. Puxou-me pelo braço, bastante nervoso, e disse que não era mais para eu ajudar os jogadores com meu serviço de atenção psicológica. Eu deveria apenas acompanhá-los, observá-los, e justificou dizendo: “daqui para frente esses jogadores precisam levar umas bordoadas, estão muito acomodados, agora tem que ser no pau o negócio”. Eu nem contestei sua posição, devido ao seu estado de humor no momento. Fiquei calado para não criarmos atritos desnecessários.

Logo em seguida, ele e o treinador reuniram o grupo de jogadores, todos ainda com os uniformes, cabisbaixos, e alguns deles chorando. Disseram frases impronunciáveis aos jogadores, carregadas de humilhações, desvalias, coerções, xingamentos, violência verbal. Em alguns momentos, seguravam nos braços de cada jogador, olhavam na cara deles e os ofendiam. Terminaram aquele massacre dizendo que nenhum jogador estava liberado para ficar com as suas famílias naquele dia e que após o jantar haveria uma reunião na qual todos deveriam estar presentes.

A reunião da noite foi coordenada pelo supervisor das categorias de base. Novamente, num estado de humor bastante revoltado, ele iniciou a reunião gritando e ofendendo todos os jogadores; apontava com o dedo indicador para cada um deles e dizia que eles não tinham personalidade, caráter, responsabilidade. Eu senti que aquele seu discurso servia de mecanismo para ele extravasar a sua tensão frente à difícil partida, como se fosse uma necessidade de A. para conseguir ficar em paz. Sem exageros, o clima no vestiário e na concentração, durante a reunião, assemelhava-se ao de tortura, ilustrado em filmes que falavam sobre a Segunda Guerra e ditadura militar.

Após a descarga de sua raiva, ele retomou o seu tom normal de voz e iniciou um discurso dizendo que havia muitos empresários assistindo à Copa São Paulo. Ele tinha feito muitos contatos com essas pessoas para poder negociar os jogadores da nossa equipe: “você têm que ser vendidos, fazer carreira na Europa, jogar em times grandes, ficar ricos. Não podem jogar como jogaram hoje, foi a pior partida das suas vidas, vocês precisam vencer a próxima partida de qualquer jeito, pois senão ninguém vai querer comprar vocês”.

Depois de vender os sonhos aos jogadores, comunicou-lhes que não poderiam mais conversar comigo para uma atenção psicológica. Falou que eu iria apenas acompanhá-los de perto, mas sem fazer atendimentos. Explicou que o motivo daquela determinação era deixar os jogadores focados para a partida, sem pensar em mais nada, apenas no jogo, para não atrapalhá-los. Perguntou-me se eu queria dizer algo. Eu respondi que sim. Disse a ele e a todos os jogadores que, apesar de não concordar com os motivos que o fizeram tomar aquela medida, eu iria aceitá-la, pois, primeiro, respeitava a hierarquia do Clube e, segundo, eu estava lá para ajudar a todos. A partir do momento em que alguém não quisesse a minha ajuda, não teria sentido eu continuar. Diversos jogadores, de forma tímida, com medo do supervisor, tiveram a coragem de dizer que eu estava ajudando e muito. Depois concluí a minha fala evidenciando a importância da psicologia, dizendo que é uma ciência consolidada no mundo inteiro, e enfatizei que eles eram jogadores de muito caráter, personalidade e hombridade. Por fim, deixei evidente que iria respeitar a decisão, apesar de não concordar com ela.

Voltei para a minha casa arrasado. Sentia-me mutilado. Primeiro, foi a falta de comprometimento e interação do trabalho de psicologia com as demais atividades da comissão técnica; depois, o corte das reuniões em grupo, e agora a impossibilidade de ajudar os jogadores com o diálogo. Só me restaram as expressões faciais, as trocas de olhares empáticos.

O que fica claro para mim sobre essas questões é a necessidade que tanto o treinador quanto o supervisor da equipe têm de alienar o grupo de jogadores, para os seus domínios serem mais eficientes. A impressão que tive foi que esses descontroles emocionais, seguidos de ofensas, que até se caracterizam como assédio moral, são rotineiros em suas práticas de trabalho. Entendo que a minha presença fez com que os jogadores não se sentissem tão ameaçados e acuados, resgatando um pouco de autonomia e dignidade.

Eu fico com uma dúvida: essa maneira ostensiva, ditatorial e vexatória de lidar com os atletas surte efeito dentro de campo? Porque na vida, está evidente que não. Quando olho o currículo profissional dessas pessoas, não vejo títulos, grandes vitórias, apenas passagens por diversas equipes. E isso me dá muito medo, ao pensar em quantas pessoas estão sofrendo na vida ou tiveram as suas rotas interrompidas devido às condutas desses líderes. O sonho de uma vida melhor aprisiona essas pessoas-atletas, que se sujeitam a viver em campos de concentração legitimados pelo futebol. Hoje eu também perdi grande parte da minha autonomia.

3.26 Vigésimo sexto; 3.27 Vigésimo sétimo e 3.28 Vigésimo oitavo dias: Dias calados

Respectivamente, nesses dias tivemos atividades de recuperação física (piscina); treinamento físico (manhã e tarde); treinamento coletivo (manhã). O ambiente é de tensão e conformismo. Os jogadores não interagem como antes, estão mais calados, introspectivos e tristes. Eles me cumprimentam, eu os ajudo com os seus materiais esportivos e dosagem na suplementação nutricional. Temos conversas secundárias, não procuro me estender nos assuntos e nem ficar em meio a rodas de conversas. Apenas dois jogadores estão mais animados, são os goleiros reservas T. e M. Com o erro da arbitragem na hora do gol sofrido pela nossa equipe, eles entendem que o goleiro C. está com a titularidade ameaçada. Pois foi o que aconteceu com eles. Após os seus erros nos jogos amistosos, o treinador buscou novas opções na posição. Sinto que o goleiro C. também fez essa avaliação, pois está mais distante dos outros companheiros de metas. Uma pena eu não poder conversar com eles sobre essas disputas e ameaças.

Após o treinamento coletivo, o zagueiro e capitão A. me pediu uma conversa; eu disse que estava proibido de fazer atendimentos e lembrei-o da reunião que tivemos. Ele

lamentou e até sugeriu um diálogo escondido. Infelizmente, eu não aceitei e expliquei que seria uma situação de risco para nós. O goleiro C. treinou na condição de titular, portanto ele continuará defendendo o gol da nossa equipe no próximo jogo. Há um clima muito ruim entre mim e o supervisor. Evitamos nos falar, apenas nos cumprimentamos diariamente e nos esquivamos.

Como o treinador não tinha presenciado a reunião comandada pelo supervisor, no dia após o primeiro jogo ele me procurou dizendo que seria interessante eu ter uma conversa com o outro zagueiro do time, J., pois estava sentindo o jogador deprimido. Eu esclareci que naquela reunião o supervisor A. havia definido que não gostaria mais da minha participação com atendimentos psicológicos aos atletas. G. lamentou bastante: “você está vendo, há muita coisa errada aqui, e o A. confunde as coisas, prejudica todo mundo desse jeito”. A falta de sintonia entre todos os membros da comissão técnica era crítica. Senti que G. também era obrigado a tolerar as exigências e delegações que A. impunha e estava revoltado com isso, mas também sem saída. Essa sua queixa ia ao encontro da dos jogadores, quando me disseram que o treinador não tinha o livre poder para escalar o time.

Juntando as peças desse quebra-cabeça tão complexo, agora já consigo compreender como o universo da Copa São Paulo reflete se na realidade desse time ao qual estou vinculado. Propositadamente, o supervisor da equipe colocou para dirigir o elenco um treinador limitado nas suas competências estratégicas e comportamentais de liderança. Dessa maneira, ficou mais fácil para o supervisor A. e a empresa de assessoria esportiva, de que ele é funcionário, definir e comandar o elenco a fim de obter maior destaque para os jogadores cujos direitos federativos essa empresa detém. Os descontentamentos dos atletas sobre o sistema de jogo da equipe e a não valorização de suas opiniões comprovam a funcionalidade dessa hierarquia mascarada. O time não estava sendo montado para obter o melhor desempenho frente aos adversários, mas sim para revelar e vender determinados jogadores e com isso obter lucros.

3.29 Vigésimo nono dia: Segundo jogo, uma vitória triste

Hoje aconteceu o segundo jogo da nossa equipe. Foi imposta aos jogadores a obrigação de vitória e esta com um placar extenso. Nossos jogadores iriam enfrentar a equipe que

era considerada a mais fraca da chave. Eles precisavam vencer a partida por um placar numeroso e assim tentar a classificação na última rodada, através dos critérios de desempate estabelecidos na competição, como o saldo de gols e gols marcados. Esses dados foram passados a eles na palestra que o treinador proferiu antes do início do jogo. Novamente, antes do começo da partida, os jogadores realizaram a “roda da vitória” no meio de campo.

Os jogadores correram e disputaram os lances com bastante afinco e conseguiram a vitória por 1 gol a 0. Voltaram extremamente felizes e eufóricos ao vestiário, afinal, aquela era a primeira vitória deles na competição e sabiam do trabalho que tinham tido para conseguir esse êxito. Seus familiares estavam orgulhosos nas arquibancadas do Estádio. O placar elástico não foi possível, portanto, seria necessária uma vitória no último jogo da chave, contra um time grande, para eles continuarem na Copa São Paulo, senão seriam desclassificados.

Esperava-se o mínimo de apoio por parte do treinador e do supervisor da equipe após a vitória. No entanto, rapidamente vi o sorriso dos jogadores se transformar em lágrimas e desilusão. Novamente eles foram massacrados verbalmente, pois não tinham vencido a partida por goleada, e só foram apontados os erros e as deficiências que tiveram durante o jogo. Aquele era o momento de incentivá-los, para a equipe evoluir, crescer e chegar confiante ao próximo jogo, o mais importante, o da possível classificação. Alguns diretores e o médico da equipe repudiaram os discursos do treinador e do supervisor. Chegaram a exclamar em tom alto que não eram procedentes aquelas condutas desesperadas.

Os jogadores foram arrasados para o ônibus que nos levaria de volta à concentração. Eu costumava me sentar logo nas primeiras poltronas do veículo. Cada jogador que passava por mim exclamava no olhar o sentimento de desconsolo e o pedido de ajuda. Meu único recurso restante era compreendê-los através das minhas expressões faciais e olhares empáticos. Pensei naquele instante em acender o estopim de um manifesto, de repúdio aos maus tratos que estávamos sofrendo e até em exigir a saída do treinador e do supervisor da equipe. Sentia que essa era a maior vontade dos jogadores. Mas não tive essa coragem, abaixei a cabeça e resolvi esperar o futuro. Pesei o fato de isso ser prejudicial à minha carreira, pois sou um jovem psicólogo, preciso melhorar as minhas práticas, estudar mais, compreender melhor essa minha vivência. Espero, com o passar dos anos, quando estiver mais maduro, repensar o que faria naquela situação. Quando as pessoas não estão dispostas ao diálogo, ao conhecimento, toda a relação se perde. Esta pesquisa tem caráter terapêutico para mim, pois ao narrar as experiências

diárias, eu expresso os meus sentimentos, ouço-me, re-significo o meu trabalho e a minha vida, sinto-me compreendido ao pensar que em breve alguém lerá estes relatos.

3.30 Trigésimo dia: Drogas

Os jogadores tiveram o período da manhã destinado ao descanso. À tarde, eles foram até a academia de musculação realizar um trabalho físico, leve, para regenerar a musculatura.

Notei a ausência de quatro jogadores do elenco, os meio-campistas J. e R. (a “dupla dinâmica”) e os atacantes L. e R. Perguntei sobre eles ao preparador físico da equipe, ele me chamou de lado e contou-me um terrível episódio que acontecera naquela manhã na concentração.

Na madrugada do dia de ontem, esses atletas começaram a usar drogas (maconha) na frente dos demais companheiros de equipe. O zagueiro e capitão do time A. não tolerou aquele comportamento, assim como os outros jogadores. Pediram para eles pararem o ato, mas não foram atendidos. A. conversou com cada jogador e, na manhã de hoje, chamou o supervisor da equipe e o diretor na concentração. Explicou o que havia acontecido na madrugada e disse que, se aqueles atletas não fossem afastados do time, os demais iriam embora.

O diretor e o supervisor acataram a decisão do grupo, liderada por A., e afastaram os quatro atletas que usaram drogas. Para a imprensa e a sociedade local, foi comunicado que alguns jogadores foram afastados porque estavam sendo negociados com Clubes de maior expressão, e outros porque estavam com sérios problemas de lesão muscular.

Na academia, os jogadores pareciam assustados, tensos. Alguns outros atletas também não compareceram, preferiram ficar descansando na concentração, depois do trauma que tiveram. Não tive a oportunidade e a liberdade de conversar com os jogadores que utilizaram drogas, nem com o capitão A., que liderou o movimento.

Realmente, era sabido que o meio-campista J. e o atacante L. estavam sendo negociados com empresários que tinham ligação com o futebol europeu. Mas permaneço em dúvida sobre os motivos que levaram aqueles jogadores a consumir entorpecentes: dependência

química; pedido dos empresários para eles cometerem ações não aceitáveis, e com isso serem liberados de forma mais fácil pelo Clube e comprados por valores baixos; resposta e revolta frente às imposições do treinador e do supervisor; sentimentos autodestrutivos, reflexos também das condições de vida que estavam tendo.

Sinto-me amarrado. Vejo que todos esses conflitos poderiam ter sido evitados se eu tivesse um trabalho integrado com o restante da comissão técnica, se compartilhássemos valores e objetivos. Mas nunca houve esse interesse. A não valorização desse meu propósito, o descaso, o empecilho às reuniões em grupo e, agora, aos meus atendimentos individuais, deixaram os jogadores à deriva, sem direção, isolados. Hoje cheguei a pensar se não é melhor a equipe perder o último jogo, cair fora da competição e encerrar o terror em que estamos vivendo.

3.31 Trigésimo primeiro; 3.32 Trigésimo segundo e 3.33 Trigésimo terceiro dia: Um novo time, filmes

O episódio de drogas na concentração e o afastamento de quatro jogadores, sendo três titulares, refletiram significativamente no grupo. Vejo alguns atletas mais felizes, principalmente o volante E., aquele que não pôde passar o Natal com a sua família. Eles estão vendo que irão jogar o último jogo classificatório da Copa São Paulo, pois são os reservas imediatos dos jogadores que foram excluídos. No meio de todos esses conflitos, renasceram esperanças. Considero essa uma prova significativa da tendência da pessoa-atleta em se atualizar para o crescimento.

Com a ausência daqueles jogadores, nos treinamentos coletivos, eu e o auxiliar técnico da equipe estamos complementando a equipe reserva. Não temos as mesmas capacidades físicas e habilidades dos jogadores, mas procuramos correr ao máximo e nos posicionar adequadamente a fim de ajudar o treinamento dado por G. É uma nova percepção que estou adquirindo. Compreendo melhor os jogadores quando eles falam da tática de jogo, da técnica, pois as tenho vivenciado, treinando nestes dias. Entendi totalmente a noção de cobertura da defesa que o zagueiro J. havia me relatado, pois joguei no ataque, e ele fazia o balanço necessário para a defesa se postar com bom desempenho.

No final do último treino, que antecedeu o último jogo da etapa de classificação, o zagueiro E. e o lateral R. me pediram para que eu trouxesse um filme, de caráter motivacional, para eles assistirem na concentração. Eles consideravam que um filme que contemplasse as necessidades emocionais evidenciadas seria significativo para o bem-estar deles na hora do jogo.

Eu gostaria de ter trabalhado um filme com eles e com os demais jogadores. Passaria um filme de acordo com a demanda que eles me trouxeram e depois faríamos uma reunião para debatermos as nossas vivências em relação ao conteúdo do filme. No entanto, isso era impossível de acontecer, devido às restrições que me foram colocadas. Então eu me comprometi a simplesmente trazer-lhes um filme inspirador.

O supervisor da equipe estava ao nosso lado e interveio no pedido. Falou que tinha um bom filme na sua casa e iria levar aos jogadores. O zagueiro E. não gostou da sua atitude invasiva e dirigiu-me a fala: “então, Bruno, à noite você traz para mim o filme que a gente pediu, por favor”. Eu respondi que sim, mas senti que o supervisor A. estava querendo medir forças ou me cercear até com a sugestão de um simples filme.

No começo da noite, levei para eles dois filmes, que considerava interessantes, cujos enredos falavam sobre Esporte e que talvez pudessem ajudá-los: *Um Domingo Qualquer* e *Rocky VI*. Quando entrei na concentração, vi que metade do grupo de jogadores estava na sala assistindo ao filme que o supervisor havia trazido. Fui até o quarto do zagueiro E. e do lateral R. e entreguei-lhes os filmes que eu tinha escolhido. Eles me agradeceram e disseram: “você viu a palhaçada que o A. fez, mandou a molecada assistir o filme que ele trouxe, nada a ver, professor, filme evangélico, vê se pode?”. Eu pedi a eles para relaxar, só pensar na partida de amanhã, e desejei-lhes boa sorte.

Voltei para a minha casa indignado com o fato. Estou impossibilitado de exercer a minha atividade profissional, não posso dar apoio para as pessoas que pedem a minha ajuda. E agora, não bastando, o supervisor A. parece querer medir forças, ou me assediar moralmente. Tomara que o filme que ele escolheu seja frutífero para o jogo de amanhã.

No futuro, penso em escrever-lhe uma carta, dizendo o quanto ele e o treinador têm prejudicado a vida dos jogadores. O que mais dói em mim é o fato de saber que muitas carreiras serão interrompidas, não pela falta de capacidade dos atletas, mas sim pelos procedimentos aos quais foram submetidos, e sei que as consequências dessa frustração podem ser graves para a saúde mental de todos.

3.34 Trigésimo quarto dia: Jogo final. A minha vida não termina aqui

Hoje aconteceu o último jogo da equipe na Copa São Paulo. Fomos desclassificados. Jogamos contra um time grande e muito bem estruturado. Perdemos por 3 a 2. Foi um jogo muito bonito e emocionante. A torcida lotou o Estádio, e o jogo foi transmitido em rede nacional de televisão. Os jogadores fizeram a “roda da vitória” no meio de campo antes do jogo começar.

Antes da partida, a palestra dada pelo treinador aos jogadores foi pífia: “nem vou falar muita coisa, vocês sabem o que têm que fazer, têm que ir lá e ganhar o jogo, com raça, com vergonha na cara. Esta é a última chance de vocês. Porque a gente sabe que se vocês não ganharem, amanhã muitos de vocês serão empacotadores de supermercado, serventes de pedreiro, lixeiros e por aí vai. Então não deixem para amanhã o que podem fazer hoje, é o jogo da vida de vocês”.

Em nenhum dos jogos que realizamos, inclusive este, tivemos jogadores expulsos ou cometemos faltas desnecessárias. A equipe jogou consciente e foi prudente nas divididas, comportamento que atribuo ao que foi debatido na reunião de Grupo de crescimento.

Com a derrota, os jogadores retornaram ao vestiário num clima de luto, de profundo sofrimento, muitos choravam soluçando. O treinador e o supervisor não falaram nada, ficaram no canto do vestiário, um ao lado do outro, com a cabeça abaixada. Os jogadores fizeram uma roda, abraçaram-se e fizeram uma oração. Terminada a oração, o lateral direito R. pediu a palavra, elogiou todos os jogadores, agradeceu a todos pelo convívio, citou o meu nome, o nome do preparador de goleiros, o do preparador físico e o do massagista, agradeceu somente a nós pela ajuda prestada e finalizou com uma frase que jamais vou esquecer na minha vida: “A minha vida e nem a de vocês termina aqui. Nós temos capacidade e nós vamos continuar lutando para vencer”.

Esta frase eu considero como símbolo do meu trabalho. É a prova mais concreta de que o trabalho de psicologia, orientado pela visão humanista de mundo, homem e sociedade, é possível e salutar no Esporte. Falarei mais sobre isso na discussão dos resultados.

Depois, cada jogador tomou banho, arrumou-se e voltou para casa com as suas

famílias. Não tivemos tempo de uma reunião para nos despedir e discutir o que vivemos nos períodos de preparação e disputa da Copa São Paulo.

Muitos jogadores ainda mantêm contato comigo, através de telefonemas e internet. Estão jogando profissionalmente ou tentando firmar-se na carreira. Outros já pararam de jogar futebol. O treinador e o supervisor não estão mais na equipe, mas continuam trabalhando com futebol em outros Clubes. O Clube não renovou o contrato com a empresa de assessoria esportiva para os anos seguintes.

IV DISCUSSÃO DOS RESULTADOS “A minha vida não termina aqui”

Depois da apresentação e compreensão de todas as vivências psicológicas que foram relatadas nos resultados deste trabalho é chegado o momento de refletir sobre o meu papel de psicólogo humanista no Esporte. A primeira pergunta que me faço e que geralmente as pessoas fazem quando vão buscar ajuda psicológica é: o meu trabalho ou o trabalho de um determinado psicólogo é bom ou ruim?

Esta minha preocupação, diante da pergunta levantada, também aguçou as inquietudes de Rogers quanto à modificação da personalidade quando o cliente se submete ao atendimento psicológico. Ele chegou a desenvolver estudos experimentais para poder medir as alterações na personalidade das pessoas que buscavam ajuda psicológica. O exemplo mais notório da sua investigação foi a utilização de um construto chamado de “técnica Q”, desenvolvido pelo psicólogo inglês William Stephenson. Rogers e seus companheiros de pesquisa fizeram uso desta técnica para mensurar a mudança do auto-conceito da pessoa antes, durante e depois de fazer terapia. Eles tinham a hipótese de que durante e após a terapia dar-se-ia um aumento da congruência entre o eu, tal como é captado pelo cliente, e o cliente tal como é visto por quem faz o diagnóstico. Isto foi comprovado, houve o aumento da congruência entre o eu como é captado pela cliente estudada e a cliente como é vista pelo diagnosticador.

Entendo que os meus atendimentos psicológicos não se caracterizaram como terapias, pois estas envolvem um processo sistemático, longínquo e peculiar da clínica psicológica. O que fiz foi dar uma atenção psicológica, orientada pelos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa, a fim de ajudar os jogadores e a comissão técnica do time de acordo com as demandas trazidas por eles. Este serviço prestado foi benéfico somente aos jogadores, mas de pouca valia ao treinador e ao supervisor.

Voltando a minha pergunta inicial, ser bom ou ruim significa dizer que a ação terapêutica do profissional costuma dar resultados positivos ou negativos. Mas a polaridade destes varia conforme a subjetividade de cada um ou de cada grupo. Em alguns congressos de Psicologia do Esporte que já fui; em algumas leituras que realizei, as quais se afiguravam definições sobre esta ciência esportiva; e opiniões de cunho popular (torcidas e imprensa esportiva) constatee afirmações de que a Psicologia do Esporte garante o sucesso de equipes e

atletas nas competições. Já vi psicólogos do Esporte apresentando como resultados de seus trabalhos as vitórias das equipes das quais fizeram parte. Se eu for entender o meu trabalho com esta visão funcional o avalio como ruim, pois dos 12 pontos disputados na primeira fase, conseguimos apenas 4 deles (1 empate, 1 vitória e 1 derrota). A equipe não se classificou para as fases eliminatórias e nem foi campeã.

Ainda sem olhar para as pessoas que tive a oportunidade de ouvir, conviver e ajudar analiso que é importante embutir neste meu pensamento autocrítico o que considero ser significativo em termos de potencialidade terapêutica. Para isto preciso me orientar e me desenvolver pelos pressupostos filosóficos da abordagem que faço uso. Foi alicerçado nestes saberes que as minhas atitudes psicológicas surgiram. No livro “Psicoterapia e Consulta Psicológica”, Rogers debate sobre eficácia e conduta terapêutica.

O ponto de vista não diretivo confere um grande valor ao direito que todo indivíduo tem de ser psicologicamente independente e de manter a sua integridade psíquica. O ponto de vista diretivo confere um alto valor ao conformismo social e ao direito do mais apto dirigir o menos apto. Estas perspectivas têm uma relação importante tanto com uma filosofia social e política como com as técnicas de terapia. (ROGERS 2005, p. 128).

Portanto, entendo que o papel do psicólogo do Esporte e da Psicologia do Esporte não é o de limitar uma pessoa aos seus resultados esportivos, mascarar as suas capacidades ou a falta delas e condicioná-las apenas para a melhor ação motora na competição. Pelo contrário, deve acompanhá-la no resgate de sua aceitação, ser quem realmente ela é; ajudá-la a buscar o seu autoconhecimento e a valorizar as suas características. Pela minha formação e pelo que vivenciei em campo compreendo que a melhor maneira de ajudar a pessoa no Esporte é centrar-se nela; o foco do trabalho de um psicólogo esportivo deve ser a pessoa.

Continuando na busca de responder a minha pergunta inicial penso na pessoa do treinador da equipe. Volto a destacar uma de suas falas: “- *futebol é adaptação*”. Avalio que não fui um bom psicólogo para ele, pois quando atendi aos pedidos desesperados de ajuda vindo dos jogadores, concomitantemente eu negava esta máxima dita pelo treinador. Eles queriam ser ouvidos. Percebi que eu estava frente a um conflito filosófico, ético e de relacionamento humano. Certamente G. esperava que eu o ajudasse com a adaptação dos jogadores ao seu sistema de liderança. Neste caso a palavra adaptação sugere fazer com que um indivíduo ou o grupo se conforme, obedeça e se aproprie acriticamente dos valores, teorias, estratégias e comportamentos

de um sistema ou da pessoa que esteja em posição de superioridade.

Neste contexto, adaptação virou antônimo de emancipação. As melhores formas para adaptar os jogadores envolveriam algumas atitudes: evitar o processo de autoconhecimento nas nossas conversas; não acreditar na potencialidade humana orientada para o crescimento, presente em cada um deles; estancar os sintomas psicológicos derivados do regime imposto pelo treinador, através do uso de técnicas psicológicas específicas; identificar os atletas cujos perfis predispussem maior tolerância ao programa.

Caso eu tivesse estas atitudes psicológicas eu estaria negando a minha subjetividade, a minha ética. Seria incongruente com a minha formação, com os pressupostos que confio. Inicialmente fiquei com a esperança deste conflito não ser tão severo e o tempo ser um grande aliado. Tinha o sonho de que G. refletisse que era preciso ouvir e confiar nas verdades dos jogadores. Abusei de eufemismos: preservava o conteúdo das falas dos jogadores, as filtrava e as transformava em conselhos. Expectativa minha frustrante, de melhorar a sua relação com os jogadores e a qualidade de seu treino. Apesar do meu esforço em compreender G. não era isso que ele esperava de mim. Avalio que para G. eu não fui uma boa ferramenta para colocar nos eixos os seus jogadores. Desse modo, os meus conselhos, carregados de experiências intersubjetivas que tive com os jogadores, eram pouco significantes para ele. Também não senti a prestação de G. em relação ao meu serviço. Alterquei que fazia parte da sua cultura esportiva não valorizar este tipo de perito.

É importante dizer que há no Esporte de alto rendimento a predominância da unilateralidade de transmissão de procedimentos pedagógicos, por parte dos líderes e das instituições. A figura do psicólogo passa a ser ameaçadora quando ele não se sujeita a ser um mero catalisador dos ideais do treinador em detrimento aos jogadores. Na minha primeira reunião em grupo com os jogadores deixei evidente que o trabalho de Psicologia não se destinava somente para as pessoas que tivessem algum sofrimento psíquico, expus a relevância do processo de autoconhecimento. Todavia senti que em muitos dos meus atendimentos os jogadores se colocavam na posição de “doentes”. E atribuo a esta perspectiva o sentido psicológico de dizer “-olha professor, esta adaptação não é congruente com a nossa subjetividade e nos prejudica”. Esta realidade é desafiante para os psicólogos da Abordagem Centrada na Pessoa. Vejamos que há um confronto entre a citação abaixo e o contexto esportivo mencionado:

Se adotarmos a perspectiva de que o ser humano tende ao seu crescimento pleno e o busca, a matéria básica da terapia deixa de ser identificada aos recursos do terapeuta e passa a consistir na tendência e na potencialidade, que existem no ser humano, para a auto-realização. Assim como em todos os seres vivos, este substrato fundamental requer condições externas para sua sobrevivência, seu desenvolvimento adequado e também para seu aperfeiçoamento máximo [...]. No caso do ser humano, uma dependência marcante se estabelece em relação ao afeto, ao conforto, à avaliação, ao reconhecimento, etc., que outras pessoas podem lhe dar. É indiscutível que a qualidade e a intensidade destas “ajudas” ao crescimento perfeito sejam falhas para todos os seres humanos. Sabe-se que, em muitos casos, estas lacunas podem provocar estados patológicos em graus e tipos variáveis. (ROSENBERG 2008, p.61)

Não estou afirmando que a Abordagem Centrada na Pessoa é uma corrente psicológica inválida para o Esporte de Alto Rendimento, pelo que ele se caracteriza e predomina atualmente. Também não estou impondo diretrizes as quais o treinador ou qualquer líder e instituição esportiva devam ter com seus atletas. Como vimos na introdução deste trabalho, para a Psicologia Humanista o ser humano se constitui através das suas relações. Melhorá-las e preveni-las pode ser de nossa responsabilidade, quando alguém nos pede ajuda. Prioritariamente agi para que as conseqüências da péssima qualidade das relações entre o treinador e os jogadores e entre o supervisor e os jogadores não tivessem agravantes mais severos. Avaliei que os pedidos de ajuda feitos pelos atletas jamais poderiam ser negados. Tenho a consciência de que toda aquela vivência esportiva será levada para outras esferas das suas vidas. Eles eram a população que carecia de maior atenção; adolescentes; fase marcada por descobertas pessoais, processos significativos de identidade. Virar as costas para eles seria o mesmo que convir para possíveis incongruências nas suas personalidades.

Contudo, a Abordagem Centrada na Pessoa me fez ir além do que era esperado pelo treinador e pelo supervisor da equipe. Se eu fosse uma espécie de “fisioterapeuta psicológico”, entendo que o meu papel para eles seria grandiloquente. Eu faria uma “atadura emocional” no jogador que acabara de sofrer lesão, no intuito de colocá-lo rapidamente de volta a rotina dos jogos e treinamentos. Apenas amenizaria os conflitos psicológicos oriundos das adaptações provocadas pelo treinamento imposto e de qualidade não participativa. Um contribuinte para a alienação necessária. Eu já presenciei alguns tipos de trabalhos psicológicos no Esporte com este caráter. O modo de escuta psicológica a qual fui formado eticamente me impossibilitou de ter essa conduta.

Na terapia centrada no cliente, nossa teoria é que na segurança psicológica da relação terapêutica o indivíduo é capaz de aceitar na sua consciência sentimentos e experiências que normalmente seriam reprimidos ou negados à consciência. Essas experiências anteriormente recusadas são agora incorporadas ao eu. (ROGERS 2009, p. 272)

Ao centrar-me na pessoa atleta estava implícito que eu confiava totalmente na sua capacidade de se autodeterminar; era um exercício de autonomia. O jogador tinha a liberdade de vivenciar durante os nossos encontros os sentimentos que experienciava nos treinamentos, nos jogos, nas relações com companheiros e com a comissão técnica. Fazia isso, pois tinha uma relação desprovida de ameaças. Pelas suas narrativas reorganizava o seu auto-conceito. Isto o possibilitava a uma melhor compreensão da totalidade de sua experiência. E a partir dela agia de forma mais consciente e autônoma.

Então chegou o momento de avaliar o meu papel com os jogadores e procurar refletir se as minhas atitudes psicológicas tiveram algum efeito que fosse capaz de promover mudanças psicológicas benéficas. É interessante ilustrar este meu levantamento pelo encontro da fala de Rogers com a do jogador R.

Assim, nas situações em que um membro está mostrando um comportamento nitidamente patológico, conto mais com a sabedoria do grupo do que comigo e fico, freqüentemente, profundamente espantado com as capacidades terapêuticas de seus membros. [...]. Leva-me a pensar no inacreditável potencial de ajuda que reside, habitualmente, na pessoa não treinada, desde que tenha a liberdade para aplicá-lo. (ROGERS, 2009 p.68)

Logo após a derrota para o time grande os jogadores voltaram para o vestiário, se abraçaram e pela última vez formaram a roda. Fizeram a oração e o jogador R. iniciou o desabafo. Uma de suas frases foi inesquecível a todos: “- *A minha vida e nem a de vocês termina aqui*”. Quando eu escutei esta frase e até hoje quando penso nela me vem o sentimento de que o meu trabalho com os jogadores valeu à pena, foi significativo para uma mudança orientada ao crescimento.

O treinador e o supervisor da equipe, calados num canto do vestiário, também ouviram. Certamente, muitos jogadores que estavam no vestiário chorando e soluçando naquela roda, tinham, em parte, comprado a ideologia que fora vendida a eles, de que quando acabasse a Copa São Paulo, se eles não jogassem bem para ser revelados, as suas vidas estariam arruinadas. Eles não teriam valia, serventia e o amor das suas famílias e da sociedade.

Foram os próprios jogadores que se organizaram, se abraçaram, iniciaram a oração e depois conversaram. Partiu deles esta necessidade. O desespero de alguns, provavelmente ali iniciando comportamentos patológicos foi acolhido pela consciência de outros. A potencialidade terapêutica que teve aquela roda e principalmente a fala de R. é incomensurável. Difícil descrever a atmosfera daquele ambiente e a transformação visível nos semblantes dos jogadores.

Isto aconteceu porque ao longo dos períodos de treinamento eles foram vivenciando o lado adaptativo e lado da aceitação positiva incondicional (em grupo e nos atendimentos individuais). Eu não vi em seus jogos deficiências técnicas, táticas e físicas provenientes de fatores psicológicos. Jogaram o máximo que puderam, de forma grandiosa e tinham consciência dos seus desempenhos. Até hoje eu me questiono: se eu não estivesse lá com eles, quais as conseqüências psicológicas que uma desclassificação poderia acarretar na vida de todos, devido aos procedimentos que foram submetidos?

Interessante notar o desenvolvimento do grupo ao longo dos encontros, apesar de terem sido poucos. Começamos nos conhecendo e falando quem somos como pessoas. Depois partimos para uma ação estratégica, trabalhamos nossas vivências para não cairmos nas armadilhas dos adversários, em lances de violência dentro de campo. Evitaram os cartões, as faltas desnecessárias e não reagiram as provocações. O grupo já sentia que o diálogo sincero, num clima de total liberdade era favorável para eles crescerem. Viram resultados de seus diálogos dentro de campo, nos jogos amistosos e oficiais. Desenvolvendo-se ainda mais chegou um dia que eles tomaram conta da situação e até definiram o tema a ser debatido em grupo. Simplesmente os acompanhei e criaram o que denominaram de “roda da vitória”. Pelo clima de aceitação positiva incondicional, favorável em nossos encontros, viram que eram capazes de se autodeterminarem e sentiram que deveriam confiar nas suas reais características. Tinham a consciência de que seria um processo doloroso, paradoxal a adaptação, mas necessário. Impressiona-me o fato de Rogers escrever sobre o desenvolvimento grupal há muitos anos atrás e as suas falas se encaixarem perfeitamente com o que foi vivido por todos nós.

[...] esperamos que o processo de grupo seja doloroso, se isso conduz a um crescimento – na verdade acreditamos que todo o crescimento é tão agitado e perturbador quanto satisfatório. Não acreditamos na experiência do grupo, por mais elevada que seja, como um fim em si, mas achamos que o seu significado mais importante reside na influência que tem sobre o comportamento, mais tarde, fora do grupo. (ROGERS 2009, p.82)

É significativo compreender que a fala de R. e o diálogo dos demais atletas só aconteceu quando houve a desclassificação, isto é, o fim da adaptação. Ali no vestiário, eliminados, portanto, despedidos, sentiram-se totalmente libertos. Mas libertos com conteúdo, consciência e autonomia, porque também haviam vivenciados processos de autoconhecimento e valorização humana. Demonstraram que respeitaram a hierarquia de comando de um Clube até o momento final. Buscavam apenas a melhora das suas relações: serem respeitados, ouvidos, valorizados. Pelos atendimentos prestados viram que estas buscas não são algo utópico no Esporte, fora desta cultura ou acontecimentos anormais. Sentiram que não precisavam negar as suas características para renderem ao máximo.

Os processos de grupo e de atenção individual foram extremamente dolorosos, mas tenderam ao crescimento. Os jogadores se desenvolveram enquanto grupo e pessoas. Saiu daquele vestiário triste pela desclassificação e ao mesmo tempo feliz, porque o que foi compreendido por todos, em níveis conscientes, será levado para outros setores da vida. Volto a destacar a frase de R., ele fala que a vida dele e dos demais jogadores não terminava ali. Poderia ter usado a expressão carreira, futebol, trajetória esportiva; mas não, houve a percepção e o englobamento do todo; a vida, o vivido.

Infelizmente só fui tomar conhecimento da pífia realidade do universo do futebol brasileiro na fase final de meu trabalho. Tivemos um supervisor com um comportamento totalmente inadequado, ignorou a realidade daqueles jogadores, para somente satisfazer as suas; visou puramente o interesse mercadológico e financeiro. Foi além, traiu a empresa de assessoria esportiva que representava e começou a fazer outras conexões com empresários esportivos na tentativa de lucrar mais. Dentro desta sua fantasia, ele sabiamente escolheu um treinador até então incapacitado. Desse modo o supervisor poderia suggestioná-lo facilmente e definir a melhor tática e as principais estratégias para os seus jogadores específicos serem valorizados e vendidos.

Passei meses refletindo sobre os comportamentos do treinador e do supervisor. Rogers (2005) diz que o propósito da não diretividade baseia-se em acreditar que a pessoa tem a liberdade para escolher os seus próprios fins na vida, mesmo que estes sejam divergentes daqueles escolhidos pelo psicólogo. Isto era intrigante para mim, porque ao compreender este pensamento de Rogers eu subentendia de que as condutas do treinador e do supervisor pudessem ser congruentes e até mesmo construtivas.

Fui atrás de mais leitura. Nos últimos anos de sua existência Rogers se dedicou

a promover a paz, ajudar na resolução de conflitos políticos entre países. Inclusive foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz. Num dos seus livros “Sobre o Poder Pessoal” (Rogers, 2001) ele escreveu um capítulo que foi esclarecedor para o meu entendimento, “Uma base política: a tendência à realização”.

Quando lemos sobre a teoria de Rogers corremos o risco de termos uma interpretação equivocada ao considerarmos a natureza humana; principalmente quando estudamos sobre a tendência atualizante. Esta energia orientada ao crescimento, que está presente em todos nós, não pode ser confundida como sendo um valor moral, de bondade. Ela é uma motivação do organismo que regula as potencialidades da pessoa frente as suas relações com o meio. Também não cabe o conceito de homeostase na teoria de Rogers. O indivíduo não é estanque. Ele não se conforta e nem se desenvolve num estado de platô. A tendência atualizante gera um desequilíbrio constante que impulsiona o indivíduo ao crescimento. Ele sempre estará buscando algo para se desenvolver.

Contudo, este desenvolvimento não significa fazer o bem. O centro da pessoa é sempre construtivo e não destrutivo. O que interfere é a possibilidade que o meio e as pessoas dão ao indivíduo para ele se desenvolver. Se houver a oportunidade de conhecermos o cerne das pessoas cujas condutas não são adequadas para viver numa sociedade que clama pela paz, veremos no seu interior que ela gostaria de viver em harmonia, pois a sua essência é construtiva.

Não consegui ter esse contato interior com o supervisor da equipe. Já com o treinador avalio que cheguei mais perto, pois em alguns momentos dialogamos sobre as relações as quais estávamos subordinados, também a uma adaptação. Posso afirmar que a tendência a atualização deles não estava orientada para um funcionamento pleno e saudável. Sentia que o passar dos anos no futebol fez com que eles cristalizassem os seus comportamentos, agiam defensivamente e sem fluidez.

A alienação, tão comum entre o ser humano e seus processos orgânicos direcionais, não é uma parte necessária de nossa natureza. É, ao invés disso, algo aprendido, e aprendido em alto grau em nossa cultura ocidental. É caracterizado por comportamentos guiados por conceitos e construtos rígidos, interrompidos, às vezes, por comportamentos guiados pelos processos orgânicos. A satisfação ou consecução da tendência realizadora tornou-se bifurcada em sistemas comportamentais incompatíveis, podendo, um deles, ser dominante em um momento, e o outro, em outro momento, mas à custa de um contínuo esforço de tensão e ineficiência. Esta dissociação, que existe na maioria de nós, é padrão e a base de toda a patologia psicológica da humanidade, como também a base de toda a patologia social. (ROGERS 2001, pg. 179)

Assim a melhor forma para não evocarmos esta dissociação nas pessoas é ajudarmos na compreensão do seu mundo subjetivo, dos seus sentimentos e dos sentidos que elas dão as suas vivências. O indivíduo unificado é lúcido, consciente e está disposto a se autodeterminar. Quando R. falou que a sua vida e a dos jogadores não terminava ali, esta unidade estava presente e o jogar futebol transcendeu para um sentido global, a vida.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro conhecimento gerado por esta pesquisa foi o meu crescimento enquanto psicólogo. Na realização deste trabalho aprendi muito sobre pesquisa qualitativa, Abordagem Centrada na Pessoa, fenomenologia. Re-signifiquei meus atendimentos, tive maior percepção daquele contexto e com isto maior compreensão. Mudou a minha maneira de olhar o Esporte e a Psicologia do Esporte. Reflito que é possível humanizarmos o treinamento desportivo sem perder a qualidade dos resultados práticos, voltados à tarefa do jogo. Pelos relatos contidos neste trabalho estou convicto que os jogadores clamam por esta proposta. Fiquei surpreso, pois inicialmente achava que a população com maior chances de rejeitar o meu trabalho fossem eles.

Entendo que o material gerado neste estudo torna-se uma importante referência para todos aqueles que quiserem conhecer os detalhes, as nuances de como se dá um trabalho de atendimento psicológico no Esporte e o cotidiano de uma equipe submetida ao processo de treinamento desportivo, que visa à disputa de uma competição importante. Não elaboro esta questão no sentido deste ser um trabalho ideal, perfeito, exemplo a ser seguido daqui para frente; mas na perspectiva de todos conhecerem a experiência do vivido dos jogadores, da comissão técnica e do psicólogo esportivo. Os pesquisadores poderão usar muitos dos dados apresentados nos resultados desta pesquisa para desenvolverem outros estudos. Pensarem, criticarem, desenvolverem sobre a conduta de um psicólogo esportivo. Isto melhorará a qualidade das práticas psicológicas esportivas, além de acolher as necessidades psicológicas dos atletas e das comissões técnicas.

Esta pesquisa pode sugerir outros estudos conseqüentes a ela e interdependentes. Como o caso de futuramente encontrarmos os seus participantes para um novo relato. Sabermos o que significou para eles esta experiência. O que isto refletiu nas suas vidas. O que estariam eles fazendo depois de 5 ou 10 anos? Trabalharíamos temas relacionados à exclusão no Esporte, liderança, relacionamento interpessoal, valores gerados entre outros.

Também serve de referência para os estudiosos da Psicologia Humanista desenvolver a teoria no Esporte. Rogers levou a Abordagem Centrada na Pessoa para outras esferas além da Clínica, como a Educação e os conflitos diplomáticos. Hoje vejo o seu

desenvolvimento na área Organizacional, Hospitalar, da Psicologia Infantil e Saúde Mental. O Esporte é mais uma abrangência desta conduta ética. Penso que a Psicologia do Esporte não pode se enraizar numa só linha de personalidade. A diversidade de correntes psicológicas é salutar para a Psicologia Clínica, pois a todo o momento surgem críticas que obriga esta área a se aprimorar. Na Psicologia do Esporte não pode ser diferente. A discussão de procedimentos, visões do fenômeno esportivo, sob a luz de teorias psicológicas, gera conhecimento crítico e evolução.

Importa-me ressaltar a oportunidade que me foi concedida pelo Professor Doutor Pedro José Winterstein de realizar esta pesquisa. Ele não esteve fechado a uma determinada linha de pensamento psicológico para estudar o Esporte. Esta sua ação possibilitou a construção de uma nova proposta de atenção psicológica esportiva. No decorrer do meu curso de mestrado tive sérias dificuldades para encontrar estudos que tratavam deste fenômeno em relação ao campo teórico que me oriento, praticamente inexistentes. A principal função da Universidade é gerar conhecimento e com isso ajudar a sociedade a viver melhor. Percebo que muitas instituições de pesquisa e seus núcleos estão fechados para projetos diversificados e novos, mesmo eles fazendo parte da concentração científica.

Esta pesquisa não sugere a generalização das vivências psicológicas do seu proponente e dos seus participantes para aplicação em outros contextos. Porém, utiliza-se delas para refletir com mais propriedade a totalidade. A abordagem fenomenológica foi fundamental para a sua viabilidade. Esta outra maneira de fazer ciência também é válida e grandiosa. Observo que ainda são poucos os estudos qualitativos no Esporte e na Educação Física.

Por fim, destaco que as reflexões e o conhecimento gerado por esta pesquisa também sejam de serventia para ações estruturais no Esporte, principalmente quando envolvem os jovens. Políticas públicas e privadas que garantam a dignidade; a formação da pessoa e não somente do atleta e a boa qualidade de vida desta população são urgentes. Faz-se necessária a responsabilidade social dos Clubes e Federações. Até o momento é uma triste realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, M. M. **Por uma Psicologia Humana**. Campinas: Alínea, 2001.

BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006.

BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. **Coleção Psicologia do esporte e do exercício**. São Paulo: Atheneu, 2007.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLA NA ÁREA. Disponível em: <http://www.bolanaarea.com/gal_copa_sp_juniores.htm>. Acesso em: 17 mai. 2009.

CASTAÑON, G. A. Psicologia Humanista: a história de um dilema epistemológico. **Memorandum**, v. 12, p. 105-124, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/castanon01.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2009.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

CASSORLA, R. M. S. Prefácio. In: TURATO, E. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia, Natal, v. 7, p. 371-378, 2002. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u105559.shtml>>. Acesso em: 17 mai. 2009.

FORGUIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOTO, T. A. **A (re)constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007.

GRECO, J. P. **Iniciação Esportiva Universal**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 2, ago., 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S0102-37722006000200010;lng=pt;nrm=iso>. Acesso em: 25 jun. 2009.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PESSOA, F. **Livro do Desassossego**. Campinas: Unicamp, 1994.

HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da Personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HIPÓLITO, J. Biografia de Carl Rogers. **Revista de Estudos Rogerianos** "A Pessoa como Centro" n. 3, mai., 1999. Disponível em: <<http://www.rogeriana.com/biografia.htm>>. Acesso em: 10 Set. 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. **A noção de estrutura em etnologia**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/Educ, 1996.

MASLOW, A. **Motivation y Personalidad**. Barcelona: Sagitário, 1963.

MAYS, N.; POPE, C. **Qualitative Research: Observational Methods in Health Care Settings**. BMJ, v. 311, n. 1998, p. 182-184, 1995.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6.ed. São Paulo, Hucitec. Rio de Janeiro, Abrasco. 1993.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, set. 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S0102-311X1993000300002>

Ing=pt;nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2009.

MOREIRA, D. A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MORSE, J. M.; FIELD, P. A. **Qualitative Research Methods for Health Professionals**. 2. ed. Thousand Oaks, Sage. 1995.

ROGERS, C. R. The necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality change. *Journal of Counselling Psychology*, v. 21, n. 2, p. 95-103, 1957. In: WOOD, J. K. (Org.). **Abordagem Centrada na Pessoa**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 2008.

ROGERS, C. R. **Em Busca de Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ROGERS, C. R. Aspectos significativos da terapia centrada no cliente. In: WOOD, J. K. (Org.). **Abordagem Centrada na Pessoa** 3.ed. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida. 1997.

ROGERS, C. R. **Sobre o Poder Pessoal**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

ROGERS, C. R., SANTOS, A. M., BOWEN, M. C. V. B. **Quando Fala O Coração**. São Paulo: Vetor, 2004.

ROGERS, C. R. **Psicoterapia e Consulta Psicológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROGERS, C. R. **Quando Fala o Coração**. São Paulo: Vetor. 2004.

ROGERS, C. R. **Um Jeito de Ser**. São Paulo: EPU, 2007.

ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. L. **A Pessoa Como Centro**. São Paulo: EPU, 2008.

ROGERS, C. R. **Grupos de Encontro**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

RÚBIO, K. **Psicologia do Esporte Aplicada**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte**. São Paulo: Manole, 2002.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. **Psicol. USP**, v.17, n.2, p. 11-41, jun., 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1678-51772006000200002;lng=pt;nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2009.

SOUZA, T. Y.; BRANCO, A. M. C. U. A.; OLIVEIRA, M. C. S. L. Pesquisa Qualitativa e desenvolvimento humano: aspectos históricos e tendências atuais. **Fractal, Rev. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, dez., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S1984-02922008000200004;lng=pt;nrm=iso>. Acesso em: 17 ago. 2009.

TAMBARA, N.; FREIRE, E. **Terapia centrada no cliente: teoria e prática: um caminho sem volta**. Porto Alegre: Delphos. 1999.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S0034-89102005000300025;lng=pt;nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2009.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 22, n. 63, fev., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext;pid=S0102-69092007000100012;lng=pt;nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2009.

VICENTINO, C. **História Geral**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

WEINBERG, R. S.; GOULD, B. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WOOD, J. K. Prólogo. In: WOOD, J. K. (Org.), **Abordagem Centrada na Pessoa**. 4.ed. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida. 2008.